REVISTA DA SEMANA

NACIO
Rio de Janeiro

NO TEXTO:

O OURO DO AMAPÁ

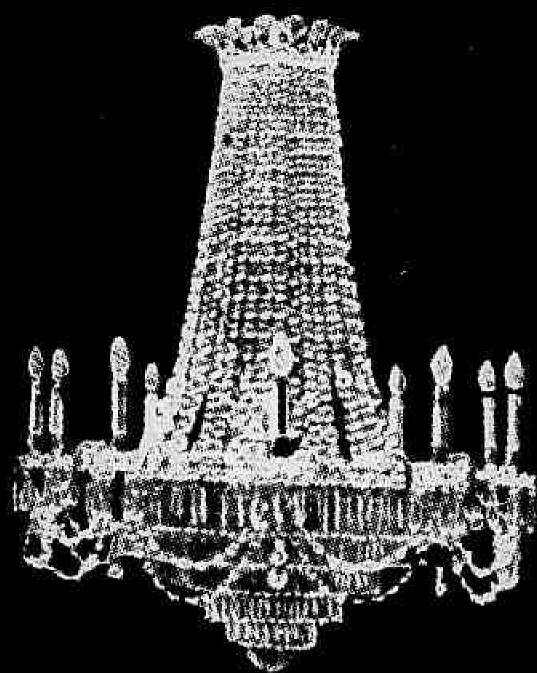
A CONTRADIÇÃO DOS SEXOS

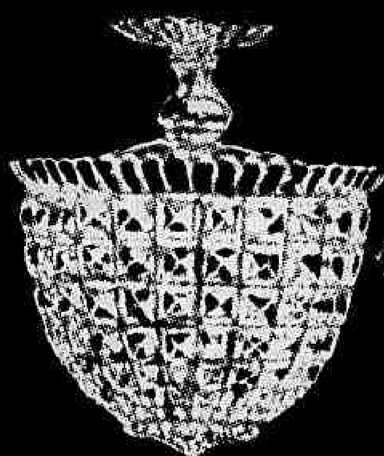
A FAMÍLIA INGRID - ROSSELINI

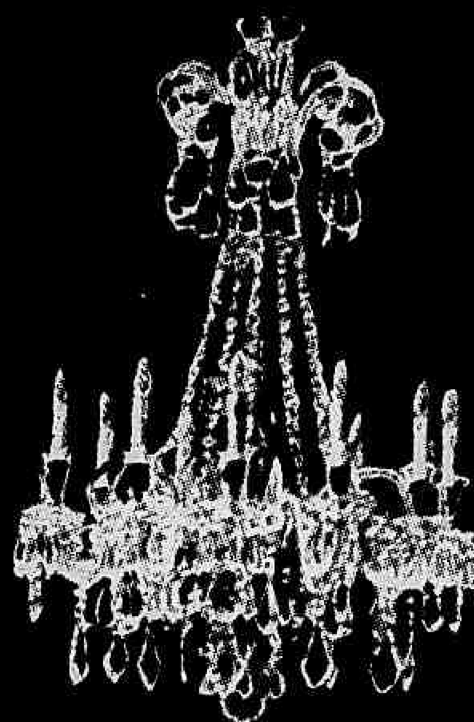


A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

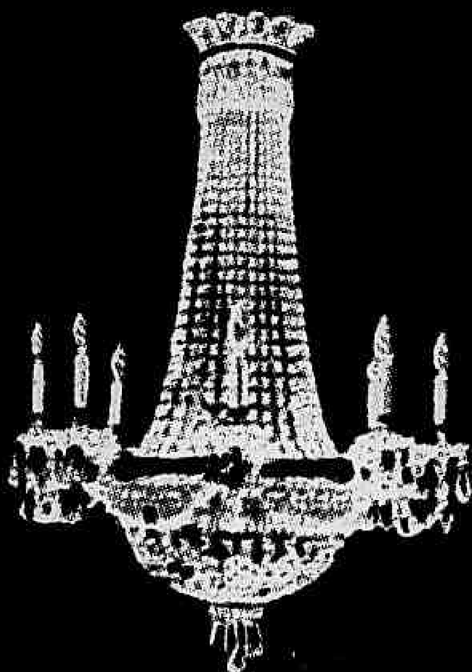
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



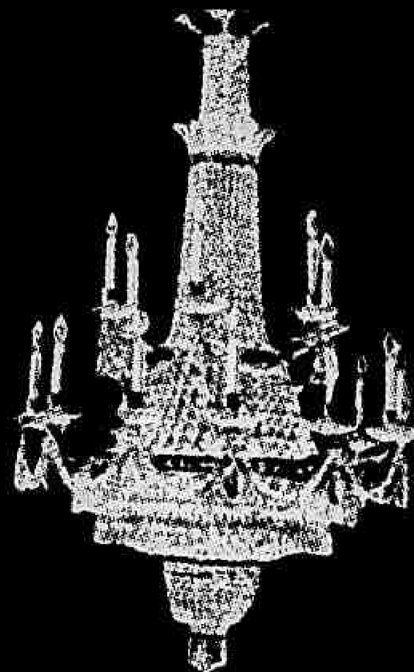




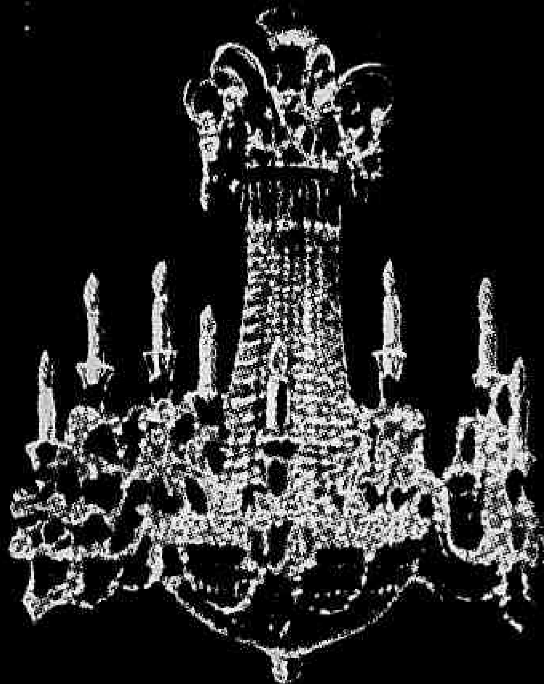
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.

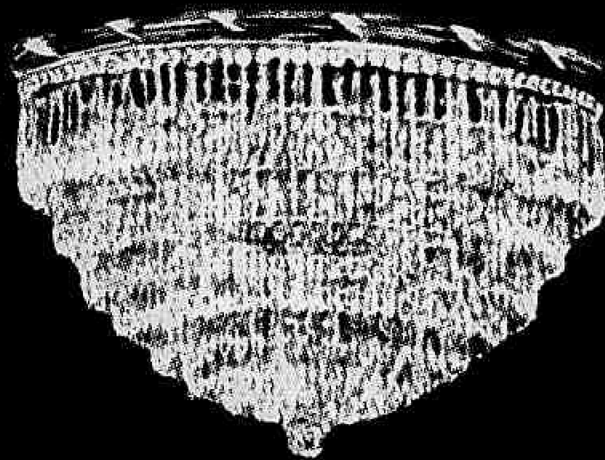


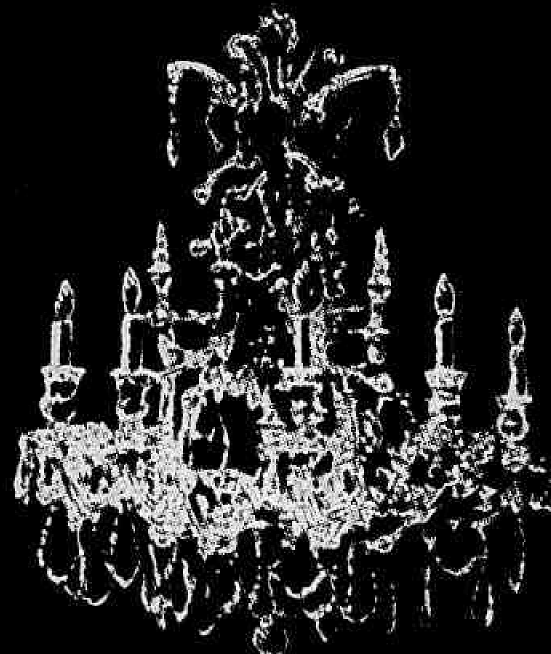




ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO





Em cima, da esquerda para a direita: Sra. Nixon e Sen. Nixon; Eisenhower e senhora, durante a solene 25.ª Convenção do Partido Republicano. Ao lado: o senador Everett Dirken, de Illinois, em companhia dos componentes de uma delegação republicana de Pensilvânia.

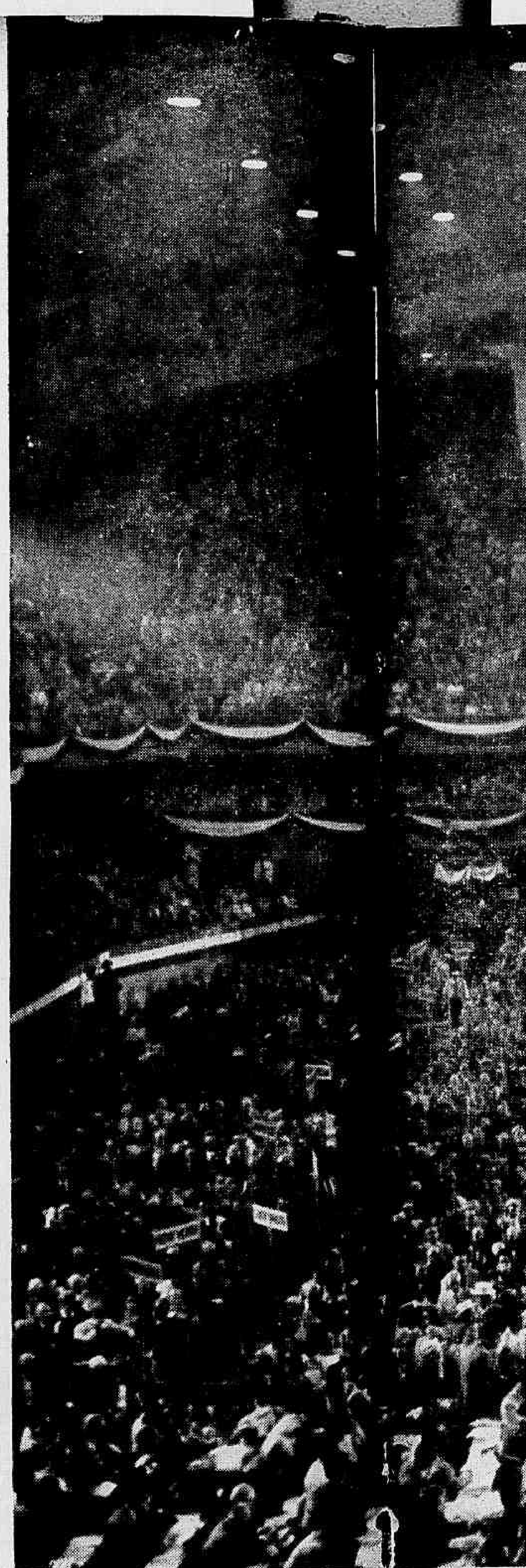
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS ★ RECORDE DOS PARTIDOS ★ AS CONVENÇÕES ★ EISENHOWER, CANDIDATO

AS CONVENÇÕES AMERICANAS



Em cima: — flagrante das várias delegações republicanas presentes à Convenção Nacional que se realizou no anfiteatro internacional da cidade de Chicago, para escolha de seus candidatos às próximas eleições. Em baixo: — mais delegações que participaram das retumbantes ovações, sob a direção de Herbert Hoover.





Vista geral da grandiosa Convenção

O Presidente dos Estados Unidos não é eleito diretamente pelo povo, e sim, indiretamente, por um colégio especial, no qual cada Estado tem tantos votos quantos os seus representantes (deputados e senadores) no Congresso Nacional. Atualmente êsse colégio se compõe de 531 membros.

Dessa forma, o que o povo americano vai eleger, a 4 de novembro próximo, não é o novo presidente, mas os delegados que o deverão, posteriormente, eleger, de acôrdo com a Constituição. Na prática, entretanto, o que acontece é que a conquista, por um partido, da maioria dos eleitores presidenciais assegura a vitória antecipada do seu candidato. Jamais se pensou sequer na hipótese de delegados eleitos por um partido se bandearem para outro e, dessa forma modificarem o resultado da escolha popular.

do Partid

Como e
Estados U
cia estad
dos 48 E
processo
escolha

A pri
Assemblé
ram a s
ma de d
deputado
nar o sis
o qual c
maior nú
de dos e

O

O Par
e Truma
dos Esta
a eleiçã
isso oco
anterior



...nvenção do Partido Republicano, vendo-se o enorme anfiteatro internacional de Chicago superlotado, quando se ovacionava o nome do Gen. Eisenhower para presidente.

...idos não
... povo, e
...légio es-
...m tantos
...sentantes
...Congresso
...légio se

...mericano
... próximo,
...s os de-
...riormente,
...uição. Na
...ontece é
... da maio-
... assegura
...andidato.
...pótese de
...o se ban-
...orma mo-
...colha po-

Como é sabido, o direito eleitoral, nos Estados Unidos, é assunto da competência estadual. Isso significa que cada um dos 48 Estados regula, a seu modo, o processo das eleições, inclusive para a escolha dos eleitores presidenciais.

A princípio, eram êles eleitos pelas Assembléias dos Estados. Depois passaram a ser eleitos pelo povo, pelo sistema de distritos, como nas eleições para deputados. Por fim, passou a predominar o sistema de lista completa, segundo o qual o partido, que leva às urnas o maior número de votos, elege a totalidade dos eleitores presidenciais do Estado.

O RECORDE DOS PARTIDOS

O Partido Democrático, com Roosevelt e Truman, vem ocupando a presidência dos Estados Unidos há **vinte anos, desde a eleição de 1932. E' a primeira vez que isso ocorre na história** do partido que, **anteriormente, só conseguiu permanecer** no poder por períodos menores. Assim ocorreu nos 12 anos das administrações de Jackson e Van Buren, nos 8 anos de Pierce e Buchanan (1852 a 1860) e nos 8 anos de Wilson (1912 a 1920).

O Partido Republicano, constituído em 1856, quatro anos depois conquistou o poder com Abraham Lincoln, só o tendo perdido para o democrático Cleveland em 1884. Depois disso, ocupou a presidência por 16 anos contínuos (1896-1912), tendo estado no govêrno, pela última vez, por 12 anos (1920-1932), com Harding, Coolidge e Hoover.

Nos últimos 120 anos, a Casa Branca teve hóspedes *whigs* e republicanos em 16 quatriênios e democráticos, em 14, o que dá respectivamente 64 anos para os primeiros e 56 para os segundos.

E' preciso não esquecer que nos Estados Unidos há inteira liberdade para a organização de partidos. Ao lado dos dois grandes partidos **históricos, há ou**tros menores. Basta dizer que, **desde** 1904, o Partido Socialista tem disputado a presidência em tôdas as eleições. O Partido Comunista fêz o mesmo em 1932 e 1936. Além disso, há sempre os candidatos dos partidos efêmeros ou de coligações ocasionais. Mas a verdade é que socialistas, comunistas e partidos menores não levam às urnas, em conjunto, mais de cinco por cento da votação dos dois grandes partidos.

Em livro escrito há vinte anos, observou Siegfried que o Partido Republicano é, em essência, o da riqueza organizada, da grande produção capitalista. Quanto aos democráticos, acentuou que a sua tradição reside, principalmente, na defesa das minorias e dos não-organizados, tendo sua razão de ser numa perpétua e mutável coalizão de descontentes.

Mas, se é verdade que a vida política americana dos últimos tempos, confirma que o Republicano foi o partido da livre iniciativa e da expansão do capitalismo, não é **menos** certo que o Democrático é o partido dos movimentos populares contra a rotina e os privilégios conservadores. O primeiro parece ter sido ferido de morte na crise de 1929. O segundo é não só o partido que venceu duas guerras mundiais como o que, através do New Deal, abriu novos rumos no sentido da democratização da vida econômica.

Por isso, os observadores da política americana reconhecem que, embora o general Eisenhower possa vencer a batalha eleitoral de novembro próximo, será temerário admitir, desde já, que os democráticos estejam perdidos.

AS CONVENÇÕES

Os primeiros **presidentes dos Estados Unidos (Washington, Adams, Jefferson, Madison, Monroe e John Quincy Adams)** não foram candidatos **apresentados em** convenções partidárias.

Até 1832, a **escolha de candidatos à**

AS CONVENÇÕES AMERICANAS



Clarence Brown, de Ohio, perdeu para o Gen. Eisenhower, por 658-548. A convenção de 7 de julho do Partido Republico foi uma surprêsa para muitos americanos.

presidência era feita através do caucus, isto é, de reuniões dos representantes de cada partido, ou corrente, no Congresso.

As primeiras convenções, como assembléias públicas de delegados estaduais dos partidos, realizaram-se em 1832, ano em que foi reeleito o presidente Andrew Jackson.

O atual Partido Democrático, organizado durante o govêrno de Jackson, vem desde então realizando, de quatro em quatro anos, as suas convenções nacionais.

O Partido Republicano, organizado em 1856, desde esta data tem também realizado, ininterruptamente, as suas convenções. O Partido *Whig*, que o antecedeu no campo oposto ao democrático, já vinha realizando convenções quadrienais desde 1832, só não o tendo feito em 1836.

Por muito tempo, cada partido regulava, por processos diferentes, a indicação de seus representantes às convenções Nacionais.

Mas, a instituição das chamadas eleições primárias muito tem contribuído para uma progressiva uniformização daqueles processos. Atualmente, na maioria dos Estados, os convencionais são escolhidos em eleições primárias, quer dizer, em verdadeiras eleições prévias, destinadas à escolha de candidatos que devem ser sufragados, posteriormente, em eleições definitivas.

Em alguns Estados, todavia, os convencionais são eleitos em convenções

(*Cont. na pág.* 52)





O Governador John S. Fine, da Pensilvânia, parecia o enigma da Convenção. Mas venceu Eisenhower na simpatia e boa acolhida que teve por parte dos convencionais. Na foto: à direita Waltwer S. Hallanan e Fine, quando se dirigia com entusiasmo às delegações presentes. O General Dwight D. Eisenhower ganhou substancialmente e é o candidato republicano à presidência da República. O Partido Republicano está coeso para o pleito final.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 31 ★ 2-8-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

As Convenções americanas 3/ 6
O ouro do Amapá (por Tito Silveira) .. 10/13
A família Ingrid-Rosselini 14/15
A contradição dos sexos 18/19
Brincando de coisa séria (por Domingos de Lucca Júnior) 27/29
Vitoriosa estréia do Brasil 54/57

LITERATURA

Lampeão mistificado (por Luiz Cristóvão dos Santos) 7
Está na hora (por Géo William) 8
Coincidência (por Edgar de Souza Machado) 23/46
O Conquistador (por Anne Head) 26/46
Semana literária (por Edmundo Lys) .. 16/17

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Mossadegh) . 9
Lido... visto... ouvido... (por Jim) . 20/21
A Revista há 50 anos 34
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (por Renato Cantaxo) 43

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24

FOLHETINS

Filho, meu filho 32/33
Aventuras do Capitão Rob 44/45

FEMININAS

Dois casacos 35
Elegantes 38
Uma professôra e 60.000 mulheres (por Isolete) 42
Rotina de Beleza 43
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 47
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 46

CARICATURA

Êste mundo e o outro (por Darcy) ... 53

VARIEDADES

Por que usamos os "Baby-tanks" na guerra 31

NA CAPA

Elizabeth Taylor (Foto Paramount)

LAMPEÃO MISTIFICADO



O Rei do Cangaço tem servido aos mais variados temas literários; fazem de Lampeão um prato à minuta, para os mais estranhos paladares. Ora êle surge de punhal à mão, sanguinário e tremendo, açoitando o sertão como um Átila mestiço, ora lhe metem duas asas de "anjo de procissão" e a fera aperece com ares de mocinho bom. Dias atrás, um jornal carioca trouxe o bandoleiro numa cidadezinha pernambucana conversando calmamente no meio da praça, se maldizendo da sorte, enquanto um cavaleiro refastelado dentro de um automóvel asscava o nariz e enxugava os olhos ao ouvir as lamúrias de Lampeão. Noutra publicação, lá vem Virgolino perdoando um "herói", que lhe atirara de ponte do alto da tôrre de uma igreja. E por aí vai. O cangaceiro desfila perante os leitores, vestido de couro, em fraldas e até de linho, contanto que a mistificação não pare e a deturpação prossiga. Essa porém não é a verdade sôbre a história, salpicada de sangue, de Lampeão, o homem que conquistou triste notoriedade, espalhando o terror e a morte pelos sertões nordestinos. Foi uma vida malsinada a dêsse filho do Pajeú, contra quem o Destino lavrou a mais negra sentença conhecida nos anais da história do crime no Brasil. Perseguido pelas fôrças policiais, de quase uma dezena de Estados, Lampeão teve que lutar pela sobrevivência durante muitos anos, até que foi morto inglòriamente, na Gruta dos Angicos, em Sergipe, tendo a cabeça decepada para servir de estudos aos homens da Ciência. O que, no entanto, pouca gente conhece são as causas e os motivos que transformaram o antigo matuto da Serra Talhada no mais temido e famoso cangaceiro das Américas. Que era um criminoso nato, um tarado, isso ninguém pode afirmar, mesmo porque de há muito foi abolida a velharia do homem lombrosiano. Resta, pois, aos olhos dos estudiosos, a figura do matuto Virgolino Ferreira da Silva, de buranhém à mão, tangendo a tropa de burros pelos caminhos das vilas e povoados do Riacho do Navio e do Pajeú, na mascateação ambulante — antes da aventura sangrenta do cangaço. O sertanejo nascido para a luta dos campos e para vaquejar, que vendia bugigangas nas feiras humildes, um dia trocou a vida do trabalho pela existência trepidante dos "fora da lei". Por quê? Quem lhe armou o braço honesto na mão mais temida dos sertões, cujo dedo premia um gatilho de mosquetão que de tanto atirar mais parecia um "lampião"? Que fôrça estranha transformou assim o curso de uma vida e torceu poderosamente o caminho de um destino humano? Ainda criança, ouvi nos sertões as histórias que situavam Lampeão como um "injustiçado", naqueles mundos ásperos, onde a Lei e a Civilização ainda não haviam chegado. Contavam, por exemplo, na vila da Custódia que a "embcança" começou por causa de uns chocalhos de bode, entre as famílias do velho Zé Saturnino e dos Ferreiras, a que pertencia Lampeão. Foi o rastilho para as "razzias" e os ajustes de conta. A polícia se mete no meio. Um irmão de Lampeão é ferido. Fogem para Alagoas, onde o pai é assassinado. Aí fechou-se o tempo para os irmãos Ferreira — Antônio, Virgolino e Levino. Disparados os primeiros tiros, aparece o bandoleiro — fenômeno social. O meio ambiente, agressivo e hostil, encarregou-se do resto. Do almocreve, Virgolino fabricou o cangaceiro que não foi nem anjo nem satanaz e simplesmente um bandoleiro, com a sua personalidade explodindo através do temperamento belicoso nos rompantes da alma jagunça e com o seu facies profundamente marcado pela influência daqueles mundos ásperos. Virgolino pendurou o buranhém com que tangia a sua burrama, guardou o seu malote de bugigangas e, em companhia dos parentes, "deu de garra" aum mosquetão para vingar a morte do velho Ferreira e fazer a justiça que lhe negaram. Não sei até onde vai a verdade e começa a fantasia naquelas histórias que os meus ouvidos meninos escutaram. Creio, porém, que Virgolino bem merecia que se lhe estudassem as causas e origens de sua existência trágica, a causa da sua tragédia e de seu destino truncado. E se outra cousa não lhe advisse, pelo menos, seria compreendido e talvez perdoado, na sua imensa desgraça, o almocreve Virgolino Ferreira da Silva, que depois se chamou simplesmente — Lampeão!

LUIZ CRISTÓVÃO DOS SANTOS

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

PEQUENO CONTO

ESTÁ NA HORA!

Por GÉO WILLIAM



NO locutório da Penitenciária agarrou-se, com os dedos em gancho, à grossa rêde de arame que o separava da sua jovem espôsa. Fitou-a nos olhos, buscando sondar-lhe a alma, essa alma que jamais soubera interpretar. Vivia na dúvida atroz: seria ela um perjura ou então uma inocente e pura?

Matara por ela, num assomo de ciúmes quando a suspeita lhe dominara o cérebro, tornando-o louco. Havia indícios veementes. Não chegara a constatar o "fato" material, mas bastara-lhe a seqüência de provas para torná-lo um assassino. Aos seus pés, lavada em lágrimas, ela jurara a própria inocência. Gritara-lhe no rosto desfeito pela ira e pelo convulso do drama, todo o seu amor de mulher. Acabara acreditando. Curvava-se à evidência ante aquela prova...

•

— Agora é tarde — dissera-lhe, logo após a sua condenação.

— Nunca é tarde e eu envidarei todos os esforços para te salvar! Desejo mostrar-te a quanto chega a minha dedicação!

— Nada poderás fazer!...

— Tudo farei!

E realmente fêz tudo: ficou inerte, deixando correr o marfim. Havia nela um único desejo: sabê-lo "frito" na cadeira elétrica e com isso gozar completamente a sua vingança, ou seja, vê-lo morto, de forma infamante, por lhe ter eliminado o grande amor que tinha sido o homem abatido pelo chumbo do espôso.

Enredava-o com promessas, com falsos recados, aumentando-lhe as esperanças para aumentar a angústia do derradeiro momento. E diabòlicamente chegara a êsse ponto de saturação, pois que agora lia-lhe nos olhos a ânsia tremenda, agarrado como estava à grade, interrogando-a com o olhar esvurmador e ansioso.

Havia, nesse olhar, tôdas as dúvidas, tôdas as perguntas, tôdas as ânsias e esperanças de um homem prêso por um fio e que, desfibrado pelo encarceramento, vira seu ânimo se esfrangalhar aos poucos, roído brutalmente pela crua realidade, que distanciara os primeiros momentos de emotividade.

•

— Estive com o governador. S. excia. prometeu-me, para amanhã, comutar a pena e, em seguida trataremos da revisão do processo. Verás que tudo correrá bem. Em breve estaremos novamente juntos e reiniciaremos a nossa vida esfrangalhada.

— Mas amanhã é o dia... — tartamudeou êle.

— Não deves temer! Será amanhã!

E foi mesmo...

•

Êle aguardou até o último momento. Agarrou-se desesperadamente a essa esperança, a essa quase certeza, em face das confiantes declarações da espôsa. Quando abriram a cela e nela penetraram, julgou ter chegado a notícia salvadora. Mas o diretor, com ares compungidos, disse-lhe:

— Está na hora!

Seguiu como autômato os guardas, tendo ao lado o padre que o incitava a volver seus pensamentos a Deus. Seguiu e sentou-se na cadeira elétrica, murmurando:

— Está na hora...

A Semana

Industria do contrabando



MAIS uma nota de protesto do nosso govêrno entregue ao da Argentina, em virtude dos já irritantes conflitos de fronteiras. Da primeira vez, o Ministro do Exterior daquele país comunicou ao nosso govêrno que o assunto carecia de importância, uma vez que se tratava de casos vulgares de repressão ao contrabando entre o Brasil e a Argentina através do rio Uruguai. Mas, há nas informações da Chancelaria portenha uma parte que merece atenção. Declarou o ministro do Interior daquêle país que o seu govêrno dera autorização a mais de quatro mil mulheres do lado brasileiro, para que adquirissem do lado argentino produtos no valor máximo de 50 pesos, para uso pessoal. Entretanto, organizaram do nosso lado verdadeiro "pool", no qual foram depositados 86 milhões de pesos de mercadorias diversas e 32 milhões de pesos de gasolina. Segundo explicou o ministro Borlenghi, não é sòmente entre Brasil e Argentina que tais ajuntamentos se organizaram para fraudar as leis fiscais. Também se dá o mesmo na fronteira chilena, boliviana e paraguaia. A repressão de seu país contra o mercado clandestino já custou à Argentina 21 policiais mortos e 112 feridos em ações contra os meliantes. E a Argentina não protestou perante os seus vizinhos. Aí está uma particularidade que devia merecer as atenções de nossas autoridades.

Simpósio de Física



DOIS acontecimentos empolgantes coincidiram na mesma época, aqui no Rio: o Campeonato de Futebol da Taça Rio, de âmbito internacional, e o Simpósio Internacional de Física. Como não podia deixar de ser, o povo não tomou conhecimento do último, e só se interessou pelo primeiro. Um dianteiro que mais corra, mais drible, mais atire a bola a "goal", é um gênio, um herói, uma coisa fenomenal, a avultar desmedidamente na alma popular. A imprensa, o rádio, o cinema tomam conta dos jogadores e êles são elevados a culminâncias indescritíveis. Os locutores de rádio lhes pedem uma palavra aos seus fãs, e os heróis, só acostumados a lutar com os pés, ficam incapazes de articular uma frase, por mais simples que seja. Limitam-se a dizer um "muito obrigado", que sai espremido da garganta. Mas isso não é prova de incapacidade mental; é a emoção, a sensibilidade que os empolga e ficam assim sem poder expandir-se. Um chute violento de Baltazar, ou de Ademir, vale muito mais do que as pesquisas de César Lattes e as descobertas do Prof. Homero Barbosa, da Politécnica de S. Paulo, sôbre os baristores das chamas de arcos elétricos de alta freqüência. E' claro. Começa-se por não saber o que vem a ser "Simpósio", Simpósio de Física. A imprensa deveria trocar isso em miúdos para poder interessar o leitor. E' nome grego, e, no caso, quer dizer uma festa de sábios. Por isso o povo prefere o Simpósio do Maracanã...

Em Revista

É gostoso mesmo

HÁ, nas crônicas sociais e políticas de nossa terra, vários episódios pitorescos que não entram na História com letra maiúscula, porque essa espécie de História é mais sisuda, mais acadêmica e não admite pilhérias. Mas de quando em quando surge um comentarista e descobre os fatos passados entre bastidores, trazendo mais graça aos que se dedicam a leituras divertidas. Dentre os vários capítulos de curiosidades e episódios engraçados, conta-se o daquele cidadão modesto, de excelente educação e alma grande, que, elevado a uma das mais altas posições de mando político dêste país, em conversa com um amigo do peito, confessou que não tolerava o chaleirismo em tôrno de sua pessoa. O amigo, então, concordando com êle, pois lhe conhecia o feitio moral, disse: "Mas Fulano, todo mundo gosta dessas cortesanias e salamaleques. Só você não se deixou envolver". A isso, o político respondeu com a maior sinceridade: "Bem... você compreende; eu não aprovo; mas que é gostoso é". Com efeito. Nem todos resistem ao fascínio de uma posição de elevado nível no mando político. Presidente de República, governador de Estado, Ministro de pastas importantes, tudo isso atrai os que esperam algo do poder. O caso do governador Régis Pacheco é sintomático. Médico, modesto, não se conformou com a omissão de seu nome numa faixa em Caldas do Cipó. E meteu o responsável na cadeia...



Futebol e educação

FOI aprovada, na votação do dia 17 de julho, na Câmara dos Vereadores Municipais do Distrito Federal, uma emenda que autorizava a Municipalidade a concorrer com uma verba de Cr$ 2.170.000,00, em favor da Federação Brasileira de Desportos, a fim de serem cobertas as despesas com a realização da "Copa Rio", então inaugurada sob os auspícios do Fluminense. A verba trazia o motivo ponderável de ser uma homenagem ao 50º aniversário da fundação do estimado clube. Levantaram-se muitos vereadores para condenar essa despesa; mas a emenda n.º 16 passou e foi aprovada, finalmente, por 31 votos. Muito bem. Na mesma sessão, entretanto, foi reprovada uma outra emenda que tinha por fim a construção de um ginásio na Circular da Penha ou Penha Circular, o que vem a dar na mesma. Não passou. Para que dotar-se aquêle subúrbio com uma casa de educação e ensino? Quem não puder mandar seus filhos a Coimbra, Paris ou qualquer outro centro de cultura, que ensine aos garotos mesmo no quintal das casas. Além disso, se o Brasil se está dando muito bem com a cultura do pé na bola, criando seus campeões de futebol a ponto de provocar-se a inveja do mundo inteiro, para que pensar-se em ginásios para a mocidade estudiosa? Que as crianças se organizem em times de rua, de bairros, de zona e se especializem em dar pontapé em bolas. Um dia serão os mais famosos brasileiros...



A PERSONAGEM DA SEMANA


Mohammed Mossadegh

A 26 de maio de 1951, entregou a Inglaterra, ao julgamento da Côrte Internacional de Justiça, com sede em Haya, a discussão do seu caso com o Irã em tôrno da exportação do petróleo daquele país. Nesse ínterim muitos acontecimentos vieram à tona e as ruas de Teerã serviram de palco a agitações que, por pouco, não se converteram em conflito internacional, ou mudança do sistema de govêrno da velha Pérsia, trocando-se a coroa pelo barrete frígio. O velho estadista Mohammed Mossadegh, apeado do poder, a fim de não aumentar a ebulição política, sustentava a tese de que o Tribunal de Haya não tinha competência para decidir a pendência anglo-iraniana. Estavam as coisas em estado de pacificação e reentendimentos internacionais, quando o povo do Irã voltou a agitar-se nas ruas da capital do país, exigindo a volta de Mossadegh ao lugar de Primeiro Ministro. Os tumultos de Teerã resultaram em muitas mortes e ferimentos graves, inclusive um irmão do Xá. O caso foi entregue à apreciação do Mailis (Câmara dos Deputados), cujos membros, reunidos em sessão histórica, aprovou por sessenta e um votos contra zero a volta de Mossadegh à chefia do Gabinete persa. Mossadegh, porém, só aceitaria numa condição: a de lhe ser também dada a pasta da Guerra. Embora o soberano não quisesse atender, viu-se forçado a permitir a nomeação de Mossadegh para o Ministério da Guerra, o que determinou as maiores expansões populares no país, feriando-se o dia 22 de julho, enquanto o povo pedia, nas ruas, pena capital para os traidores do anterior gabinete. Essas manifestações chegaram ao mais elevado grau quando o rádio começou a divulgar a sensacional notícia de que, em Haya, a Côrte Internacional de Justiça havia-se considerado incompetente para julgar o conflito anglo-iraniano, por nove votos a cinco. Era a tese de Mossadegh que chegava à vitória final. Votaram a favor da pretensão inglêsa os seguintes membros: Brasil, Canadá, Chile, Inglaterra e Estados Unidos; e contra: Salvador, Uruguai, França, Polônia, Iugoslávia, Noruega, Egito, China (nacionalista) e Irã.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os dás substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

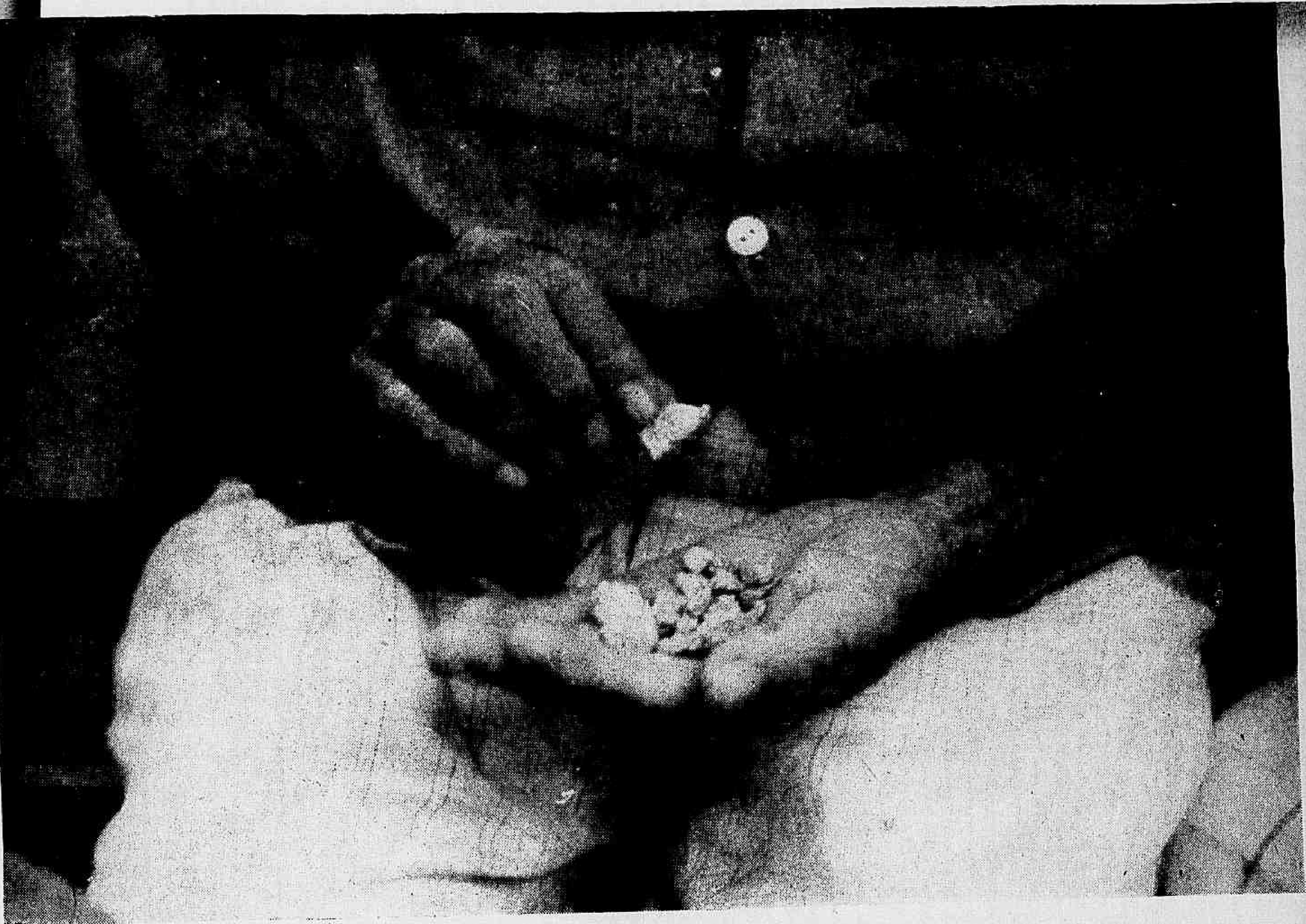
• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

O maior blefe do ano:



O OURO DO AMAPÁ



Ao lado: — Eliseu dos Santos Neves faz suas declarações: "Desilusão, doença e morte nos obrigaram a desistir: tudo ali é bem diferente do que se diz; voltei doente e trouxe, apenas, nove gramas de ouro."

Em cima: — Nas mãos — de pele arrenbentada pela febre — as cento e quinze gramas de ouro que recompensaram, para José Pedro de Maria, paraibano, um mês de trabalho em São Domingos, igarapé dos Patos.

NÃO HÁ QUANTIDADES ENORMES DO METAL PRECIOSO ★ NÃO ACORRERAM MILHARES DE GARIMPEIROS ★ NÃO FICAM NO AMAPÁ AS «MINAS» DO IGARAPÉ DOS PATOS ★ HEROÍSMO, DESILUSÕES, DOENÇA E FOME!

Reportagem de TITO SILVEIRA

MACAPÁ, de uma hora para outra, viu-se centro da atenção nacional e do mundo: "minas" riquíssimas, ao que se propalava, haviam dado, em dezesseis dias, expolradas por seus descobridores, dois homens apenas (Eronias Fernandes da Silva e Raimundo de Oliveira Cosme), cêrca de quarenta quilos de ouro. Informações fornecidas por representantes do Amapá, onde a dificuldade de comunicações torna difícil a obtenção de dados pormenorizados sôbre os locais mais distantes, pareciam confirmar a nova sensacional: quatro mil pessoas estariam demandando o igarapé dos Patos, os descobridores do garimpo teriam totalizado 135 quilos de ouro desde o início de seu trabalho, as "minas" permitiriam a exploração por mais cinco anos no mínimo!

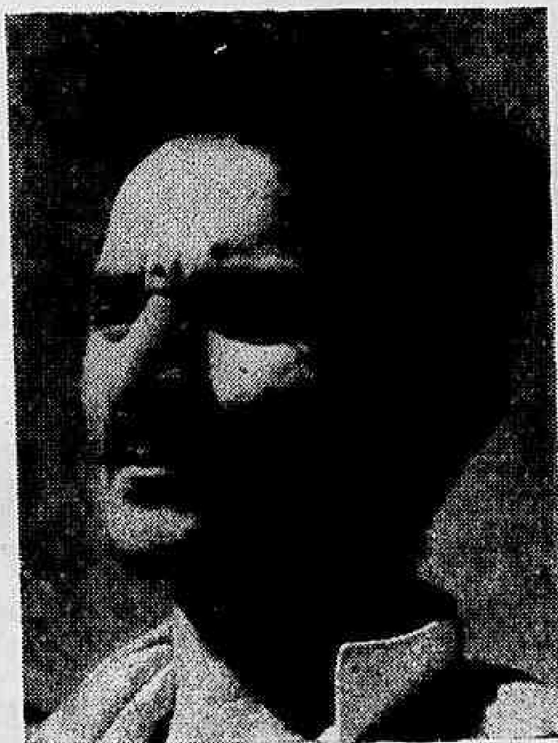
Percorrendo a região do Jari, entretanto, obteve o jornalista, dos próprios garimpeiros que retornavam — dos que conseguiam retornar — informação completamente diversa. Para começar, as "minas" ficavam no Estado do Pará. O igarapé dos Patos é afluente do Ipitinga, que é contribuinte do Jari, rio divisório do Território do Aamapá com o Pará. Depois, ouro em quantidade, talvez uns vinte quilos — segundo a maioria das previsões, só para aquêles que haviam descoberto o local. E os interessados que afluíram, na maioria profissionais, não chegavam a mil. Só se confirmaram, como em tantas outras "corridas" que o Amapá já registrou, a fome, a miséria e a doença.



João Braz Sobrinho, de 53 anos, pai de sete filhos, morador de Jarilândia, voltou doente, sem mais nada.



Êste é outro garimpeiro nascido na região e que procurou nas "minas", melhorar; mas ouro, nem uma grama.



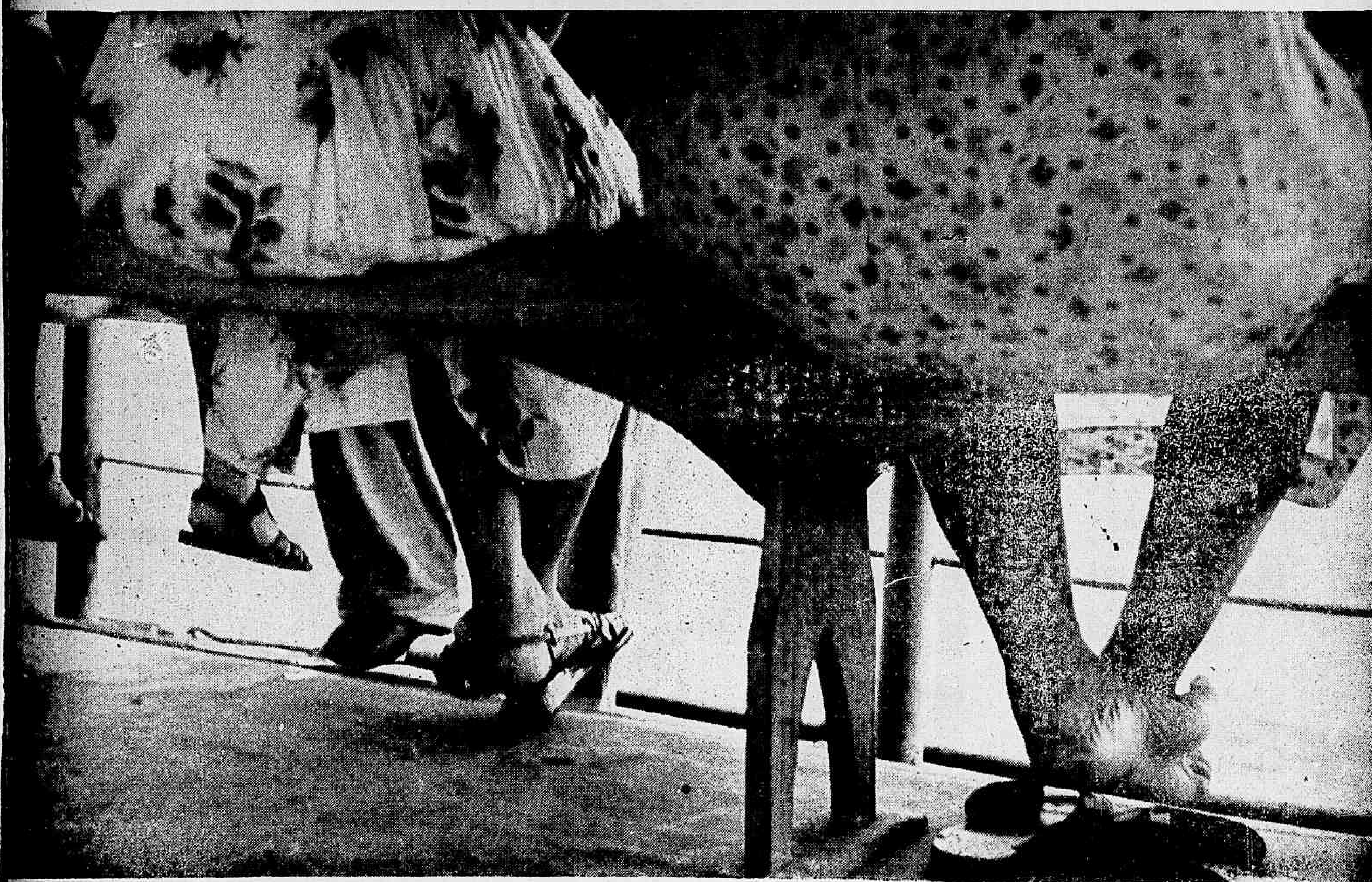
A doença e o desânimo se refletem no rosto de Antônio da Silva Leitão. Só trouxe de volta a malária.

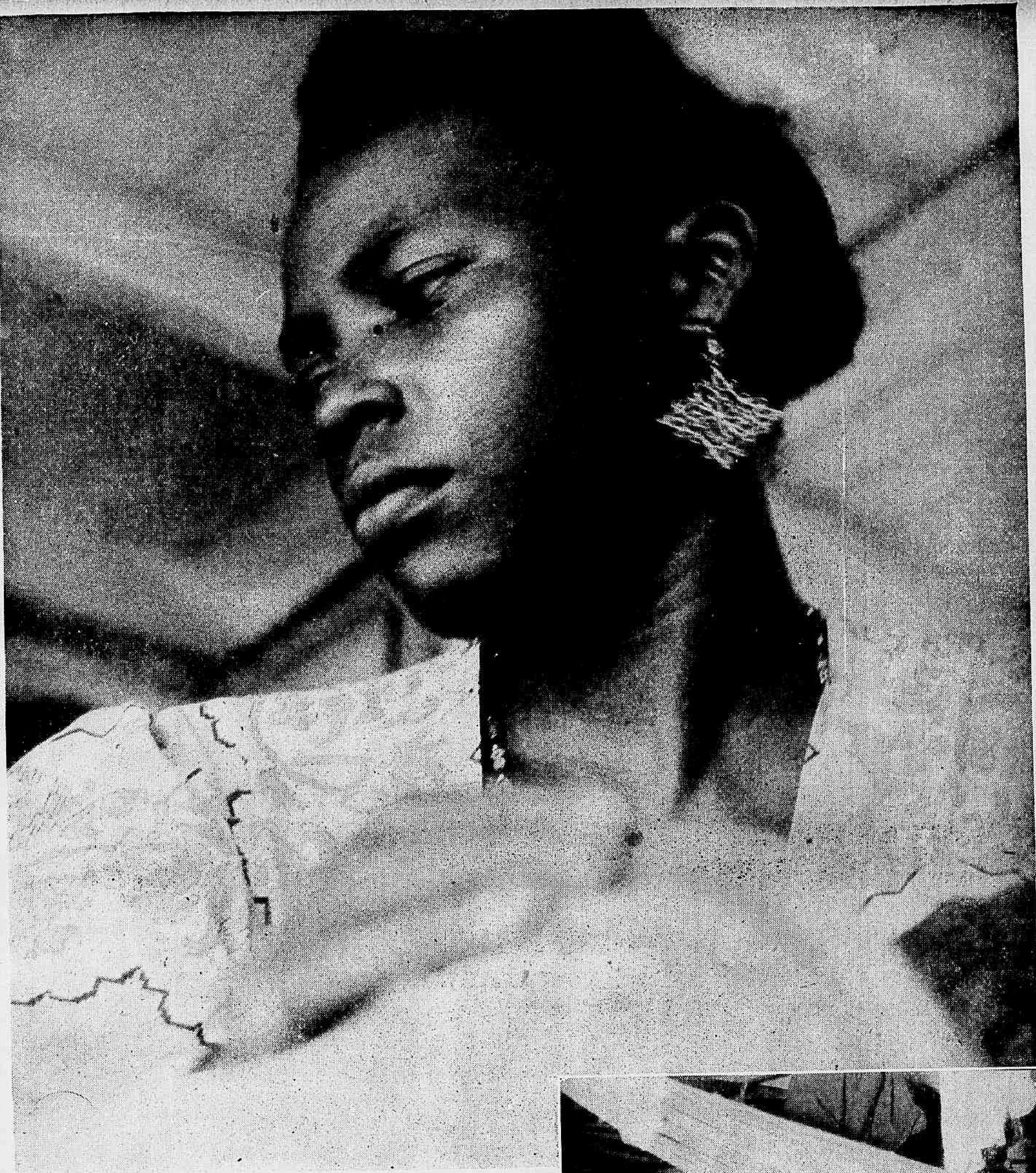


José da Silva Jorge, de Mazagão: "Não adiantava ficar empatado. Voltei porque o igarapé não dá mais nada".



Nem tudo é desolação ali: estas duas morenas brasileiras, moradoras em "Paga-Dividas", o mais próspero seringal da região às margens do Jari, embora usando chinelos, envergam vestidos estampados. E não fariam má figura na praia de Maria Angu. Em baixo: sentados no banco da lancha "Amapá", os passageiros observam a paisagem e sonham acordados. No tipo de calçado, vê-se a influência nordestina. Domina a alpercata, com sola de pneu.



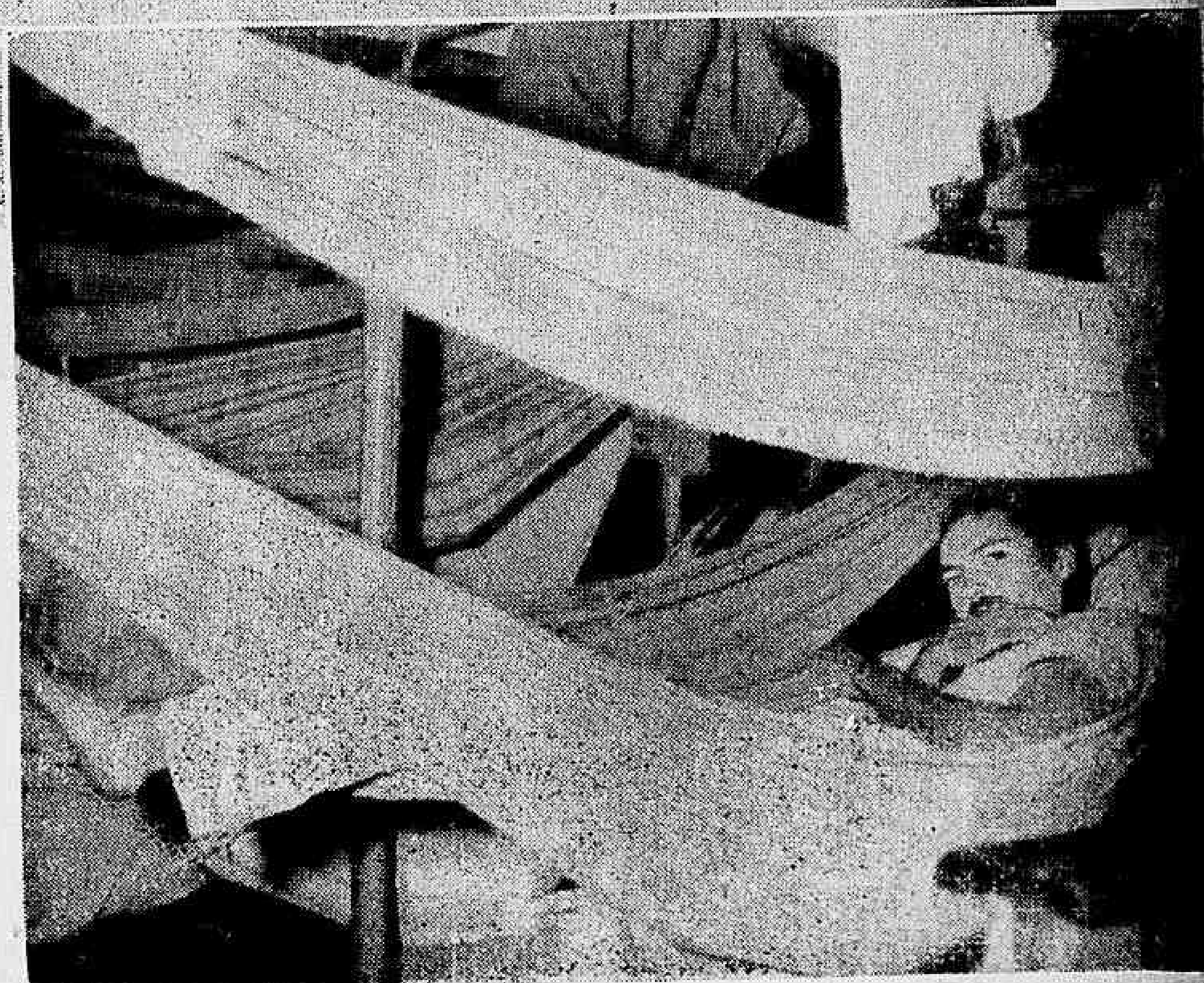


Rosita Doseide — uma das mulheres de Barbados (Índias Ocidentais Inglêsas) — trouxe em seu poder muita mercadoria. Como as outras mulheres do local faz qualquer negócio; são da aventura, e ganham... ouro!

A OCORRÊNCIA E' NORMAL

Para os conhecedores da região, entretanto, a começar pelo governador do Território, major Janay Gentil Nunes, o fenômeno nada tinha de especial:

— "Admiei-me da repercussão do fato, que ocorrera antes e, por vêzes, com resultados muito mais positivos que agora. Todos os rios do Amapá já deram ouro: o Oiapoc, em 1935; O Caciporé, três anos depois; o Amapari, em 1939; o Vila Nova, no ano seguinte; e o Jari, há dois anos. Para cada uma dessas ocasiões houve "corrida", embora sem o alarde da atual. Nas cabeceiras do Caciporé e do Calçoene. Entretanto, na região de São Lourenço, fica o lugar tradicional de extração do ouro, e onde, em 1894, teve lugar o maior "rush" da história do Amapá, inclusive com a invasão de nosso território por estrangeiros". *(Cont. na pág. 52)*



Na lancha "Amapá" — que faz o transporte da cidade de Belém a Macapá e Santo Antônio da Cachoeira — dorme-se em rêde. Seu pequeno "salão" fica intransitável, à noite, tal a quantidade de rêdes armadas.



Isabela Fiorela e Ingrid Isotta fotografadas pela primeira vez.

A FAMÍLIA INGRID—ROSSELINI



A babá e as crianças quando eram levadas à pia batismal.

NESTA pequena reportagem apresentamos diversos aspectos tomados na intimidade do casal Ingrid Bergman-Roberto Rosselini. São flagrantes da família que, de fato, cresce e se multiplica. Até há pouco, o casal tinha apenas um menino: Roberto Rosselini Filho que aparece, nesta reportagem, numa das fotografias. Mas, em 18 de junho próximo passado a cegonha trouxe para o casal duas lindas meninas que receberam os nomes de Isabella Fiorella Eletta e Ingrid Isoletta Juliana e que, de acôrdo com a religião católica, foram batizados no dia 9 de julho último. O nascimento e o batismo se deram na Itália onde residem os pais das lindas gêmeas.

Não podemos, ao registrar o fato, deixar de observar que, embora se trate de pessoas dedicadas à vida agitada do cinema, se mostrem felizes com o aparecimento das garôtas. Ingrid Bergman que, na tela, tão bem se tem apresentado nas diversas facetas de sua vida de artista, aparece, agora e ainda uma vez, perante o mundo, feliz, sorridente, no seu grande, belo e definitivo papel de mãe. Isto não pode deixar de constituir um fato a ser registrado. A maternidade, antes e depois do nascimento dos filhos, é, para muita gente, sobretudo nos tempos que correm, um ônus que se procura evitar.

Mas as fotos que ilustram estas páginas, tomadas na intimidade dos dois artistas, oferecem uma impressão nada cinematográfica, nada moderna. Deixam ver, uma família latina, os pais deslumbrados com mais dois companheiros que chegaram duma vez e que, de certo, em nada haverão de embaraçar a sua vida de artistas, sobrecarregados pelo ônus em que a profissão é pródiga.

Boa sorte, garotada.



Aqui está tôda a família: a linda "estrêla" sueca Ingrid Bergman e seu marido, o diretor Roberto Rosselini. Ela e êle têm nos braços os dois pimpolhos. Ao centro: o filhinho mais velho do casal, Roberto Rosselini Júnior e o cachorrinho da casa

SEMANA LITERÁRIA

NOTÍCIAS DE SÃO LUIZ

Luis Machado está fazendo a seleção dos seus melhores contos, a fim de organizar o livro com que estreará, em edição "Afluente".

★

A União Maranhense de Estudantes está interessada em patrocinar uma viagem de ida e volta a S. Luis ao poeta conterrâneo Ferreira Gullar, residente no Rio.

★

Reina grande interêsse, em nossos circulos intelectuais, pelos concursos literários, instituidos na capital paulista, em comemoração ao seu próximo centenário. E' considerável o número de escritores que se estão preparando para concorrer ao certame.

★

E' quase certa, já, a vinda do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre ao Maranhão, a convite da Academia de Letras local e da Associação Comercial. Gilberto Freyre pronunciará varias conferências, sôbre assuntos de grande interêsse coletivo.

★

A reunião dos escritores novos do Maranhão, convocados pelo poeta Lago Burnett, para estudo das obras a serem lançadas pelas edições "Afluente", no seu prelo manual, ficou assentada, definitivamente, para êste mês. Há grande entusiasmo no seio da intelectualidade de São Luis pela realização dessa assembléia.

★

José Sarney Costa apresentará, em sua residência, uma exposição de pintura de artistas da terra.

★

Vai ao Rio o dr. Bacelar Portela, autor de alguns importantes estudos científicos e aplaudido conferencista.

★

Deolindo Tavares, eis o temo que Lago Burnett escolheu para a conferência que vai pronunciar, no Recife, a convite dos diretores da Editôra "Região".

★

O atual arcebispo do Maranhão, D. José Delgado, que é homem chegado às artes e letras, sabendo das reuniões diárias dos intelectuais novos, na Casa de Móveis "Guanabara", do pintor Paiva Filho, mostrou grande interêsse em visitar êsse local e, talvez, participar de alguns debates ocasionais. Por sua vez, os frequentadores da movelaria, aguardam, com simpatia, a visita do arcebispo.

★

A seleção dos poetas a figurarem na antologia organizada pelo Clube de Poesia de São Paulo, cuja relação foi divulgada, num dos últimos números de "Revista Branca", não foi muito bem recebida, em nossos meios literários. Não devido a presenças, em sua maioria, dignas: mas, quanto a certas e propositadas ausências...

★

Antônio Luís de Oliveira deverá ir ao Recife, pròximamente, em viagem de curta demora.

★

João Mohana, que estreou com o romance "O outro caminho", vem de ser laureado, pela Academia Brasileira de Letras, com o primeiro prêmio de ficção.

POR ÊSTE MUNDO DAS LETRAS

"A ESTANTE"

Acaba de aparecer no Rio uma nova revista literária, "A Estante", dedicada sobretudo ao movimento bibliográfico. Tanto como colaboração, como no que toca à matéria editorial, "A Estante" está muito boa, cheia de informações e ilustrada, enriquecida ainda de um suplemento, "Valores", separata que se dispõe a focalizar vultos de nossa literatura, com lista de obras e um perfil de escritor, iniciada muito acertadamente com Gilberto Freyre, o renovador da sociologia brasileira.

A direção de "A Estante" é de José Cruz Medeiros, sendo redator-chefe da novel publicação o poeta Tasso da Silveira e fazendo parte do Conselho Consultivo Agripino Grieco, Astério de Campos, Bastos Tigre, Celso Kelly, Eugênio Gomes, Hans Ludwig Lippmann, Joaquim Ribeiro, Jorge de Lima e Leopoldo Braga, nomes que são um aval de êxito no expediente da revista.

O CONGRESSO DE ESCRITORES

Realizou-se em São Paulo, por iniciativa da Associação Paulista de Escritores, de 3 a 6 de julho, um congresso de escritores brasileiros, ao qual compareceram muitos escritores domiciliados no Rio, liderados por José Lins do Rêgo que, à instalação do certame, pronunciou inflamado discurso.

Ao encerrar-se a reunião, foi entregue a José Condé o "Prêmio Fábio Prado", com que foi distinguido pela A.P.E., pelo seu livro "Histórias da Cidade Morta".

COMO E POR QUE ESCREVI "O TEMPO E O VENTO"

O escritor Érico Verissimo, aproveitando sua visita ao Rio, resolveu pronunciar uma conferência a convite da Sociedade Sul-Riograndense, no auditório do Ministério da Educação, contando como e por que escreveu seu "roman fleuve", "O Tempo e o Vento", uma das obras de maior sucesso publicadas entre nós, já traduzida para o inglês e editada nos Estados Unidos, achando-se presentemente em sua quarta edição.

"FESTIVAL DE POESIA"

Marita Pinheiro Machado, declamadora brasileira consagrada internacionalmente e que, ainda recentemente, em Paris, despertou enorme interêsse do público e da crítica, tendo sido considerada "embaixatriz da poesia brasileira", realizou a 14 de julho, no Teatro Copacabana, um "Festival de Poesia" que resultou em extraordinário acontecimento mundano e social, apresentando um admirável programa em que lindamente se desempenhou.

UM AUTOR

JOSÉ CONDÉ



AGORA QUE José Condé vem de obter, muito justamente — tão meritório é o seu volume de contos que originou a láurea — "Histórias da Cidade Morta" — o honroso prêmio "Fábio Prado", temos aqui oportunidade de pôr em foco o escritor de Caruaru, do qual disseram recentemente que não perdeu ainda o jeito do moço escritor recém-chegado da província. Estamos citando a observação e, agora, conferindo-a (encontramo-la em "Visão" n. 1, a nova revista brasileira dirigida por Luis Jardim) verificamos que ela está expressa assim: "José ainda não perdeu o jeito de garôto do interior que venceu na capital". Preferimos — não porque seja melhor, mas porque está na ordem de nosso pensamento — a nossa, inspirada na de "Visão" que nos quis dar apenas uma imagem física do contista. Queriamos dizer que o extraordinário em José Condé é o fato de não ter êle se civilizado, literàriamente. Conserva-se, no Rio, cidadão de Caruaru. Isso tem marcado sua obra, no romance ("Onda Selvagem") e nos contos. Isso tem feito dêle, com o rapaz civilizado, citadino — apesar do "jeito" acusado pelo observador de "Visão" — um escritor original, um ficcionista que se diferencia, por tantos valores, do seu lote, de sua geração. A fidelidade ao espírito provinciano é uma das qualidades essenciais de sua obra. Provinciano sem PROVINCIANISMO, entenda-se, pois o PROVINCIANISMO está no oposto do provinciano, sendo a atitude basbaque do provinciano diante da metrópole e suas respectivas reações de deslumbramento. "Histórias da Cidade Morta" marca essa fidelidade de José Condé a Caruaru, sua resistência aos ímpetos dominadores da grande cidade — desde o titulo. E êsse é um traço profundo de seu espírito, de sua fôrça, de sua pureza, impermeável aos corrosivos da grande cidade, com cujo espírito êle não quis pactuar, nem mesmo por uma economia de esforços, tanto é certo que José Condé — que não faz literatura regionalista (essa que se apoia sôbre o pitoresco e o colorido) do interior, tem todos os elementos, inclusive ambiente, para dedicar-se ao regionalismo citadino, de êxito fácil e garantido, a que não aderiu, fazendo muito bem.

UM LIVRO

LIÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADE

O TRIGÉSIMO aniversário da Semana de Arte Moderna tem possibilitado o balanço daquele movimento de tanta significação na história literária e artística do Brasil. Principalmente, vem despertando a curiosidade de nossa crítica pelos valores que, originando aquêle movimento, trouxeram uma contribuição sensivel, independente da Semana e, principalmente apresentando caracteres de permanência, fenômeno bastante raro no grosso das tropas do movimento modernista, fase de transição e, por isso mesmo, cheia de aderências desqualificadas e de improvisações insignificantes.

A figura de Mário de Andrade que, por muitos motivos, centralizou aquêle movimento e que, por êsses mesmos motivos, é uma de suas poucas permanentes tem merecido as atenções dos estudiosos de nossos fenômenos literários. Agora aparece êste ensaio penetrante e de clara interpretação do poeta Lêdo Ivo, "Lição de Mário de Andrade", editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, que representa uma das mais significativas contribuições para o esclarecimento tanto do movimento modernista como da obra de Mário e de sua situação em nossa literatura.

O que marca principalmente o estudo de Lêdo Ivo é sua extraordinária claresa, sua simplicidade, seu exame desapaixonado do "caso" Mário de Andrade. Por muitas circunstâncias, Mário permaneceu desinterpretado até agora. O exame que se fêz de sua grande figura literária pecou sempre pelo apaixonado, salvo raras exceções. Seus companheiros de geração ficaram diante dêle em atitude idólatra. Mesmo os mais esclarecidos críticos de seu tempo não nos deram dêle uma visão nítida e segura, o que se deve também atribuir ao fato de estar vivo e em atividade o escritor tão complexo. A geração seguinte, tomando outros rumos, fizera tábua rasa das heranças modernistas menos estáveis (admitindo que houve alguma coisa estável em nosso modernismo) arredando também a figura tutelar de Mário, que por fôrça das circunstâncias, e como aqui constata Lêdo Ivo, assumira uma atitude de "regente de orquestra" que os novos não poderiam aceitar.

A essa geração pertence o autor de "Lição de Mário de Andrade" que, com ser um de nossos grandes poetas atuais, entrou na fase da serenidade de julgamento e servido pela cultura e pelo espírito crítico, nos oferece uma obra de áustero exame, desbastada de quaisquer paixões, mas interessada e, principalmente, não sentimental.

Edmundo Lys

RECITAL DE POESIA


Dulcinéa Paraense

A poetisa e declamadora Dulcinéa Paraense realizará êste mês, no auditório da A.B.I., um recital de declamação que vem despertando o maior interêsse, desde que foi anunciado, uma vez que se trata de uma de nossas mais credenciadas intérpretes de poesia, principalmente da moderna poesia brasileira em que é, sem dúvida, uma das mais fiéis e expressivas artistas. O programa que Dulcinéa organizou, para essa audição, divide-se em três partes: 1 — "En el mes de abril", Gil Vicente; "Diálogo entre Babieca y Rocinante", Cervantes; "Não és tu", Almeida Garrett; "A môsca azul", Machado de Assis; "Noturno", José Asuncion Silva; "Alegria", Fernanda de Castro; "El dulce milagro", Juana de Ibarbourou. 2 — "Da donzela que foi à guerra", anônimo (século XVIII); "L'oreiller d'un enfant", Marceline Valmore; "Au ciel", Edmond Rostand; "Y ahora ne voy", León Felipe; "Tu me quieres blanca", Alfonsina Storni; "Brasil", Ronald de Carvalho. 3 — "Toada do pai do mato", Mário de Andrade; "Cantiga do véu fatal", Cecília Meireles; "O guri não é da música", Álvaro Moreyra; "Angústia de vôos", Mirian Moraes; "Na rua do Sabão", Manuel Bandeira; "O caso do vestido", Carlos Drummond de Andrade; "O meu sermão da montanha", Carrera Guerra. Como vemos, um programa bastante significativo o que nos vai dar Dulcinéa Paraense.

★

FORA DO PRELO

● **CANCIONEIRO GAÚCHO**

Em belo volume, a Editôra Globo acaba de publicar "Cancioneiro Gaúcho", de Augusto Meyer. Nesta obra, faz o autor uma reclassificação crítica da poesia popular do Rio Grande do Sul, com a escolha dos textos recaindo sempre sôbre a produção considerada originalmente gaúcha ou evidentemente adaptada ao peculiar canto popular gauchesco.

O trabalho de Augusto Meyer é o mais perfeito até agora publicado sôbre o assunto. Expurgando do seu cancioneiro os versos e canções que só à fôrça entraram no folclore gaúcho, o autor realizou uma obra que se fazia necessária, a fim de preservar o material que realmente pertence à tradição popular do Rio Grande do Sul.

Além da Introdução, onde sobram observações inteligentes e das mais felizes sôbre o assunto, encontram-se no fim do livro diversas notas cheias de interêsse, nas quais transparecem a lucidez e a cultura do autor.

● **CAÇANDO E PESCANDO POR TODO O BRASIL**

Caçar e pescar são processos dos mais primitivos da humanidade, por fôrça das necessidades alimentares. Hoje, porém, afora os que se lhes dedicam profissionalmente, existem os amadores de tão atraentes modalidades esportivas. Francisco de Barros Júnior viaja "Caçando e pescando por todo o Brasil" — mas observa, analisa e descreve os aspectos humanos e geográficos de suas excursões. E sabe fazê-lo em linguagem corrente. Na respectiva série (Edições Melhoramentos) o autor agora estampa o sexto volume, Araguaia e Tocantins, depois de haver dado os seguintes: 1º, Brasil sul; 2º, Mato Grosso e Goiás; 3º, Planalto mineiro, Bahia, o S. Francisco; 4º, Norte, Nordeste, Marajó, grandes lagos, o Madeira, o Mamoré; 5º, Purus e Acre.

● **OS FILHOS DE WANG-LUNG**

Ao escrever "A Boa-Terra", cuja ação é continuada pelo presente volume — "Os Filhos de Wang-Lung" — e pelo que se lhe segue — "Casa Dividida" — a escritora Pearl S. Buck teve em vista retratar uma dessas grandes e tradicionais famílias chinesas que começam quase sem exceção pelo trabalho a terra e gradualmente saem da pobreza, ganham prestígio social e econômico. E, após três gerações, iniciam o seu declínio, entram em decadência, desintegram-se e vão novamente buscar na terra as fôrças para o reerguimento.

De envôlta com os principais episódios, o livro nos dá admiráveis retratos da sociedade do ex-Império do Meio, da sua vida familiar e comercial, das relações entre os membros da mesma família e das várias classes, do embate das idéias velhas com as novas, de instituições que definham com as que avançam e vão vencendo inexoràvelmente. Mais do que o romance de uma família, esta obra magistral é o romance de uma época, de uma sociedade, de um povo inteiro. Êste novo livro de Pearl S. Buck aparece em tradução do escritor Antônio Acauã.

● **O TRAJE FAZ O HOMEM**

A novelística alemã conta com grandes nomes. E um dêles é Gottfried Keller, que o público brasileiro agora admira, graças à divulgação feita pelas Edições Melhoramentos. Do insigne poeta, romancista e novelista é "O traje faz o homem", seguida, no mesmo volume 4, de "Romeu e Julieta na aldeia", trabalhos de impressionante conteúdo humano.

As "Novelas do mundo", que a Melhoramentos está estampando, anunciam "O homem do cavalo branco", de Theodor Storm, e "Peter Schlemihl", de Adelbert von Chamisso, havendo até aqui aparecido: A vingança de Michael Kohlhass (de Heinrich von Kleist); Atalho proibido (Breno Silveira); Noivado em São Domingos (von Kleist); O traje faz o homem, Gottfried Keller.

NOTÍCIAS DO RECIFE

FOI LANÇADO, com grande sucesso, mais um volume das edições "Região". Trata-se, desta vez, do ensaio de Evaldo Cabral de Melo, intitulado "Recife, introdução ao estudo das suas formas e das suas côres". O livro traz um prefácio de Gilberto Freyre.

★

SOB O PATROCÍNIO da Editôra "Região", que é dirigida por Mauritônio Meira e Edmir Régis, deverão vir a esta capital, a fim de pronunciarem algumas conferências, os ensaístas e críticos Otto Maria Carpeaux e Roberto Alvim Corrêa.

★

O ANDAMENTO que se tem dado à lei 1328 — diz a "Fôlha da Manhã", em sua edição mais recente — não tem ficado despercebido por parte dos nossos homens de letras, que estão cada um se trancando dentro de seu gabinete de trabalho, junto à sua máquina, e pondo tôda a sua fôrça, para escrever os livros com que se inscreverão no concurso que esta lei institui.

Até o momento, sabe-se que concorrerão os escritores Carlos Moreira, José Carlos Cavalcanti e M. da Nóbrega.

★

NOTÍCIAS DE S. LUÍS

A nova geração de escritores maranhenses estava, há pouco, empenhada em conseguir, junto ao Govêrno do Estado, um prêmio anual para os melhores livros. Um impasse, porém, fê-los desistir da idéia: todos, naturalmente, tinham interêsse em concorrer e, assim, não sobrava ninguém para integrar a indispensável comissão julgadora. Sabido — como é — que, atualmente, no Maranhão, sòmente os novos, mesmo, entendem de literatura.

NAS CALÇAS

A contradição dos sexos



O famoso "astro" de Hollywood, nesta fotografia tirada em Palm Beach, veste camisa de listras azuis, verdes e brancas, blusão branco e calça marron; tudo isto — segundo dizem — é evolução no mundo das modas.

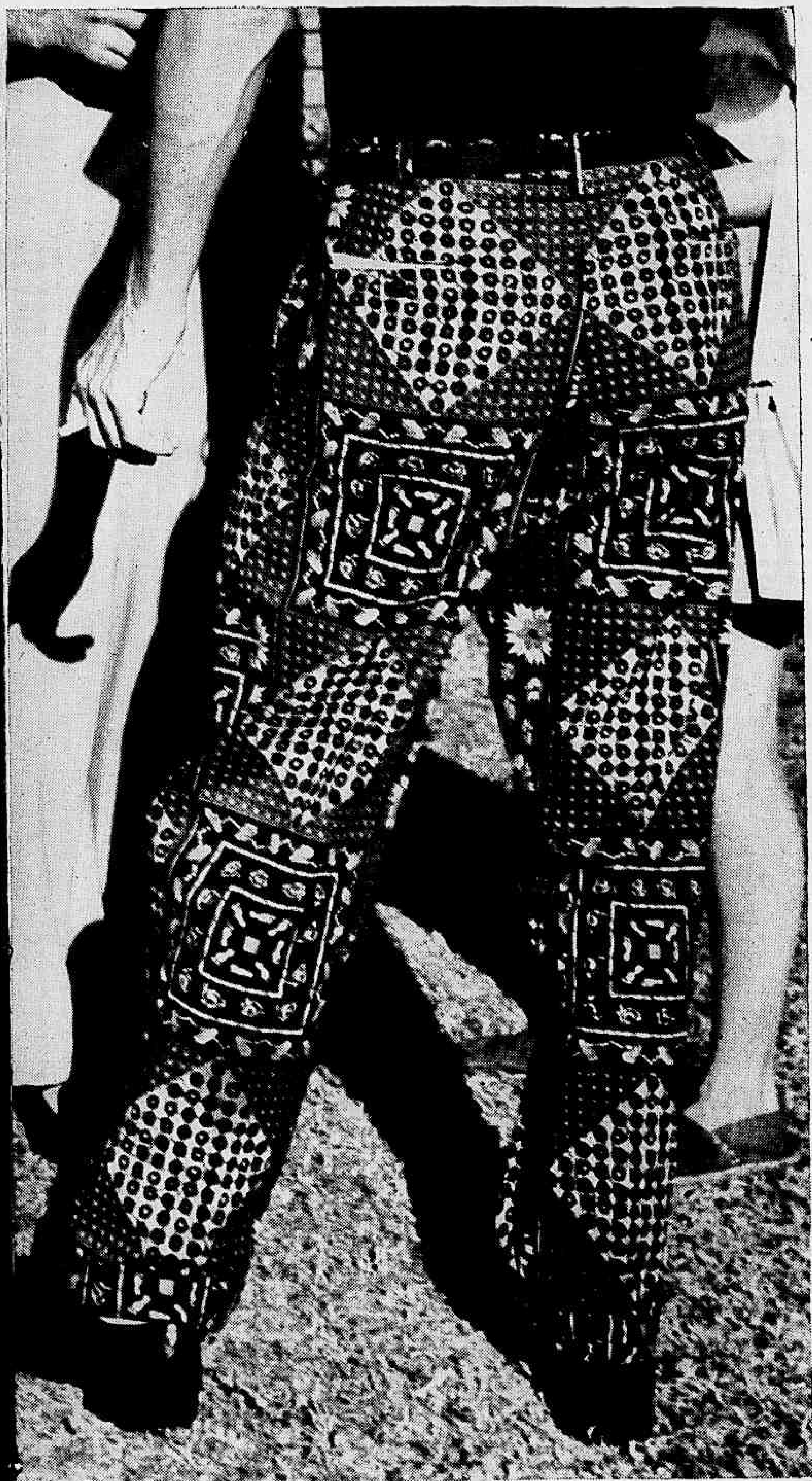


Em côres naturais, esta camisa do "astro" cinematográfico Peter Lawford é detestável para muitas pessoas: — listras vermelhas e brancas. Esta outra camisa mais parece uma tela de pintor modernista, em côres vivas.



Vemos na fotografia outro tipo de elegância no traje masculino que nos é apresentado por Mr. Thomas Shevlin, lançando a moda destas calças "africanizadas", por ocasião da abertura da estação de gôlfe em P. Beach.

A evolução do mundo nos apresenta, de quando em quando, novidades que custam a convencer os mais tradicionalistas à realidade ambiente. As mulheres de hoje, pelo menos nos grandes centros, procuram vestir-se **à la homme**; e agora, êstes, lançam modas de calças, blusões e camisas, que são de toques caracteristicamente femininos. Muitas vêzes vemos um "homem" de costas, que é uma mulher; e quando pensamos que é uma mulher, verificamos ser um homem. Tudo por causa das calças, que, de há muito deixaram de ser indumento masculino. E agora com as blusas e camisas lançadas em Palm-Beach, a confusão vai aumentar, podendo muito apressado se ver "em calças pardas", ou metido em "camisas de onze varas"...



Calça de algodão, apresentando motivos da arte pictórica africana, lançada também em Palm Beach; pode não ser muito elegante... mas provoca muita curiosidade e será capaz de... dissimular os remendos existentes.





LIDO... VISTO...

"PAPAI" HUGO CIUMENTO



VICTOR HUGO — o de verdade — não o miserável Victor Hugo Nogueira, de Mucurundu, mas o dos Miseráveis com M grande, andava loucamente apaixonado por um brotinho do teatro francês, Alice Ozy. Esta, porém, à glória do velho, prefere a juventude do filho do poeta, Carlos Hugo.

Às voltas com a pequena, Carlos chega sempre tarde para o jantar da família e o pai, ciúmento, dá ordens em casa para que o deixem, de castigo, sem o seu pedaço de carne, que parece já era jóia preciosa naquele tempo.

Certo dia o genial escritor tenta nova investida contra o coração esquivo da pequena atriz. Escreve-lhe um bilhete:

"DAR-TE-EI TUDO QUE PEDIRES. QUE DESEJAS QUE FAÇA POR TI, MULHER CRUEL?"

E aquêle amor de garôta de Paris responde-lhe, também num bilhete:

— "DEVOLVA A COSTELETA DO CARLOS, NO JANTAR!"

RESPONDA ESTAS:

26 Mahomet era casado?

27 Quando seguiram para a Paraíba as fôrças vencidas da Confederação do Equador?

28 De onde se originou o jiu-jitsu?

29 Qual era o nome do Barão de Cotegipe?

30 Qual foi a única escultura que Miguel Ângelo assinou?

RESPOSTAS ÀS ÚLTIMAS

21 — O "Mata-Bicudo", espécie de Saint Barthelemy matogrossense, deu-se, em Cuiabá, no ano de 1834: — foi a matança, em massa, do elemento português pela população enfurecida; 22 — Pelo prazer de haver bebido a mais cara bebida do mundo, Esopo, filho de Claudio Esopo, dissolveu em vinagre uma pérola no valer de cêrca de um milhão de cruzeiros e bebeu-a; 23 — Se se considera alimento o que nutre o organismo, a água não é alimento; se, porém, se considera como alimento tudo que seja necessário para manter a vida no organismo, sim; 24 — Poema herói-cômico, escrito pelo dr. Francisco de Melo Franco, nascido em Paracatu, em 1757, e falecido em Ubatuba, em 1823; 25 — De cor, quer dizer pelo coração, pois cor, cordis, é coração, em latim.



GAROTOS...





POUCAS... E BOAS...

BACILO

Numa de nossas grandes fábricas, o riquíssimo industrial gosta de acompanhar a hora do pagamento do pessoal.

Na última vez, como as notas muito estragadas até o encabulavam, disse ao operário:

— As notas estão um pouco sujas, mas vocês não tenham mêdo dos bacilos...

E o operário, fazendo de "primo pobre":

— Bacilo, patrão? Que bacilo poderia viver com o meu salário?

PROFISSÃO

— Minha filha — dizia o rico negociante de fazendas por atacado — é inteligentíssima. Quando estava no curso primário, um dia a professôra perguntou qual era a profissão do pai e ela respondeu logo: — Comendador!

MARLENE

Marlene Dietrich, o "Anjo Azul" de vinte anos atrás, a das lindas pernas que bateram as da Mistinguette, apesar de vovòzinha, não entrega os pontos; julga-se ainda um brôto.

Há pouco, no estúdio, vê e reconhece o fotógrafo que lhe tirou as primeiras fotos. Como êle lhe mostrasse as que então havia tirado, Marlene disse:

— Não estão nada bem.

E o fotógrafo respondeu:

— Oh, a senhora há de desculpar. Então eu tinha vinte e cinco anos menos.

NEGRO...

Uma filha do romancista francês Paul Haurigot casou-se há pouco em Kenya, na África negra. Com um negro? Não, com um branco chamado Monsieur Nègre...

QUEM DISSE ISTO?

26 **"Não vos iludais, que não foi feito para vós o Brasil."**

27 **"E' uma das vantagens dêste mundo a de se poder odiar e ser odiado sem se conhecer."**

28 **"Gorjeia em tua voz o festival dos ninhos."**

29 **"Federação, com ou sem coroa."**

30 **"Fragilidade, teu nome é mulher."**

RESPOSTA ÀS ANTERIORES

21 — Quintino Bocayuva, num desconsolado artigo; 23 — Bourdaloue, grande orador sacro francês; 24 — Euclides da Cunha; 25 — Santo Agostinho.



NOTÁVEL CONTRIBUIÇÃO

AO INTERCÂMBIO

BRASILEIRO-PARAGUÁIO!

A NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS, uma das principais emprêsas brasileiras de aviação comercial, orgulha-se em cooperar para o desenvolvimento das relações entre as duas nações amigas, mantendo linhas regulares para



(Oratório de la Virgen de Asunción y Panteón de los Héroes)

ASSUNÇÃO

A NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS, plantando mais este marco no caminho do progresso, cumpre o seu programa de fazer do transporte aéreo o mais forte élo de cordialidade entre os povos.

ESCALAS IDA-VOLTA:

Rio de Janeiro
Campinas
Barretos
Três Lagôas
Campo Grande
Dourados
Ponta-Porã
Assunção

VIAJANDO, PREFIRA O AVIÃO...
VOANDO, PREFIRA A

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

AGÊNCIA DE PASSAGEM: RUA SANTA LUZIA, 685-B - TEL. 32-7399
AGÊNCIA DE CARGA: AVENIDA BEIRA MAR, 514 - TEL. 32-9455 e 42-9850

(CONCLUSÃO)

ZOMBEI dêle e dei a brincadeira por terminada. Logo depois saí novamente de viagem. Na despedida, êle insistiu:

— Não se esqueça, amigo, «San Ruan»...

Encontrei São João debaixo de festa. Era, infelizmente, o último dia. Celebrava-se a festa de Nossa Senhora do Amparo. Após a novena, a pequena praça, em frente à Igreja, se encheu. E como acontece em tôda festa do interior, ali se viam os cavalinhos, a roda gigante e outros divertimentos habituais. Foi sorte encontrar aquela reunião da mocidade da vila. Fui observando e recordando as amizades. Pouco a pouco falei com os conhecidos. Palestrei com as pequenas. Examinei-as, porém, sem coragem de interrogar sôbre «San Ruan» ou sôbre a criatura a quem, segundo Carlos, eu iludira. Procurei mesmo alguém com ares ou traços de espanhola. Aguardava que tudo viesse naturalmente. Temia cair em ridículo ou ser vítima de outra brincadeira. Podia haver combinação. Era prudente, portanto, que eu nada perguntasse. Precisava de tôda a perspicácia. Passava o dia trabalhando e durante a noite era observador atento. Deixava-me ficar ali na sala do hotel, apreciando o palrear das mulheres. As insinuações amorosas surgiam, porém nenhuma bastante patética que me induzisse a crer que fôsse amor. Uma vez ou outra pronunciavam São João, porém, sem aquêle sotaque inventado por Carlos.

Aqui para nós — não me considerem piegas e tolo — contudo eu havia imaginado em meu coração e delineado em meu pensamento a imagem daquela mulher. Os meus esforços para descobri-la foram em vão. E tristemente marquei a minha viagem de volta para segunda-feira. No sábado, contudo, havia baile no «Nacional»; seria a minha última oportunidade.

Cheguei o mais cedo possível. Pouco a pouco foi o prédio se enchendo. Às 11 horas começaram a dança. No princípio fiquei a um canto. Observava e escutava. Aos meus ouvidos esperava a cada momento ouvir as palavras tão esperadas... Debalde. Depois deixei a mesa e os amigos, e fui para o meio do salão, disposto a aproveitar tôdas as oportunidades. A primeira que me olhou, tirei-a para dançar. Resolvido a descobrir o enigma, perguntei: — De que vila você gosta mais: de São João ou Entremorros?

Ela me respondeu prontamente:

— São João, não há dúvida. Não é a terra onde nasci? Por quê?

Dei uma desculpa qualquer e encerrei o assunto. E assim dancei, sucessivamente, sem parar, sem tomar fôlego. E a tôdas depois de ligeira prosa e sem refletir no que estava fazendo, perguntava o mesmo: «De que vila gosta mais: de São João ou Entremorros?»

Tôdas me davam a mesma resposta, nas mesmas palavras. Uma me respondeu Entremorros e me deu trabalho para fazê-la pronunciar São João. Já ia longe a noite. E eu já estava bastante enfadado, quando surgiu uma que me deu o que fazer. Além de dançar mal, era excessivamente pesada. Ainda hoje penso como consegui sair do salão sem mancar. Era, como consôlo, muito linda. Com ela fui obrigado a dançar quatro vêzes seguidas! E já pensavam que eu a estava namorando. Ou ela não me entendia ou, então, não dava importância à minha pergunta. Talvez estivesse excessivamente preocupada com o compasso da música. Na quarta vez arrisquei novamente a pergunta um pouco modificada, pois já desconfiava de algo. Estava mesmo com uma crise terrível de imaginação. Notei olhares significativos, risos de mofa, indiretas.

— Então você acha a vila de Entremorros mais adiantada de que São João?

Ela parou. Olhou-me um pouco desconfiada e suando por todos os lados, disse, afastando-se cheia de raiva:

— Que quer dizer com isto? Será que o senhor quer fazer pouco de São João?

Fiquei desorientado. Disfarcei e fugi dela. Faltava indagar de uma última pequena. Como fazê-lo? Seria que tôdas elas já haviam comentado a minha pergunta? Jurei a mim mesmo que, com relação à última, agiria de modo completamente diferente. Tirei-a para dançar. Aceitou sob riso de mofa que me deixou completamente desorientado. Saímos dançando. Quando ia falar, ela cortou minha palavra, perguntando:

— De que vila gosta mais: de São João ou Entremorros?

Fiquei sério, a princípio; porém, quando ela começou a rir, eu fiz o mesmo. E juntos rimos durante muito tempo. Depois exclamou:

— Por quê você faz esta pergunta a nós tôdas?

Fiquei confuso. Que dizer? Que papel idiota eu havia feito? Por quê deixar-me levar pelas brincadeiras de Carlos Ciríaco? Senti pejo de mim mesmo. Confessar a verdade seria ridículo. Perguntar-lhe se existia al-

(Cont. na pág. 46)





Conto de EDGARD DE SOUZA MACHADO
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

MALIQUE me ensinou a lidar com a terra. Na colheita do feno eu fui bastante forte para fazer os montões e lançá-los depois sôbre as carroças. Quando tudo foi arrumado e amarrado de cordas, eu subi auxiliada por Malique, que me suspendeu até lá em cima como se eu fôsse uma palha. Era tão alta a carga e tão mole, que eu tive a impressão de estar montada numa nuvem.

Algumas vêzes também eu descia até Maxou para levar nossa farinha nos dias de fornadas para o pão, ou ainda, para entregar ovos que tinham de ser revendidos em Cahors. Eu ouvia a interminável conversação dos outros e permanecia sempre muito selvagem. As gentilezas, como as brincadeiras e mofas, me deixavam desconfiada e silenciosa.

— Esta menina — dizia Manoue — não parece que está viva, não diz nada — e se mostrava zangada com a minha insociabilidade. Mas, no fundo, ela me admirava.

Um dia, Miquelle, filha única dos fazendeiros de Pech Dentu, caiu de uma figueira quando eu passava na estrada. Eu a vi tão pálida sôbre o solo, imóvel e loura, que permaneci estupidificada, julgando-a morta. Ela abriu os olhos com um gemido. Então, transpondo a macega de espinhos e emaranhado de matos, eu a tomei em meus braços para levá-la até à margem do ribeirão. E, a partir daquele dia ficamos amigas, eu e ela. Eu acreditava não haver nada de mais belo e nem mais atraente do que essa pequena mocinha loura, mimosa e saltitante como um passarinho. Eu experimentava a maior alegria quando eu a via chegar a correr sob as macieiras, os cabelos coroados de florinhas silvestres, de trevos dos campos, erguendo a saia com dois dedos, para livrar-se das poças d'água.

Eu lhe acariciava as longas tranças a emoldurar-lhe o rostinho lindo. E dizia-lhe com os olhos em lágrimas:

— Eu gostaria tanto que você fôsse minha irmã, Miquelotte, a fim de que nada nesta vida nos separasse. Eu não poderia amá-la mais por que ainda sou muito pequenina. E você, Miquelotte, como gosta de mim?

Ela ria de minhas infantilidades e conversava comigo a fazer gestos engraçados, surpreendida por tanta tolice. Mas me abraçava e beijava com ternura e corrigia meus cabelos despenteados. Quando ela veio dizer-me, um dia, tôda ruborizada e com os olhos refulgentes: "Bertille! Bertille! Tenho, enfim, um amor", eu a senti como que distante e muito diferente para mim! Já não era a mesma a entender-nos tão bem ! E eu me pus a chorar desoladamente, pressentindo que ia perdê-la.

No domingo, eu ia à missa em Maxou, se bem que a igreja fôsse muito distante e os caminhos cavados como os riachos do verão. Eu gostava muito mais das orações monótonas de Manoue, o recolhimento de paz de nossa cozinha, mas Malique me levava com êle. Além disso eu tinha oportunidade de ver Miquelotte em belos vestidos de babados a rir alegremente com outras pessoas da cidade. Isso tudo, porém, me fazia ficar cada vez mais taciturna e má. Naquele domingo, Manoue me chamou de "cabra caprichosa", pois via em mim uma pessoa de mau-humor diante dos outros.

Num dia de festa, Miquelotte me levou à presença de um grupo de moças, no meio das quais ela parecia ser a rainha. Ela me fixou com um ar novo, cheio de malícia e piscou o ôlho para as outras:

— Não se vem à missa com um vestido mal limpo! Por onde andou você a rolar, menina?

— Meu vestido não está sujo, não! Foi a côr que desbotou!

E tôdas desataram a rir, repetindo:

— A côr desbotou!

E só riram tanto porque Miquelotte, a rainha, desatara a rir.

Eu permaneci calada, silenciosa e envergonhada sob os risos de mofa. Tive vontade de investir contra tôdas e as surrar, levá-las à parede, espremê-las até que me pedissem perdão. Mas, como os meus olhos, pouco a pouco, já não mais pudessem reter as lágrimas, desandei a correr, chorando alto, aos soluços, o coração repleto de revolta.

Minha imaginação costumava avolumar as coisas. Dizia Manoue que eu não sabia amar e chorar como o resto da gente. Meus desesperos iam terminar sempre lá no depósito de feno. Era ali onde eu me refugiava, escondida para poder curtir minhas mágoas. Naquele dia eu fui para lá e ali mergulhei minh'alma e meu rancor. Eu ouvia o crescer e ressoar de meus soluços e senti piedade de mim mesma.

"Ah! pobre de mim! Miquelotte se foi, eu a perdi! Quem poderá amar-me?"

Eu sentia que as árvores e a casa já não me satisfaziam mais.

Eu deixara a porta aberta e ouvi os passos de Malique e o ruído que fazia no seu trabalho cotidiano. Depois Manoue passou com um balaio de ovos. Ela sempre sabia acalmar-me com o seu bom-senso e sua maneira divertida de falar-me:

— Jesus! Como é que se martirizam os olhos por uma coisa tão insignificante! Nossa! Eu sempre disse, menina, que você tem um coração de manteiga. Basta um calorzinho para derreter-se. Toma cuidado contigo, Bertille! Não é bom amar-se de mais a ninguém. Torna-nos muito infeliz. Vem! Vem ajudar-me a fazer o doce!

Eu estava indignada e, levantando a mão, bradei:

— Miquelotte infeliz! Eu a detesto! Eu a detesto! E a mataria se pudesse!

— Ora, não pense mais nisso, minha filha! Não diga coisas semelhantes. Vem comigo mexer o doce. A vida não acabou esta tarde!

Eu a segui com os olhos baixos, os lábios rubros. Mas em mim, nem a dor nem a cólera duravam muito.

Tempos depois, Miquelotte partia para Paris, cheia de felicidade, jubilosa por deixar a província. Ela me beijou ternamente.

Eu senti um certo remorso, derramei algumas lágrimas e passei algum tempo a lembrar-me de seus cabelos côr de palha, de suas faces muito alvas. Mas tudo passou logo. Alguém já me dissera: — "E' assim mesmo. Os amigos são como os gatos, que só gostam dos que os afagam". E Miquelotte era como uma gatinha...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille ficara órfã ainda muito criança e fôra criada por Manoue, sua tia. Na fazendola de Manoue vivia também Malique, um rapagão adotado por Manoue. Bertille, apesar da pouca idade, vivia cheia de sonhos. Fêz a primeira comunhão aos nove anos, e quase não pôde aprender as orações com o pensamento num príncipe encantado que a beijara, quando adormecera no bosque. Ela sentia que algo estava a despertar em sua alma. Quando Miquelotte, uma sua amiga, lhe disse que estava noiva, Bertille teve muita inveja. Quando ela completou dezesseis anos, começaram a aparecer pretendentes; mas a mocinha, ainda muito ingênua e inocente, só pensava em seu príncipe... Malique, porém, a amava em silêncio.

Capítulo VI

Antes de Miquelotte ausentar-se de nosso meio, ela me falou um dia:

— Bertille, nós vamos à feira de Cahors amanhã, em nossa viatura. Você quer ir também?

— Para ver o quê?

— Você é uma bôba, não conhece nada! E pergunta "para ver o quê"! Sabe lá você o que é uma feira? E' a cidade movimentada, o mundo em redor, barracas, cafés, lojas, belas mulheres, uma festa, enfim.

No meu íntimo eu tinha um desejo imenso de conhecer todos êsses prazeres que eram o sonho e a paixão de Miquelotte. Diante de tão belo convite, meu coração pulou.

— Sim... eu quero ir, pelo menos uma vez...

— Ah! Malandrinha, vai ver como é bonito, e como você vai gostar tanto como os outros.

Manoue ficou tôda contente e se ocupou em escolher minha roupa e passá-la a ferro, ao mesmo tempo em que acondicionava um cêsto de ovos bem forrados de feno, para vendermos em Cahors.

Às quatro horas da manhã, eu estava desperta e me levantei ao mesmo tempo que o dia. Já na cozinha se ouviam os ruídos característicos do arranjo da alimentação, e o fogo aceso atraía as atenções do gato e do cão. Dentro em minutos o agradável cheiro de saborosa sopa se espalhava pela casa.

Eu estava ansiosa para viajar, e falei:

— Vou ver se já vêm para cá!

— Tolinha! Ainda não são quatro horas!

Como era belo o campo quando êle sai da noite! Apesar de minha ansiedade, de minha impaciência, estaquei diante daquele espetáculo vendo os campos de trigo novinho, de suave tom azul, de um azul tênue, e sôbre as franças das bétulas louras, eu via um jôgo de côres se emaranhando, misturando-se, desfazendo-se e renascendo numa dança impressionante e mágica. Era a previsão do dia que não tardava a despontar no carro do sol.

Lá mais em baixo, a fazenda dos pais de Miquelotte parecia dormir ainda. Mas já os passarinhos chilreavam pelos ramos: "tchiuí... tchiuí..."

E eu ouvia que da floresta vinha a resposta de outros pássaros.

Manoue penteou-me os cabelos e colocou entre minha camisola e meu vestido uma pequena bôlsa bem cosida, com duas grossas peças que se entrechocavam.

— Dê-me um beijo, minha filha, e seja muito feliz. E' muito bom quando se tem quatorze anos!

Oh! Com que prazer eu me vi naquela partida pela manhãzinha, recebendo o frescor da alvorada, embora um tanto apertada entre balaios de queijo e vários volumes de outras coisas, tudo amontoado como também ia eu!

— Bom dia! — gritou Miquelotte segurando o seu chapéu com as duas mãos, enquanto sustinha o guarda-sol entre os joelhos.

Tradução de RENATO DE ALENCAR **Ilustração de RAMON**



E partimos através da bruma matinal que revestia o panorama ambiente com as côres cinzentas de seu tecido. As árvores e o ribeirão iam passando, ficando para trás, graças à marcha monótona do animal que puxava a charrete, que despertava a natureza com o seu ruído característico na cadência do trote da alimária. Depois tudo se foi aclarando, e quando os raios do sol surgiram acima do horizonte, as sombras se evaporavam e o dia começou maravilhoso de luz.

Era a primeira vez que eu ia à cidade. Tudo me maravilhava, tudo me infundia mêdo. À medida que Cahors se aproximava, eu via Miquelotte se endireitar, respirar forte, como quem suspira, as faces avermelhadas, e ela estava linda. Antes de atingirmos as primeiras casas, ela ajeitou o chapéu, ergueu-se para retirar as pregas da saia e, acariciando uns cachinhos de cabelos que caíam sob as abas do chapéu, ela se voltou para mim, perguntando com certa ansiedade:

— Bertillote, estou bem corada? E os meus dentes brilham? Temo que meus cabelos se desarranjem. — E notando que os patos que levava nuns cêstos estavam a gritar, botando as cabecinhas para fora: — Santo Deus! Não é que os patos estão a indicar que os levamos aqui como qualquer camponês?

— Bobagem, filha! — grunhiu o pai, ainda tonto de sono. E prosseguiu: — Ajeita bem o chapéu, pois vais ficar a olhar as vitrinas de rendas. Miquelotte salta da viatura e deixa ver um pouco das rendas de suas saias diante de muita gente que jamais sonhara de vê-las.

— Papai, quer ver se os ovos chegaram bem?

— Nada! Não há necessidade disso. Êles vão ser vendidos assim mesmo como chegaram — e o velho a olhava compassivo, orgulhoso de ver que a filha saíra a êle, loura como o pai, e possuidora de um porte de dama.

Em Cahors, passeando pelos "boulevards", Miquelotte não era mais aquela Miquelotte da fazenda. Parecia andar como se dança.

(Continua no próximo número)



Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

QUANDO a telefonista da mesa chamou-o pelo telefone de sua sala, Russ pensou que fôsse o advogado. Admirou-se ao reconhecer a voz da espôsa. Melinda nunca lhe falava para o escritório, a não ser que fôsse caso de urgência. Pensou logo em alguma coisa que pudesse ter acontecido aos filhos, Johnny na escola, a pequena Gwenny, de quatro anos, em casa. Mas Melinda queria apenas que êle desse um jeito de ir jantar, dizendo que era preciso.

— Não disse a você que hoje tinha reunião à noite? Que há? Visitas de surprêsa?

— Sim, temos visitas, mas não é bem isso. Necessito que venha. O tom era insistente, um tanto opresso. Russ limpou a garganta.

— Muito bem, concordou, irei.

E ficou imaginando se ela saberia que não haveria reunião e que nunca houvera, que êle recorria àquele pretexto para se atirar a umas aventurazinhas. Russ era um bonito homem que revelava na expressão sucesso na vida e sorte com as mulheres — mas naquele momento uma ruga funda lhe marcava a testa. Melinda talvez fôsse interpelá-lo sôbre o que não queria.

Discou um número e a voz que atendeu, rouca de sono, era cantante. Pensou que sempre se lembraria de Felice por sua voz.

— Não posso ver você esta noite, boneca. Minha mulher faz questão que eu vá para casa. Temos visitas.

— Compreendo.

A voz da moça subira uma oitava.

— A verdade é que estou até com receio de que ela tenha sabido qualquer coisa.

— E então?

Uma oitava ainda mais alto o tom.

— E então talvez seja melhor dizermo-nos adeus, você e eu.

— Ora, porque? O milagre é que ela não tenha sabido de nada antes, não sôbre nós, mas sôbre você.

Êle teve consciência de que ela procurava irritá-lo e se admirou de que o conhecesse tão pouco que chegasse a acreditar que ela tivesse êsse ou outro poder qualquer sôbre êle.

— Você é um encanto, Felice, e foi um prazer conhecer você.

— Ah, é o fim?

O fôlego da moça estava um tanto curto.

— Você sabe que quando minha mulher, meu casamento, entram em jôgo...

Procurava fazê-la recordar-se do que lhe dissera no começo, do que dizia a tôdas: amava a seu modo a espôsa e dava valor a seu casamento.

— Quando sua mulher e seu casamento entram em jôgo, você é um bom pirata.

(Cont. na pág. 46)

MAS DEIXA DE CARNAVAL, velhinho. A pequena paulistana, com expressões tìpicamente italianas, tenta fazer calar-se o único representante do Rio Grande do Norte, que brilhou, cem por cento, no Congresso. "Tamanho não é documento, moço. Tenho 18 anos, mas penso melhor do que muito homem político. Pelo menos sei o que serve e o que não serve para nossa educação. Tá?"

S. PAULO, julho.

— O nobre colega me permite um aparte? — O solene guri de 12 anos, com entonação bastante na voz de soprano para que o companheiro pudesse ouvi-lo, estendeu a mão.

— Pois não, tem a palavra.

E os debates sucederam-se; rígidos, objetivos, mais objetivos mesmo do que os dos nossos legislativos de gente grande. Os demais ocupantes do plenário ouviam, com atenção. Anotavam o que não devia ser esquecido e, de quando em quando, comentavam em voz baixa ou participavam do tumulto provocado por um guri mais explosivo que gritava, nervoso, cheio de grandes razões de gente pequena. Os adultos assistiam, apenas.

— Os programas de rádio são uma porcaria. Só prá gente grande é que servem. Minha irmã, mesmo, é mais velha e não escuta.

— Verdade — interrompeu outro escritor-mirim, esquecendo as normas parlamentares do aparte. — No rádio só falam bobagem, porcaria, ou coisa que nós não entendemos. E' preciso modificar isso. Às vêzes, penso que o govêrno não escuta rádio, pois, certamente, êle não tem tempo e os deputados não se importam com a gente...

— "Seu" presidente! — esganiçou o menininho sardento. — Quero que conste em ata meu voto de protesto contra... contra... (como é, perguntou baixinho para o colega do lado, que soprava a palavra esticando a cabeça) isso mesmo, contra o descaso dos homens públicos para com a literatura e o rádio infantis.

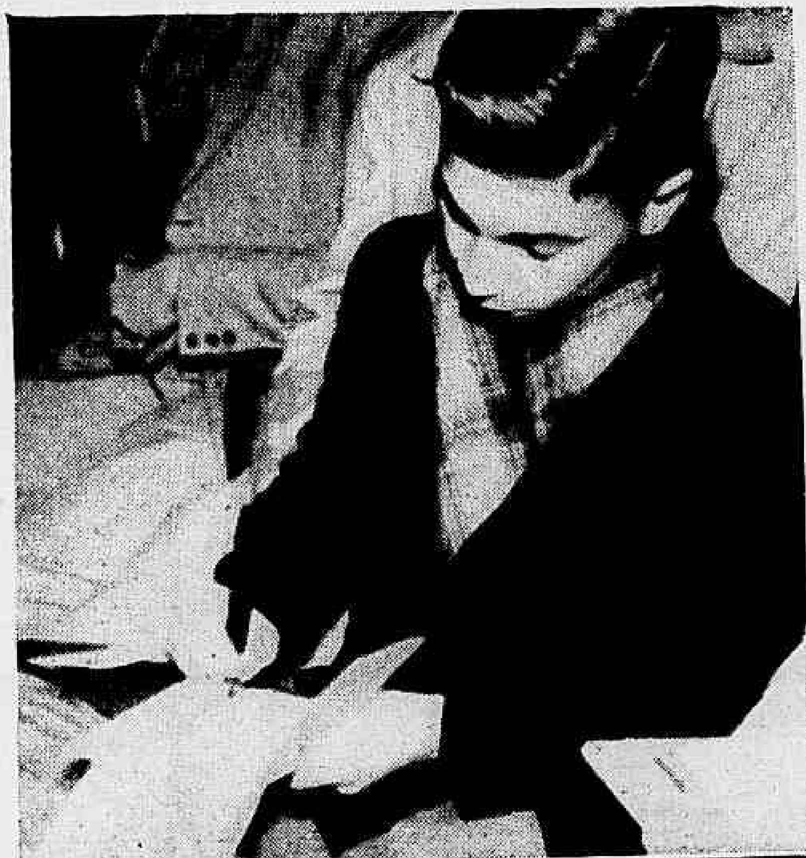
A casa se tumultuou. Guris falavam, guris gritavam, meninas olhavam, outras tomavam parte no vozerio incompreensível, enquanto o presidente da sessão batia, fortemente, a sineta, gritando a todo o pulmão:

— Calma, pessoal, silêncio! Que negócio é êsse? Assim a gente não faz congresso nenhum. Nós nem parecemos intelectuais!... E' preciso ordem, isto está até parecendo a Câmara dos Deputados... ninguém se entende!



BRINCANDO DE COISA SÉRIA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR — **Fotos de DARIO TERINI**



VAMOS TOMAR NOTAS, companheiros, porque vou rebater o que êsse menino está dizendo: não confio na minha memória...

E o silêncio voltou, abruptamente, como se tivessem jogado água fria num caldeirão fervente. O menino que iniciara o tumulto pediu licença:

— Se o colega me permite, eu gostaria que seu voto de protesto fôsse transformado em proposta, para ser votada pela casa.

O negrinho encorujado, que viera da Bahia, perguntava ao amigo do lado direito o que era casa, plenário, voto, ata, e tantas outras coisas que não entendia.

— Calma, Nonato, tem calma. Inda aprendes tudo isso. Eu não sabia nada, no outro congresso, e, agora, não vês como estou "taco" no assunto?

— E'... — fêz o crioulinho, desolado. — Tu pareces até deputado. Eu gostava de ser assim.

— E serás, espera...

CONGRESSO LITERÁRIO DE GENTE MIÚDA

— Mas que diabo é isso? Uma câmara de crianças? — meu amigo me olhou de soslaio e acrescentou. — Me conta...

— Ora, velho, isto é um congresso infanto-juvenil de escritores. Para ser mais exato, é o sexto congresso e hoje você está vendo só os infantis reunidos. Outros certames houve, realizados em Minas, na Bahia e, agora, cumpre a São Paulo hospedar êsses literatos.

— E que discutem, com tanta febre, como se fôssem ditar as normas que darão ao Brasil sua emancipação econômica?

— Ora, discutem tudo aquilo que os homens esqueceram de discutir por êles. Não vês? Êles querem moralizar a literatura em quadrinhos, fomentar a sadia literatura infantil. Desejam ler, ouvir e aprender. Querem saber do nosso folclore e clamam por bons programas radiofônicos e não por essa imundície que é jogada no éter por pessoas que nos fazem desconfiar serem sádicas ou maníacas e que só compreendem um humorismo: o pornográfico.

Você já viu alguma emissora com bons programas? Com uma programação que possa ser sintonizada durante todo um dia, sem ferir os brios de sua família, sem alterar a formação moral de seus filhos? Sei que não, e êsses pequerruchos bravios estão danados com isso.

AS CRIANÇAS TÊM DIREITO

O VI Congresso Infanto-Juvenil de Escritores teve lugar em São Paulo, de 6 a 13 de julho, num ambiente de excitação e trabalho, de ansiedade. Jovens de 16 a 20 anos e crianças de 12 a 15 anos, discutiram, em sessões distintas, os problemas da literatura, imprensa e rádio, que lhes dizem respeito.

Imprimiram estatutos, mimeografaram programas, comunicaram a todo o Brasil sua resolução e, na



SENHOR PRESIDENTE! é preciso que os adultos cuidem mais da juventude e da infância. Que é da nossa literatura especializada, do nosso rádio, das nossas bibliotecas e das nossas escolas?

OUTROS FATIGADOS e extenuados ante o calor da luta, mas voltavam, com novas idéias, novas energias.

noite de 6 dêsse mês, instalaram solenemente seu certame, numa sessão de gala realizada no Teatro Cultura Artística, que atraiu verdadeira multidão.

Tudo foi feito pelos pequenos e adolescentes. A direção do certame, as atas, as teses, etc., inclusive as peças de cerâmica, pintura e desenho, que constituíram belíssima exposição artística.

D. Lenyra Fracarolli, diretora da Divisão de Bibliotecas Infantis da Prefeitura e pioneira dessas casas de leitura, no Brasil, supervisiona tudo mas só com o olhar. Não dá palpites e mesmo quando um rapazelho da esquerda criou confusão, falando em política, ela achou que os guris é quem deveriam ditar seu destino, a despeito de êle haver ameaçado depredar a Biblioteca Infantil Municipal de Vila Buarque.

— A criança tem o direito de pensar, de tomar atitudes, de resolver, por si, seus próprios problemas — diz D. Lenyra. — O único auxílio que devemos dar-lhe é a orientação, o impulso inicial. Após isso, ela deverá escolher o caminho certo, debatendo, chegando a conclusões. Não importa que, como aconteceu agora há pouco, ela fale em autoeducação e depois se engasgue, sem saber o que é. Outras saberão. Haverá risos, mas tudo acabará em paz. E' o que estamos vendo, as crianças debatem e resolvem o que não resolvemos por elas.

NO PLENÁRIO DOS MIRINS

O "congressinho" foi muito bem organizado. Até um "bureau" de imprensa foi montado e meia dúzia de rapazes redigiam o noticiário para os jornais da cidade, cientificando-os do decorrer das sessões e do cumprimento do programa.

No plenário, os mais velhos discutem com maior seriedade, enquanto os menores, a despeito de terem menos tática "parlamentar" o fazem com sinceridade, com uma sinceridade tão humana, tão profunda, que confundiu o vice-presidente do legislativo municipal bandeirante, vereador Valério Giulli, quando participou da mesa que dirigia os trabalhos, como convidado de honra.

E, não raro, no auge de tremendas discussões, uma menina mais tímida sai chorando da sala, nervosa, procurando os ombros de uma bibliotecária, para se debulhar em lágrimas.

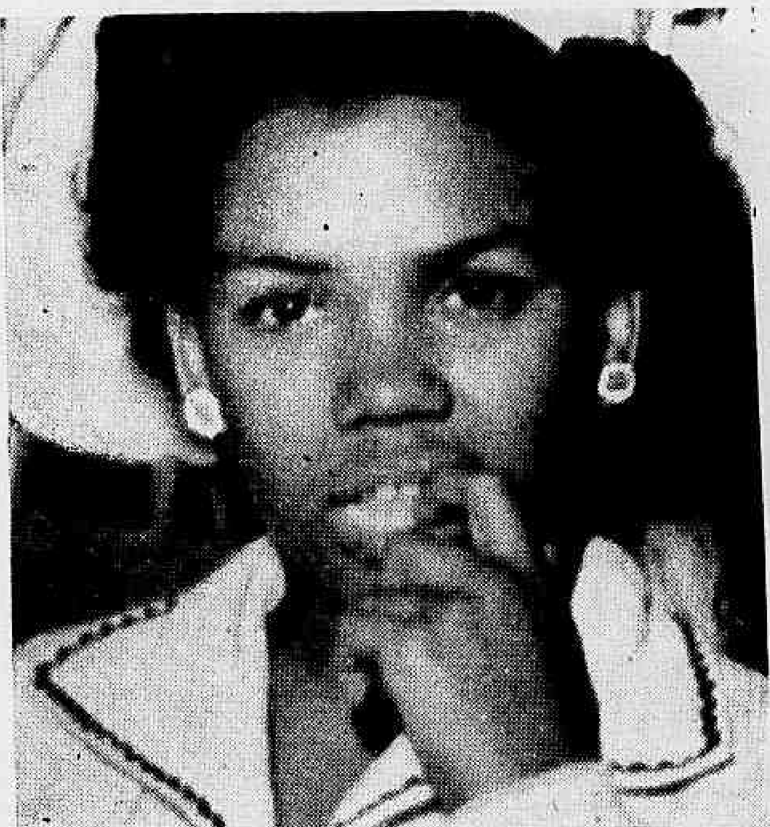
Mas não há revolveres, nem tapas ou bofetadas, nem ofensas, como acontece nas câmaras de verdade. Quando a menina acaba de chorar pode regressar tranqüila, pois ninguém a olhará com ar de superioridade. Ela volta, engolindo as últimas lágrimas, assoa o narizinho vermelho e entra, novamente, na luta tornando-se cada vez mais ousada, mais tarimbada.

VOTAÇÃO SEM CABALAS

E nesse grandioso espetáculo democrático não há cabalas, líderes ou traições. Todos discutem, votam; aprovando ou vetando, com sinceridade, sem interêsses ocultos. Escolheram os seguintes temas, em tôrno dos quais foram apresentadas dezenas de teses: "A influência das bibliotecas na formação das crianças"; "O folclore brasileiro — estudo e aproveitamento na literatura infantil e juvenil"; "O jornalismo infanto-juvenil"; "O rádio como mêio de educação dos jovens" e "Os livros infanto-juvenis".



O CARIOCA. DEZOITO ANOS, "literato" feito, já leu muita coisa em obras francesas; acha que a nossa literatura infantil deve melhorar.



MUITAS MENINAS participaram pela primeira vez. Ficaram bastante desoladas, durante as primeiras sessões. Mas isso durou pouco tempo.



INCERTEZA E DÚVIDA no Congresso Infanto-Juvenil de Escritores. Que devo fazer para discutir e saber falar como a Lúcia?, pensa a caloura.



REFLEXÃO DE um "congressista guri" durante os acalorados debates: — "Isso não está certo! Ou será que eu não compreendo bem a coisa?"

CONCLUSÕES DO CERTAME

E se essa gente grande que anda por aí escrevendo leis e discutindo política quer saber o que a infância e a juventude do Brasil pensa de tudo isso, é mais ou menos o seguinte:

"Nós, as crianças do Brasil, não possuímos o que se possa chamar literatura. Pouco ou quase nada se tem feito, em nosso país, nesse sentido, haja vista que a maior dificuldade das bibliotecas infantis é encher suas estantes. De folclore brasileiro temos muito pouco e grande parte dos livros que lemos são de literatura importada..

"Entramos, aí, num grave dilema. Queremos bibliotecas e elas, que tanto influem na nossa formação moral e cultural, querem livros. Que faremos se o govêrno não incentivar uma literatura decente e educativa, para nós?

"Estamos, também, muito aborrecidas com os programas radiofônicos. Poucos podem ser ouvidos pelas crianças. Essa a razão dos nossos congressos, pois queremos mostrar aos mandões desta nação que também somos gente. Que diabo, somos ou não os homens de amanhã?! E o que esperam vocês, gente grande, de homens analfabetos, repletos de vícios e de manias? Será que vocês querem enterrar o Brasil? Nós não pedimos muito. Queremos apenas ser alguém de mentalidade sadia, com tradições próprias, para não precisarmos importar Branca de Neve, Pato Donald, Pluto e outras coisas, quando temos motivos mais educativos e bonitos, entre nós mesmos.

"Estamos cansadas de pedir, mas achamos que êsses homens grandes não têm um pingo de juízo. Só pensam em política, em golpes, em negociatas e não nos dão escolas nem livros, nem nada que sirva. Se isso continuar assim vai mal. Esperamos que alguém olhe para o nosso cantinho e compreenda que êste congresso tem um significado muito mais profundo do que parece. Se essa gentarada grande é alta de mais, porque não se abaixa, para ouvir nossa voz? Ou será que todos os homens do Brasil estão surdos?"

— Terminou?

— Perfeitamente.

— Isso consta da ata?

— Não senhor, o congresso está encerrado, mas essas palavras não são minhas, mas de todos os pequenos e jovens do Brasil; o senhor publica?

— Claro velhinho, vá depressa embora, senão perde o avião.

— Então, até...

— Até qualquer dia, pequeno, e boa-sorte. Quem sabe os homens o ouvirão...



OS GURIS e os jovens votam — conscientemente — porque mostraram que sabiam aquilo que queriam. Tudo foi resolvido dentro das normas democráticas e, sem favor algum, êles deram uma lição inesperada de civismo, aos nossos homens do govêrno, ensinando como se deve fazer um Congresso.

PORQUE NÃO USARMOS OS "BABY TANKS" DE ASSALTO?

ESTAMOS vivendo na idade de máquina e nossas guerras tornaram-se mecânicas, mas é ainda a lamacenta e cansada infantaria que deve tempestuosamente atacar a fortaleza inimiga em sangrento assalto. Em alguns casos a situação tática e a natureza do terreno torna isso imprescindível. Em outros, entretanto, o ímpeto do assalto melhor pode alcançar seus objetivos com carros blindados leves. Por que, então, não mandaremos uma primeira onda de minúsculos "tanks" e não usaremos os nossos insubstituíveis Joes, os nossos pracinhas, para o interior dos mesmos, a fazerem tarefa mais segura? A primeira exigência a fazer-se para tais "tanks" é a mobilidade. Nossos "baby-tanks" devem estar aptos a grimpar ràpidamente os mais escarpados terrenos, escalar todos os barrancos, atravessar tôdas as fossas, buracos e trincheiras.

No desenho que aqui se vê a carlinga blindada é sustentada por três longas pernas, cujos pés são, à frente e à esquerda, duas lagartas e, atrás, duas rodas. Êstes pés sobem e descem, conforme o nível do terreno. Um telescópio permite ao operador explorar as mais vastas distâncias para todos os lados e as pernas do pequenino "tank" são como as de um inseto e fazem tôdas as proezas de que estas são capazes. O telescópio pode ser elevado ou baixado e revolvido num arco de 180 graus.

Enquanto todos êstes movimentos são feitos um suporte em baixo, na parte da frente, sobe ou desce para garantir a estabilidade do "tank". Êste pode ser do tipo hidráulico e operado de dentro do próprio "tank". O suporte traseiro, que termina por duas rodas, é necessário para evitar que o "tank" possa capotar quando esteja escalando íngremes e abruptos obstáculos, ou atravessando trincheiras muito largas.. Ainda aqui foram os insetos os inspiradores dêste poderosíssimo "baby-tank". Tanto a perna dianteira, como a lateral e a traseira foram inspiradas nas antenas de certos insetos pernilongos como os "Louva-Deus" e gafanhotos.

O bôjo do "baby-tank". tem o forma de um charuto, com 12 pés de comprimento e o máximo de 3½ de diâmetro. Êle é encimado por uma tôrre revolvente, na qual os armamentos são montados. Com ela sobe a altura total a 7 pés, um mínimo para a clara visão em altos capinzais ou terrenos acidentados. A largura da parte central é de 12 pés, o comprimento total da máquina, com seus pertences e apêndices pode ir até 24 a 32 pés. A guarnição de dois homens consiste no motorista e no atirador. O primeiro acomoda-se num assento-carrinho no nariz do "tank" e dirige por meio de duas alavancas de contrôle, uma para o trator principal, outra para os apêndices. Outros contrôles, o permitem manipular o nariz telescópico e as caudas-motores. O atirador assenta-se atrás do motorista e mais acima dêste num assento pendurado na tôrre e que com esta se move. Esta é montada numa engrenagem circular e giratória, que pode dar voltas completas de 360 graus, e é dotada de aparelhos de ouvir, de ambos os lados. À direita ficam um canhão e 2 metralhadoras, à esquerda o lança-chamas. Acima as duas antenas do rádio. As pernas são dotadas de poderosos dentes que cortam arame farpado. Tanto o canhão, as metralhadoras como os lança-chamas são montados em pequenas tôrrezinhas, que sobem e descem, conforme as necessidades. Eis sucintamente descritos os "Baby-tanks" norte-americanos. Por que não usá-los, em grandes massas, empregando nos mesmos os pracinhas norte-americanos, os famosos GI, a sua heróica infantaria? E' o que pergunta Frank Tinsley em número recente do "Mechanix Illustrated".

FILHO, MEU FILHO

Texto e ... DO MARTINA

... AGENS:

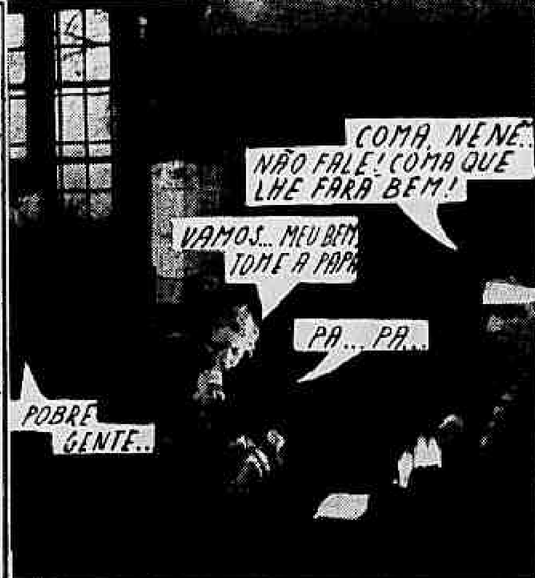
JEAN	RENATO SCANZ...
MARIO	FRANCO FA...
ZAIRA	LUIZA A...
SOLANGE	LICIA ...
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

6º CAPITULO (Resumo da parte já publicada)

N ...

A COLUNA DE DEPORTADOS FEZ UMA PARADA PERTO DAQUELE SOLAR PARA MATAR A SÊDE DOS INFELIZES COM AGUA DE UM RIACHO.

—o—

























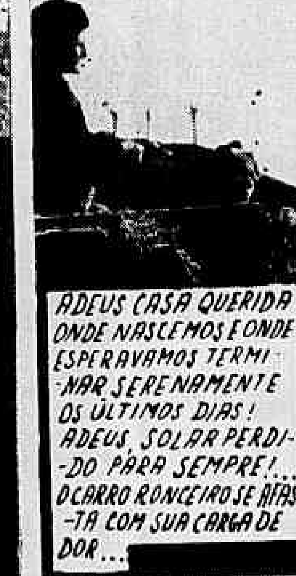








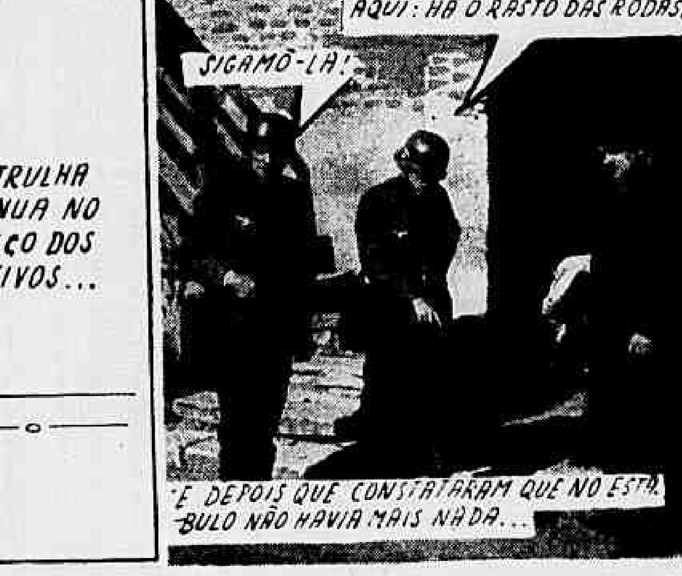


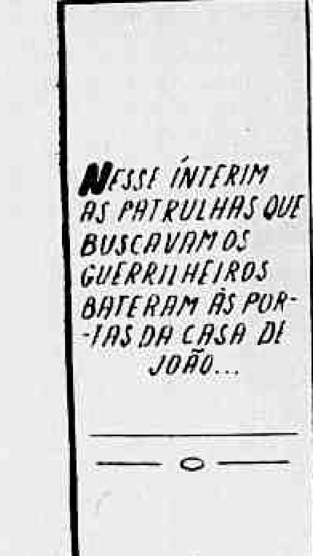




A PATRULHA CONTINUA NO ENCALÇO DOS FUGITIVOS...

—o—





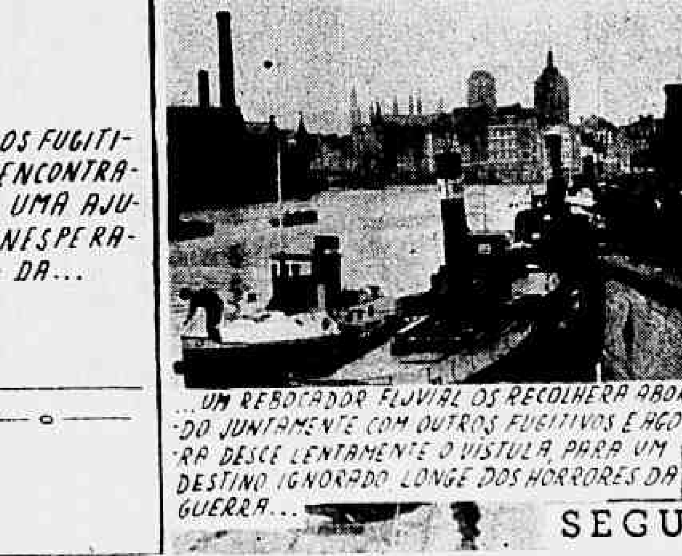






MAS OS FUGITIVOS ENCONTRARAM UMA AJUDA INESPERADA...

—o—



SEGUE

A REVISTA HÁ 50 ANOS

(3 de agôsto de 1902)

O PAPEL FOSFORESCENTE

É sabido que muitas substâncias têm a propriedade de armazenar a luz e de a exalar depois na obscuridade; é o fenômeno da fosforescência. Esta fosforescência é mais ou menos viva, conforme os corpos absorvam mais ou menos luz. Às vêzes mesmo torna-se tão fraca que escapa ao nosso olhar, mas nem por isso deixa de impressionar as substâncias químicas mais sensíveis que a nossa retina aos raios luminosos. E' o caso do papel, cujas propriedades fosforescentes eram até há pouco ignoradas. Um químico inglês, o sr. Martim Ducan, verificou que certos papéis, especialmente os fabricados de massa de madeira, como o papel de jornal, possuem fosforescência bastante para impressionar as fotografias. Tendo pôsto em contato, na obscuridade, durante vinte e quatro horas, com placas de bromureto de prata, bocados de jornais, prèviamente expostos aos raios solares, obteve, pela revelação dessas placas, imagens mais ou menos intensas. Nada se obtém com os papéis de luxo feitos com o trapo nem com o papel calandrado. Estas experiências fornecem indicações muito interessantes quanto às precauções a tomar na embalagem de placas e papéis sensíveis e na conservação das provas fotográficas.

★

Um homem de ultra-evangélica paciência, o Sr. Boy, de Foucau, lembrou-se de calcular quanto haveria rendido um centésimo, colocado a 5 por cento, a juros compostos, desde a morte de Adão, ou seja durante 5.800 anos, idade provável do mundo atual, segundo os textos sagrados.

O resultado, em centésimos, é o número 4.231, seguido de 121 zeros!

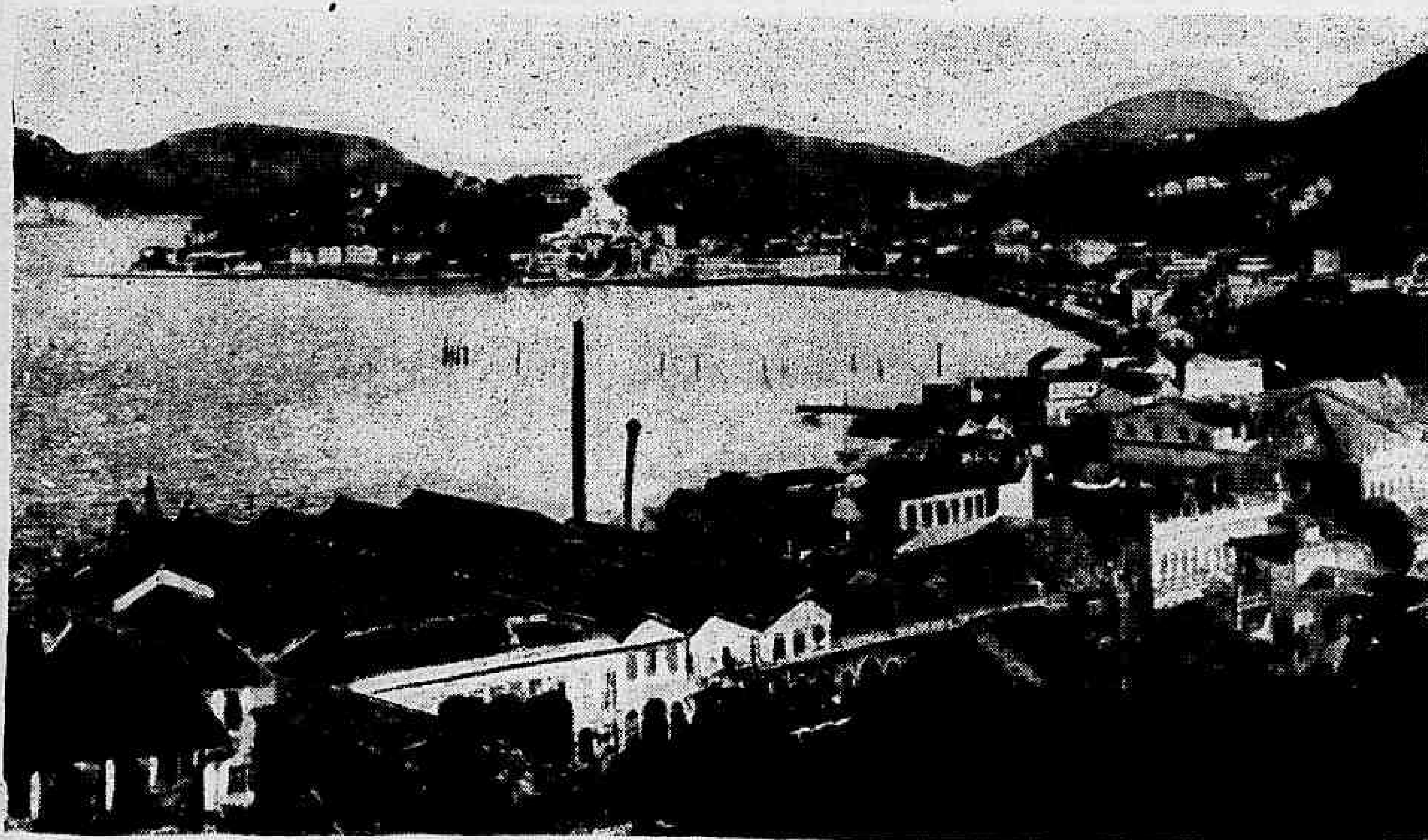
CRÔNICA

Ainda inferior, talvez, à de hoje, não é a geração de amanhã que nos sentenciará. Mas pode ser que a pátria ressurja algum dia em nossos netos. Encontraremos então, entre êsses, quem nos julgue: e será miséria, aos seus olhos, têrmos estampada a consciência jurídica do nosso tempo num código civil, que até êles nos chegue, ou das suas escolas venha a ser refugado, por corromper o falar da mocidade. Embora frouxo eco possam ter estas idéias atualmente, porque um povo insensível à mutilação do seu território não se poderá doer da alteração de sua língua, eu, meus ilustres colegas, lavrarei hoje por esta, no seio de vós, como há dois anos, lavrava por aquela, da tribuna do Senado, o meu protesto. Se por ventura somos uma família humana condenada a perder a individualidade, e ser devorada pelas nações civilizadoras, quero estar entre os últimos a não ser se desconvencerem, nesta terra, de que uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro, antes de ser por êle absorvida.

Assim conclui o eminente Sr. Rui Barbosa o seu monumental parecer sôbre a redação do Projeto do Código conforme o recebeu da Câmara dos Deputados. Não cogita a REVISTA DA SEMANA dêsse diploma enquanto regulamentador das nossas relações civis, nem o alegre borboletear do cronista se compadece com essas coisas graves e tremendas, patrimônio de um grupo limitado de sabedores. Um laço de grande intimidade estabelece, porém, o Sr. Rui Barbosa entre o trabalho do jurista e o mister do homem de letras; tão íntimo que os julga inseparáveis, demonstrando o seu assêrto por forma a excluir qualquer controvérsia. A sua demonstração é luminosa como o sol dêstes sete dias; irredutível e irrespondível. Em seis páginas que condensam cento e noventa e seis de alentados e merecidos bolos, o revisor do Projeto do Código Civil levanta um hino à majestade da nossa língua incomparável, salva a dignidade do nosso Parlamento e forja contra a nossa educação um libelo que exclui a contrariedade.

As letras pátrias e quantos com amor as cultivam, se tudo fizessem muito pouco faziam para manifestar a essa mentalidade que a sua época ainda não compreendeu tôda a gratidão de que lhe são devedores. O seu trabalho é, para nós outros, uma desforra — e que desforra! — do desdém sistemático e solerte com que a ignorantíssima e indigente política da última década tem olhado os que, às vantagens do nepotismo, preferem o cultivo dos elementos líricos do pensamento.

Jamais a competência e a ironia, de mãos dadas, uma competência de enciclopedista e uma ironia de Paul Louis Courier puseram à nu, com mais galante crueza, o desamor com que entre nós tem sido tratada a língua pátria, base essencial da autonomia da nacionalidade, condição insubstituível da sua persistência através do tempo e do espaço. Jamais, também, a sua autoridade se impôs com maior cópia de argumentos, lógica mais cara, erudição mais profunda. E se o Código Civil puder figurar sem desdouro no repertório da legislação brasileira, a êle o deverá ainda, ao letrado, ao homem de letras, a um dêsses raros levitas da religião do vernáculo que o presidencialismo parlamentar alcunha desdenhosamente de... inúteis! — **JACQUES BONHOMME**.



CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Rua de Santa Luzia, praia da Lapa, cais e morro da Glória.

O EDREDON

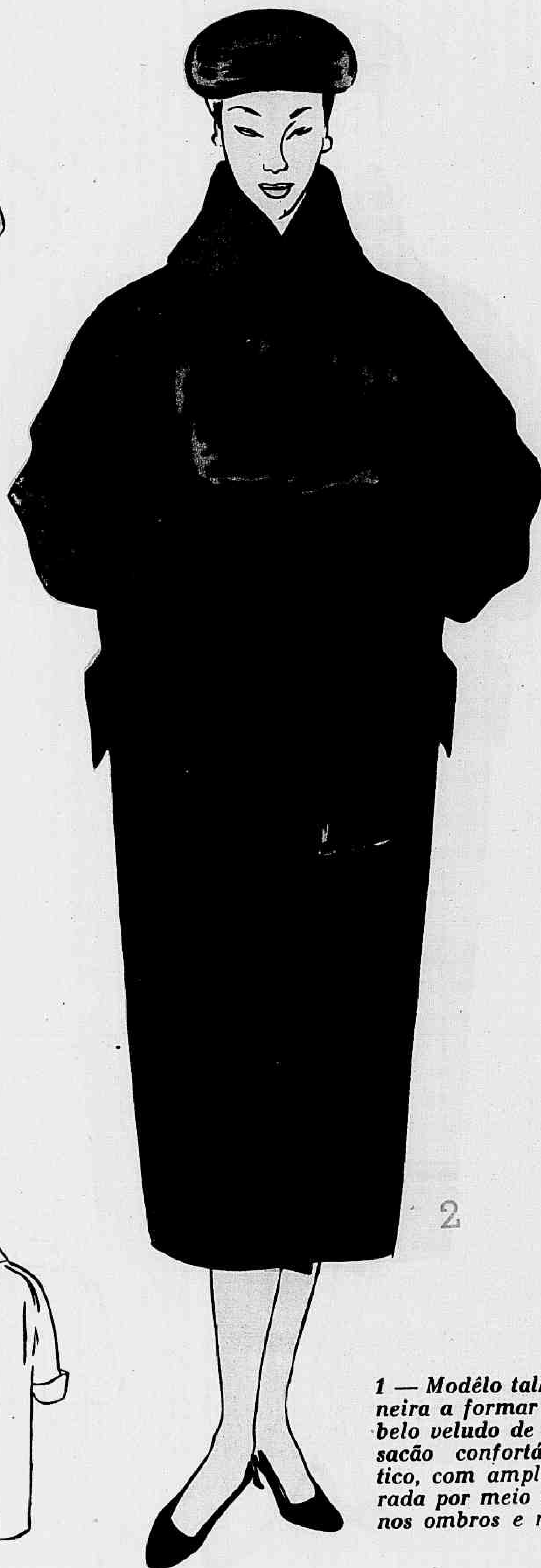
O verdadeiro edredon, ou eider-down, é a penugem com que uma ave aquática, o Eider, das ilhas Force, forra o seu ninho, depois da fêmea a haver arrancado do peito e do ventre. Êste edredon é muito raro, e alcança preços que regulam por dez mil réis fortes o quilograma.

O edredon fornecido pelo comércio costuma ser penugem de ganso ou de pato. Para obtê-lo, arranca-se a penugem dos gansos de mais de dois anos, em março, junho e agôsto, e a dos patos na primavera e outono, tendo cuidado de não deixar a descoberto completamente mais do que o pescoço, as axilas ou o ventre do animal.

A pele de cisne, que se importa de Poitou, não é mais do que pele de ganso coberta com a sua penugem. Tôdas estas espécies de edredon devem ser colhidas isentas de penas fortes, de maneira que formem uma massa ligeiríssima, que se espalha pelo ar ao menor sôpro.

DOIS CASACOS





1 — Modêlo talhado de maneira a formar corpete, em belo veludo de lã; 2 — Casacão confortável e prático, com amplitude exagerada por meio de "princes" nos ombros e nas mangas.







A) **O vestido rodado**, num tecido de algodão que pode ser em tom azul turquesa: corpo ajustado, decote "bateau", mangas muito curtas, caindo pelos ombros. A parte superior do corpo é franzida e aberta ao meio, fechando com um botão. A saia é tôda em machos não passados. Pode ser usado:

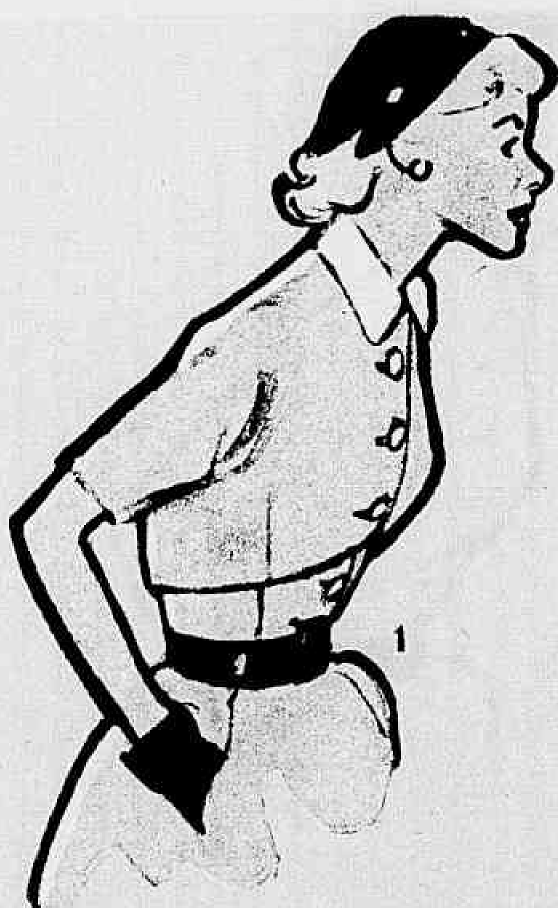
1) **À noite**, com larga faixa de tussor branco e uma rosa.
2) **À tardinha**, com uma fita estreita gros-grain, preta, dando um laço de pontas longas caídas na frente. Luvas pretas.
3) **Nos dias frios**, com um bolero-spencer no mesmo tecido, de mangas curtas, abotoado na frente e com dois bolsos embutidos nas "pinces".
4) **Para diversas** oportunidades, com grande gola de fustão branco, cinto e luvas brancas.
5) **No campo**, com um viez "ciré" debruando por dentro a linha do decote e a abertura das mangas.



A

RODADO OU ESTREITO ESCOLHA UM







B) O vestido estreito e colante, em tecido de algodão branco. O corpo tem decote muito cavado e é bem ajustado por "pinces", abotoado na frente. A saia é em quatro panos com bolsos embutidos nas costuras da frente. Pode ser usado:

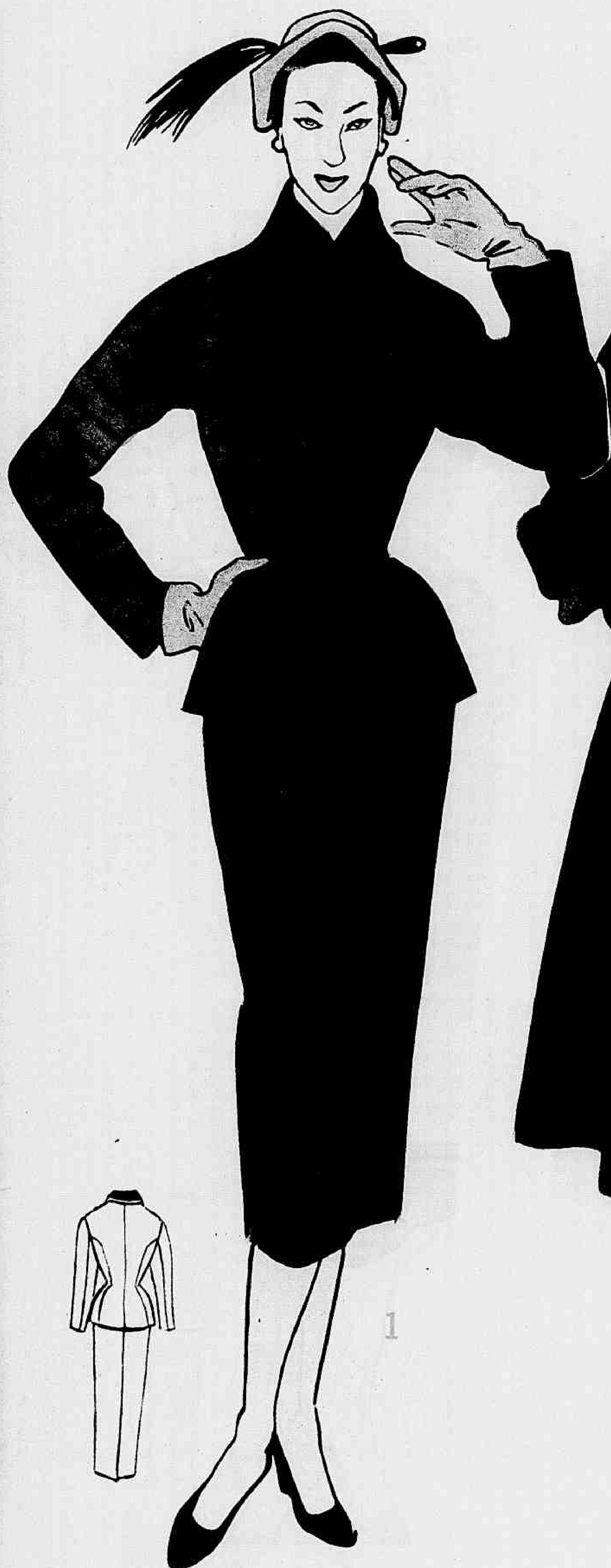
1) **Na cidade**, com bolero curto do mesmo tecido, de mangas japonêsas e gola bem fechada, as "pinces" acompanhando as do vestido.
2) **Para um jantar**, com grande faixa de cetim prêto.
3) **À tarde**, com gola superposta de organdi franzido, abotoada na frente com um botão igual aos do vestido.
4) **Durante o "week-end"**, com grande gola e faixa cortadas no sentido enviezado em tecido listrado.
5) **À beira-mar**, com cinto-espartilho em gros-grain branco-e-prêto.





VESTIDO QUE "NUNCA PARECE O MESMO"

ELEGANTES





1 — Para o fim da tarde, eis um elegante "tailleur" em tafetá com listras acetinadas; 2 — O casaco por excelência para durar, pelo gênero e pela linha, com gola e punhos de lontra.



Flagrante apanhado por ocasião da festa noturna, realizada no Hipódromo da Gávea no dia 16 de Julho p.p., em benefício das obras sociais da Senhora Darcy Vargas, da qual participou a Sociedade Hípica Brasileira realizando uma corrida de "steeple-chase". Na foto aparecem os concorrentes, entre os quais um único do sexo feminino — a Senhorita Tatiana Mac Kinney. Vemos, ainda, no grupo o General Caiado de Castro, Chefe da Casa Militar da Presidência da República, e os diretores do Jockey Clube Brasileiro: — Srs. Drs. Mário Ribeiro, Andrade Ramos, Ministros Luiz Galoti e Ozório Dutra.

CORRIDA NOTURNA

TUDO se aliou para que a corrida noturna, realizada no Hipódromo da Gávea, no dia 16 de Julho passado, redundasse em um grande êxito social e esportivo. Programa excelente, noite agradável e execução perfeita para que a multidão que encheu tôdas as arquibancadas do nosso grande prado saísse plenamente satisfeita. Se as obras sociais da Senhora Darcy Vargas mereciam êsse resultado é de se destacar que para êsse sucesso contribuiram os esforços dos diretores do Jockey Club, que foram incansáveis no preparo à efetivação dessa magnífica reunião. Se no recinto social não faltou a presença do nosso "grand-monde", nas outras dependências o povo acorreu numa demonstração de solidariedade aos fins filantrópicos da festa. Como estava anunciado, houve sorteio de brindes aos que compareceram ao jantar-dançante, tendo sido premiados os bilhetes de números: 1027, 1654 e 0134, que deram aos seus portadores, (senhoras) a obtenção de uma estola de vison "platiné; um relógio com pulseira de ouro e uma piteira de ouro, respectivamente; e os números 0143, 2005 e 3590, que couberam aos cavalheiros detentores dos respectivos bilhetes e cujos prêmios eram, na ordem: um relógio "Pateck" de ouro, e binóculos. Dirigiu o sorteio, com a colaboração de seu colega Sr. Fernando de Andrade Ramos, o diretor do Jockey Club, Sr. Parente Sobrinho, sendo os números retirados da sacola por senhoras ali presentes e anunciados pelo locutor Theóphilo de Vasconcellos. O primeiro prêmio coube à senhorita Violeta Rodrigues Maciel, membro da embaixada uruguaia de estudantes de direito, ora nossa hóspede, e que tôda compareceu à festa. Vivamente aplaudida, a jovem acadêmica disse ao microfone, agradecendo, da sua satisfação e de seus colegas pela oportunidade que tiveram de contato com a sociedade carioca. Os prêmios à essa senhorita bem como à Senhora Adherbal Mello, foram a seguir entregues pelo General Caiado de Castro, Chefe da Casa Militar da Presidência da República, ficando os que não procurados à disposição dos portadores dos respectivos cartões na sede do Jockey. O presidente da sociedade, Sr. Mário Ribeiro, ao finalizar a festa, depois de agradecer o concurso da Sociedade Hípica Brasileira, fêz entrega de delicados mimos aos primeiros colocados da prova de "Steeple-Chase", e que foram os Srs. Geraldo Calmon de Brito, Maurício Memória, Geraldo Gonçalves de Sá e Geraldo Vale. À Senhorita Mac Kinney, única concorrente feminina, foi, também, oferecida uma lembrança. Quando, pela madrugada, as orquestras davam os últimos acordes, encerrando a magnífica festa, entre os louvores de todos, havia já os prognósticos de novo sucesso da noturna que está programada para a Semana do Grande Prêmio Brasil.



UM exemplo dignificante de trabalho, para a resolução do problema mais angustiante do carioca, — o problema da habitação — é, sem dúvida alguma, êste que nos vem dando o Montepio dos Empregados Municipais. O primeiro grande passo dessa instituição naquele sentido, foi quando iniciou o financiamento dos aluguéis dos seus filiados, medida essa muito bem acolhida e que teve grande repercussão.

Entretanto, o MEM não ficou sòmente nisso. Era necessário fazer algo mais para tirar definitivamente do empregado modesto da municipalidade aquêle tremendo pesadelo que constitui o aluguel de uma casa ou apartamento, com seus preços elevados, depósitos, contratos, etc. Surgiu, então, o firme propósito dos dirigentes do Montepio de dotarem os seus mutuários de residências próprias.

De fato, já em 1950 o Montepio começava o seu novo plano da assistência, que consiste no financiamento da compra de terreno e construção de casa; compra de casa ou apartamento já construído; compra de terreno e construção de edifício de apartamentos; na construção em terreno próprio do contribuinte, além do financiamento de obras de reforma em prédio do contribuinte.

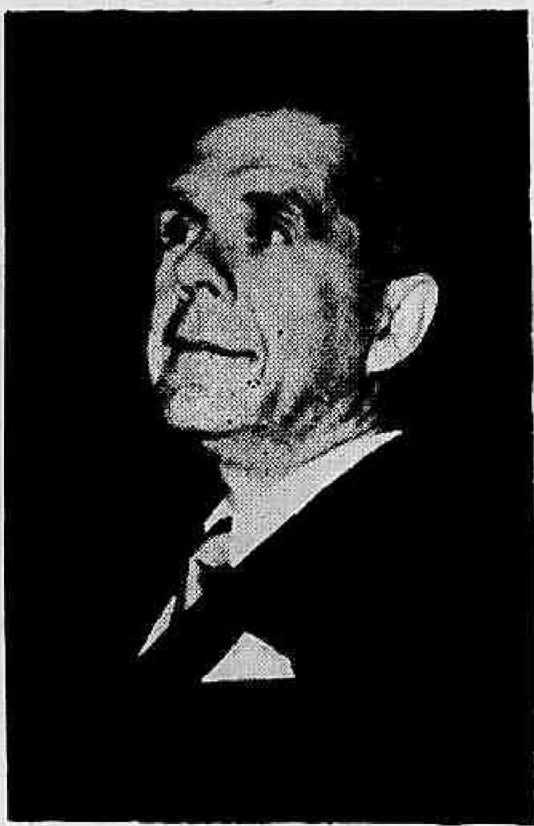
A atual direção do Montepio tem sido pródiga, desdobrando-se no máximo para facilitar aos empregados municipais a realização do seu maior

No alto da página e em baixo, à direita, são vistos dois aspectos do conjunto residencial da rua Mário Calderaro, no E. de Dentro. Dezoito amplos e confortáveis apartamentos para empregados da Municipalidade.

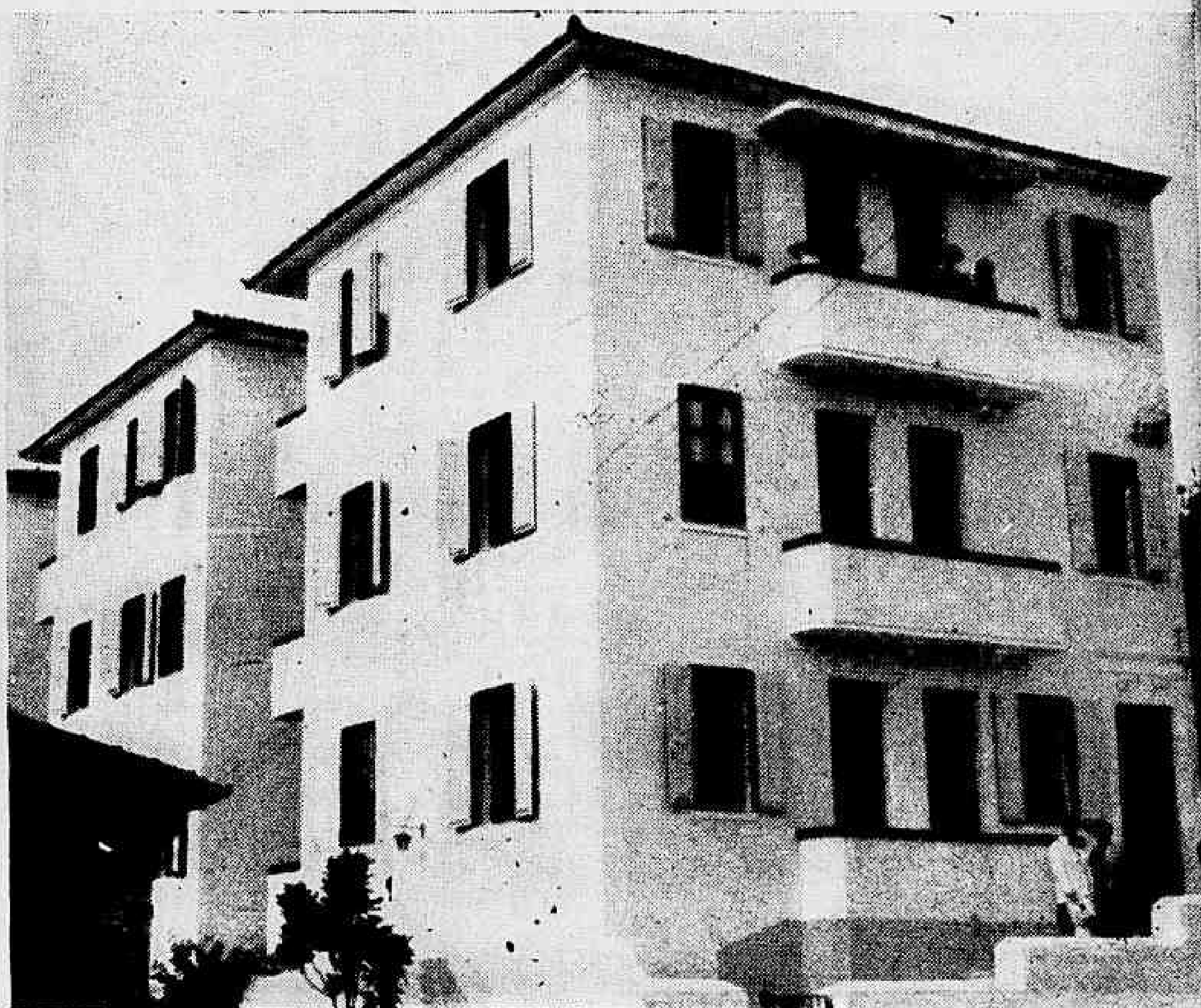
CASA PRÓPRIA PARA FUNCIONÁRIOS MUNICIPAIS

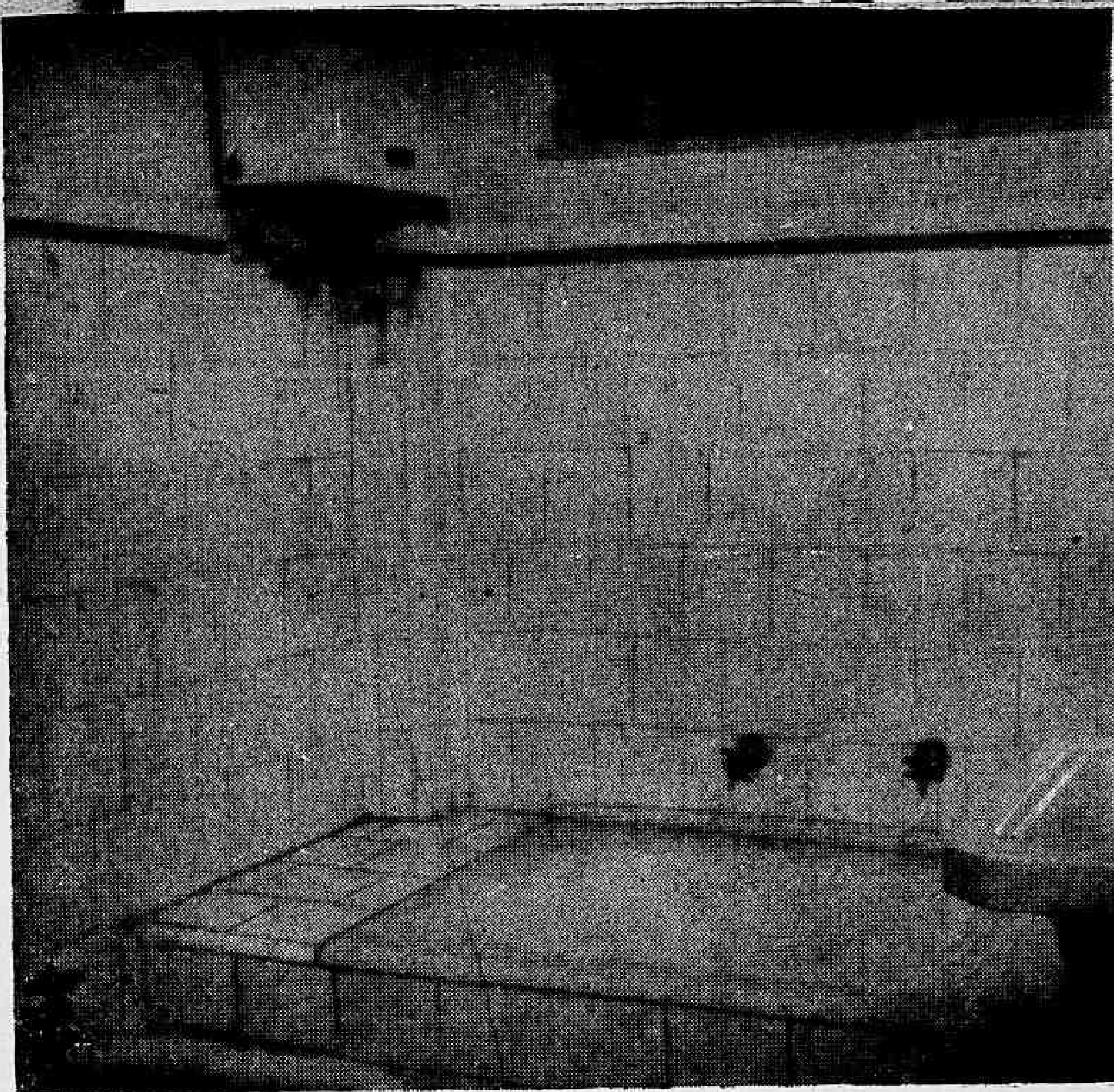
CONTRIBUINDO PARA A SOLUÇÃO DO ANGUSTIANTE PROBLEMA, O MONTEPIO DOS EMPREGADOS MUNICIPAIS INAUGUROU UM GRANDE BLOCO RESIDENCIAL NO ENGENHO DE DENTRO

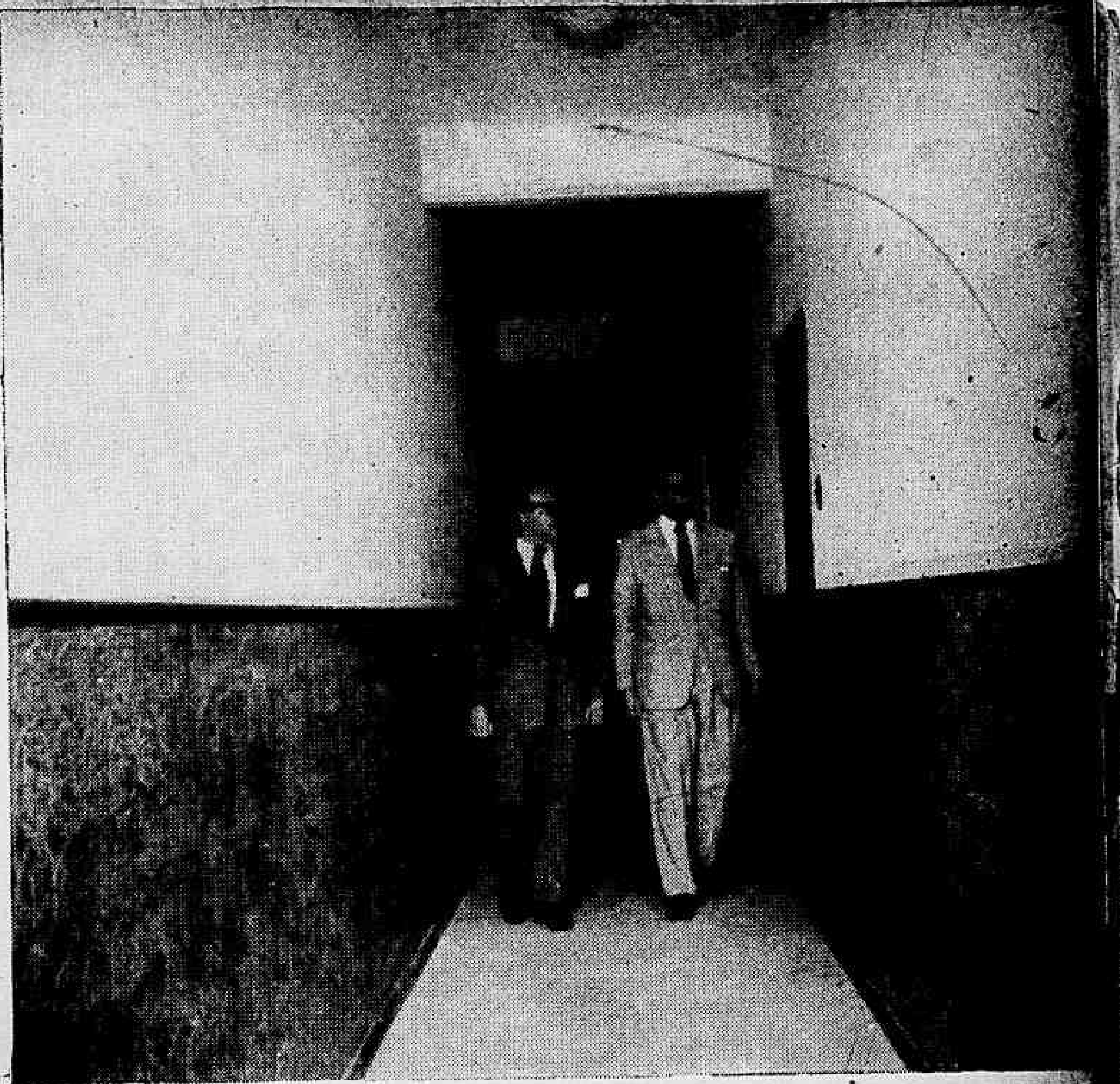




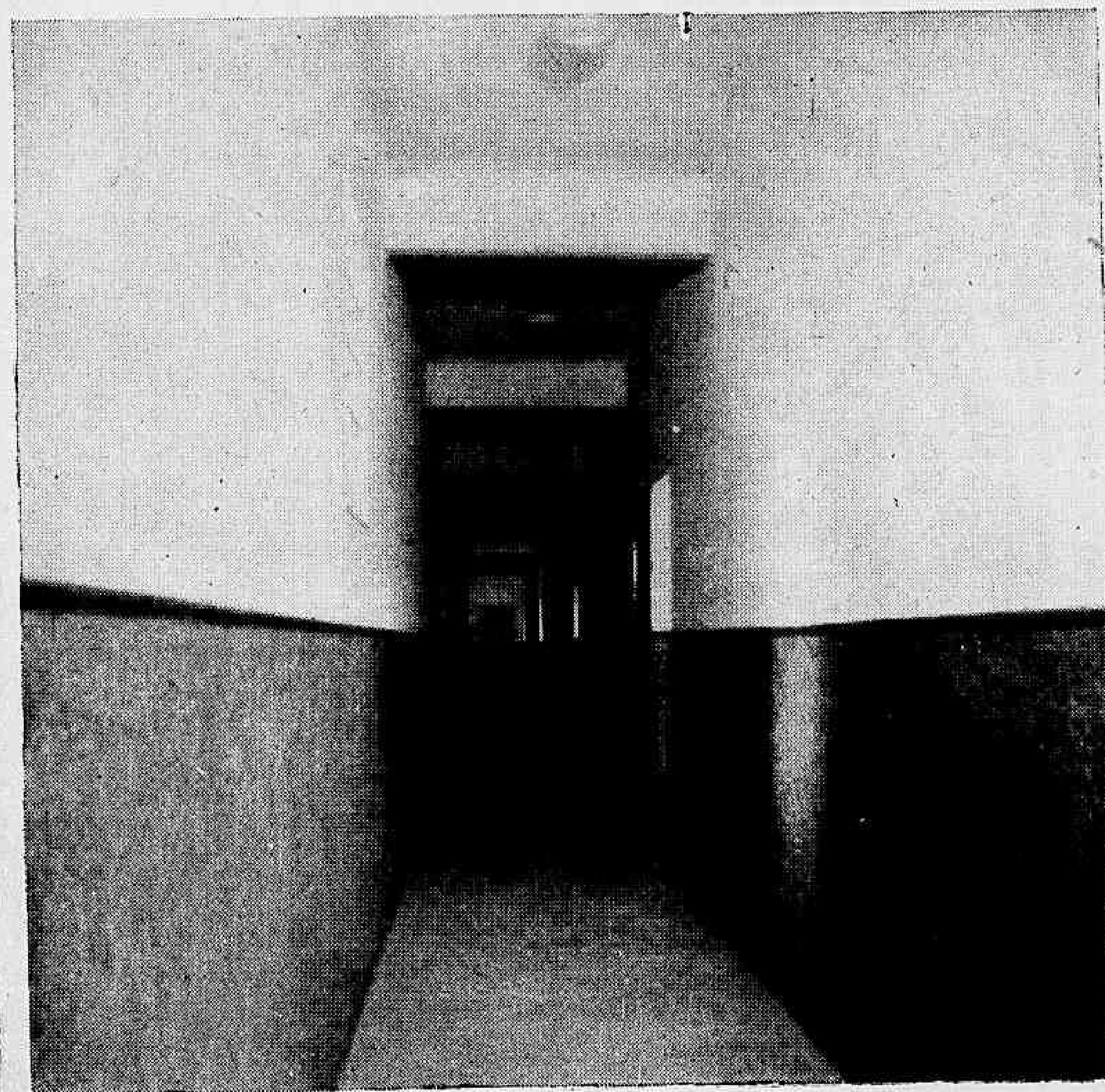
Seguindo a orientação do Sr. Getúlio Vargas e do pref. João Carlos Vital, no tocante à solução de um dos mais importantes problemas sociais da metrópole, o da casa própria, o Montepio dos Empregados Municipais acaba de dar a sua maior parcela, até aqui, ao movimento encabeçado por aquêles governantes.

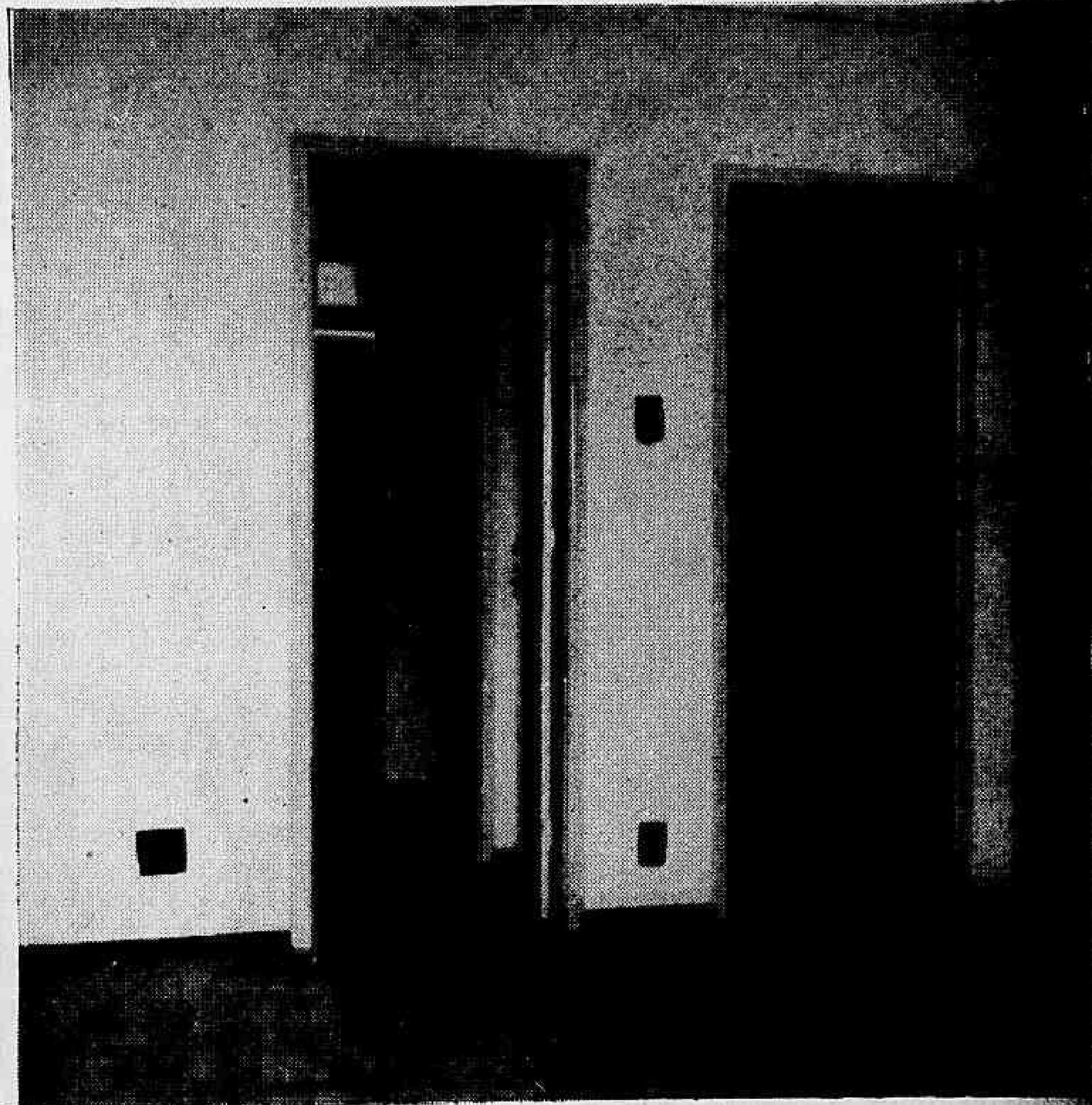






Em cima e em baixo, quatro vistas internas do conjunto de apartamentos recém-inaugurado à Rua Mário Calderaro, no Engenho de Dentro — E.F.C.B.





e mais justo sonho: o da aquisição de sua própria residência. Para êsse fim, surgiu no MEM um outro excelente plano, sob todos os pontos de vista. Êsse plano, que aparentemente pouco difere do a que nos referimos antes, consistindo na compra de terrenos ou prédios construídos os quais são revendidos aos mutuários, apresenta, entretanto, a vantagem de facilitar aos candidatos a obtenção dos imóveis por preço acessível. Um exemplo do benefício que recebe o mutuário através das operações em apreço, está no fato da recente inauguração do conjunto residencial adquirido pelo Montepio e revendido a seus filiados.

O conjunto de que falamos está localizado num total de área construída de 1.435 m² no Engenho de Dentro, à rua Mário Calderaro, 19, bem próximo à condução na Av. Amaro Cavalcanti. São 18 apartamentos, cada um com uma média de 56 metros quadrados, dispondo de sala, dois quartos, passagem interna, cozinha, banheiro completo, área de serviço com WC de empregados e, em alguns, ainda um pequeno vestíbulo. Todos êles já estão sendo servidos pelo fornecimento de gás.

Êsses apartamentos foram vendidos, uns pelos outros, ao preço de Cr$ 200.000,00, preço que dificilmente seria conseguido para casa ou apartamento com tôdas as acomodações referidas naquelas redondezas. Maior vantagem, no entanto, tiveram os beneficiados: consoante a tabela de amortizações do empréstimo imobiliário, vão pagar mensalmente Cr$ 1.500,00! E naquele ponto, com as mesmas características, em prédio de primeira habitação, jamais encontrariam coisa igual por aluguel que fôsse inferior a Cr$ 2.300,00.

A inauguração do conjunto do Engenho de Dentro teve lugar no mês de julho p. passado, em brilhante solenidade presidida pelo prefeito Carlos Vital, à qual compareceram ainda o diretor do Montepio dos Empregados Municipais, deputados, vereadores e outras altas autoridades federais e municipais, além de numeroso público.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — QUE VEM A SER «HERANÇA JACENTE»:

— Sem herdeiros?
— Sôbre imóveis?
— Em dinheiro?

2 — FULANO É UM «LOVELACE»:

— Um indivíduo caloteiro?
— Conquistador?
— Vagabundo?

3 — QUAL O NOME INDÍGENA DO CAULE DA MANDIOCA:

— Maniva?
— Quiri?
— Imbaúba?

4 — QUAL DESTAS FORMAS É CORRETA:

— Nível?
— Nivél?
— Libél?

5 — QUE NOME TEM A CIÊNCIA DO CONHECIMENTO DAS MONTAHAS E DE SUA ESTRUTURA:

— Orografia?
— Hidrologia?
— Oreognosia?

6 — A PALAVRA «OSTEIDE» É SINÔNIMA DE:

— Sono?
— Preguiça?
— Dente?

7 — O PISTILO É UMA PARTE:

— Da flor?
— Do fruto?
— Das fôlhas?

8 — CRIAÇÃO «OVINA» É:

— De aves?
— De ovelhas?
— De cabras?

9 — DE ONDE NOS VEIO A PALAVRA «PALADINO»:

— De Roma?
— Do árabe?
— Dos cavaleiros de Carlos Magno?

10 — QUE VEM A SER CAVALO PANGARÉ:

— De corridas?
— Bom reprodutor?
— De pouco valor?

11 — QUE QUER DIZER «PAPUJAR»:

— Criar papo?
— Fazer ruído com um motor?
— Deslisar na lama?

12 — O PATARATEIRO É:

— Gabola?
— Vendedor de pastéis?
— Canoeiro?

13 — QUE QUERIA DIZER, ANTIGAMENTE, «CAPITÃO DO MATO»:

— Sentinela à entrada de uma cidade?
— Perseguidor de escravo fugido?
— Administrador de fazendas?

14 — UMA PALAVRA DE CINCO SÍLABAS É:

— Pentassílaba?
— Tmese?
— Hipotípose?

15 — QUAL DESTAS AVES É PETALÓPODE:

— O ganso?
— O papagaio?
— O urubu?

(Respostas na página 48)

CONVERSA DE MULHER

UMA PROFESSÔRA E 6.000 MULHERES INFELIZES



NÃO sei ao certo professôra de que. Mas leio numa das muitas e variadas revistas femininas norte-americanas que a professôra Christine H. Hillman, da Western Reserve University, de Cleveland, Ohio, examinou, como parte de um plano de amplitude nacional, os motivos de infelicidade de exatamente 6.422 mulheres, entre casadas, solteiras e divorciadas. Tôdas dos 21 aos 30 anos. O estudo da professôra Hillman (cujo retrato, ao alto da página da revista em que vem o seu artigo, é o de uma sedutora e faceira jovem senhora) não pretende ser representativo da média das mulheres norte-americanas. As mulheres que examinou eram decidida, sentida e declaradamente infelizes e haviam chegado ao ponto de procurarem aconselhar-se com psiquiatras. Entretanto, essas mulheres desesperadas não encaravam dificuldades de que se achem eximidas quaisquer jovens de nosso tempo.

● A investigação da professôra, feita no decorrer de quatro anos de intenso trabalho, não visa conclusões morais, mas antes um exame das causas. A grande maioria das mulheres incluídas nas observações levavam uma vida sexual insatisfatória, em geral por desajustamento em relação aos maridos. Pode um casamento moderno resistir a tal aspecto? Em cada caso particular êsse desentendimento representa um excessivo desgaste nervoso, resultante em mau humor, brigas e freqüentemente adultério de ambos os lados.

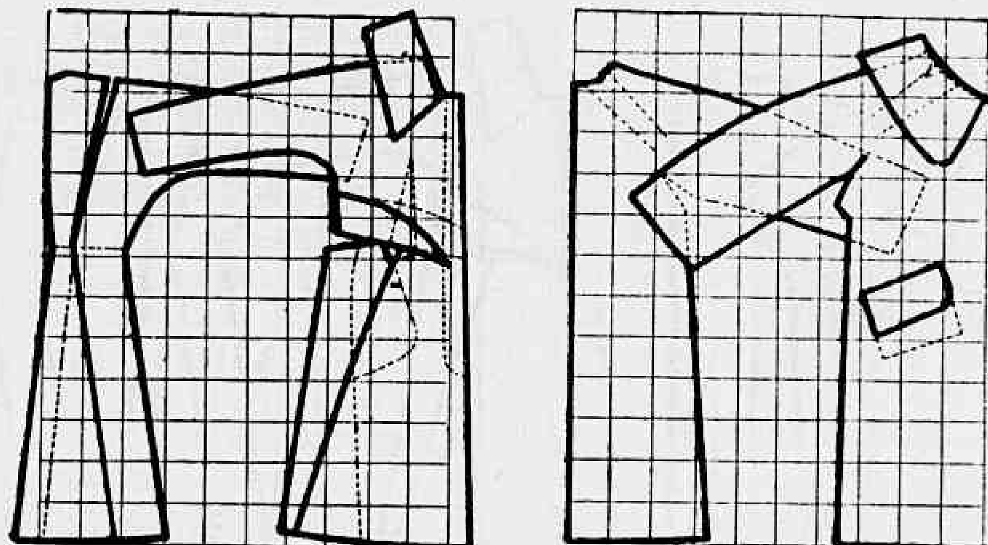
● O segundo motivo da infelicidade das espôsas residia no fato dos maridos serem dados a se entregarem ao vício da bebedeira, desinteressando-se dos acontecimentos domésticos, como conseqüência, entretanto, na maioria dos casos, de incompatibilidades e problemas matrimoniais. O terceiro motivo apareceu como sendo devido à influência das sogras e parentes das famílias dos cônjuges. E em quarto lugar figuram os apertos de dinheiro como causa de situações que levaram a desavenças entre casais e torturas femininas.

● Não são encontradas divorciadas para as quais a simples dissolução do laço conjugal tenha sido remédio, entre as pacientes da professôra Hillman. Um olhar às suas infelicidades demonstra que não se sentem melhor que as casadas — nem têm mais juizo, sendo que para começar se acham demasiado expostas a diversos tipos de homens que as consideram jôgo fácil.

Mas a informação talvez mais importante do estudo Hillman foi sem dúvida a de que as mulheres infelizes seguem, sem se aperceberem, o mesmo padrão destrutivo de vida de seus pais: sessenta e sete por cento das questionadas reportaram que quando crianças haviam sido vítimas de lares desfeitos e não se sentiam amadas. Êsse fator foi o único que arrancou a professôra Hillman da sua mera enumeração de fatos para uma opinião: "Se as crianças forem educadas de modo a verem objetivamente os motivos que fazem infeliz a vida de seus pais, poderão se libertar do destino de imitá-los."

O inquérito da professôra Christine Hillman, embora feito entre as americanas do norte, não deixa, entretanto, de ser de algum modo representativo das causas gerais de infelicidade das mulheres do meio brasileiro.

ISOLETTE



Diagramas dos modelos de números 1 e 2, apresentados na página 35.

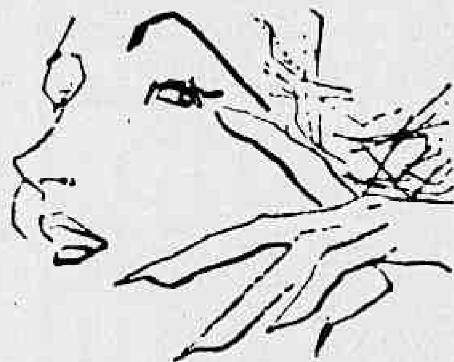
ROTINA DE BELEZA

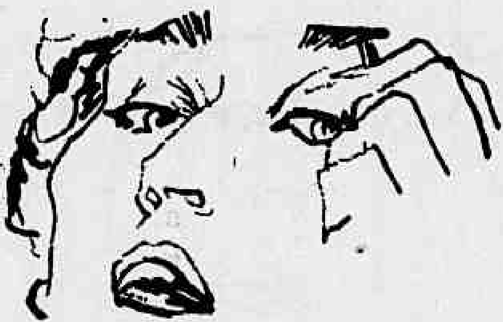
SUAS SOBRANCELHAS MERECEM SER BEM CUIDADAS

EM geral os olhos que vemos seriam mais bonitos se a sua moldura de sobrancelhas fôsse mais bem cuidada e inteligentemente traçada. Eis algumas regras importantes para considerar em relação às suas sobrancelhas, leitora:

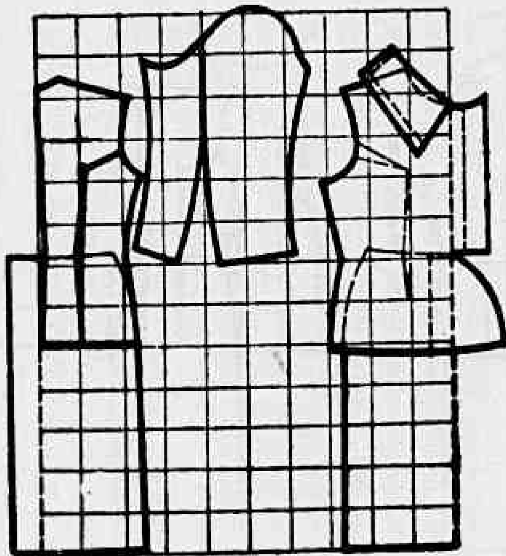


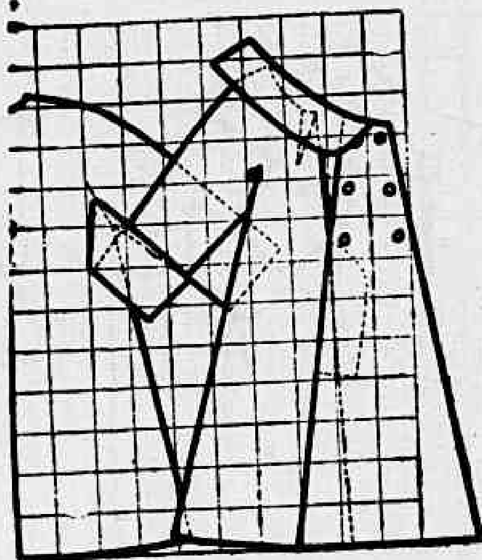
● Em geral, os olhos maiores necessitam de sobrancelhas mais espêssas. Nunca faça nenhuma alteração importante em suas sobrancelhas sem primeiro experimentar como ficarão. Cubra uma sobrancelha com base de maquillage e pó de arroz. Desenhe então a modificação que pretende fazer. Compare no espelho a sobrancelha natural e a arranjada. Se seus olhos são muito juntos faça com que suas sobrancelhas não comecem perto do alto do nariz, deixe-as começarem quase do meio dos olhos. Se são muito finas, engrosse-as com a escovinha molhada em máscara da mesma côr; deixe secar e retoque os claros com lápis apropriado. Para que o efeito seja mais natural, faça tracinhos curtos, imitando pequenos fios, com lápis de dois tons de castanho, mais claro e mais escuro, se fôr loura, ou castanho e prêto se fôr morena. Nunca permita que o fim de sua sobrancelha termine abaixo da altura em que começa ....











Diagramas dos modelos de números **1** *e* **2**, *apresentados na página* **38**.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 14

A	Que tu desafies →	8	58	83	38	73	104	
B	Trabalhos manuais →	6	85	53	94	31		
C	Unhaço →	45	4	77	103	28	65	
D	Sofra →	37	98	48	41	100		
E	Chamusque, queime de leve →	72	34	44	92	10	68	105
F	Ensine; domestique →	12	26	89	15	78	110	
G	Descerra, desdobra →	3	96	59	90			
H	enredada, intrigada, tramada →	2	64	101	25	109	36	
I	Cai água da atmosfera →	24	21	84	106	47		
J	O dia anterior →	30	108	49	19	62		
K	Asco, enjôo →	20	43	93	102			
L	Contato, pancada, apêrto de mão →	5	95	88	16	32		
M	Foguete; torresmo →	66	56	33	29	71		
N	Mulher de muito baixa estatura →	52	40	81				
O	Reservatório para lavar roupa →	69	7	74	1	22	42	
P	Espádua →	50	23	35	111	82		
Q	Aflige-se; tem pesar →	91	107	18	80	75		
R	Inchar; tornar-se balofo →	61	55	27	70			
S	Executo o que prometi →	60	11	79	63	97	67	
T	Ôvo que se deixa no ninho →	9	76	57	87	13		
U	Extingue; risca →	14	51	39	99	54		
V	Ver e interpretar o que está escrito →	46	17	86				

■	■	■	O 1	H 2	G 3	C 4	L 5	B 6	■	O 7	■
A 8	T 9	E 10	S 11	F 12	T 13	U 14	■	F 15	L 16	V 17	■
Q 18	J 19	K 20	I 21	O 22	P 23	■	I 24	H 25	F 26	R 27	C 28
M 29	J 30	■	B 31	L 32	M 33	E 34	■	F 35	H 36	D 37	A 38
U 39	N 40	D 41	O 42	■	K 43	E 44	C 45	V 46	I 47	D 48	J 49
P 50	■	U 51	N 52	B 53	U 54	■	R 55	M 56	T 57	A 58	G 59
■	S 60	R 61	J 62	S 63	H 64	C 65	M 66	■	S 67	E 68	O 69
R 70	M 71	E 72	■	A 73	■	O 74	Q 75	T 76	C 77	F 78	S 79
■	Q 80	N 81	P 82	■	A 83	I 84	B 85	V 86	T 87	■	L 88
F 89	G 90	■	Q 91	E 92	K 93	B 94	■	L 95	G 96	S 97	D 98
U 99	D 100	H 101	K 102	■	C 103	■	A 104	E 105	■	I 106	Q 107
J 108	H 109	F 110	P 111	■	■	■	■	■	[illegible] · Rio		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma das suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 13 — JOSÉ DE ALENCAR — O GUARANI — "E' o Paquequer; saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois espreguiçar-se na várzea e embeber no majestoso Paraíba."

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Uma Aposta Temerária







49 O pilôto do "Viking", ao ouvir o ruído estranho no camarote de seu patrão Nils, deu buscas sem poder descobrir de onde vinha o tiquetaque misterioso. Mas, pondo os olhos naquele belo melão, que fôra oferecido a Nils pelos seus compatriotas de terra, o tripulante descobriu o mistério. Pegou o fruto, desamarrou a fita e... ei-lo que se dividiu ao meio, surgindo de dentro um relógio tipo despertador. O rapaz percebeu o que significava aquilo. Era uma bomba-relógio! Reparou nos ponteiros: Sete horas. Faltava um minuto! O marujo não se deteve e jogou a máquina infernal ao mar. A explosão foi terrível.







50 Os convidados, que estavam a bordo do "Viking", ficaram surpreendidos com o estampido. Saíram para a coberta e então o tripulante lhes contou o que ocorrera. Mostrou o melão, onde alguém ocultara a bomba de tempo. Nils estava furioso. Quem teria usado tão criminoso processo para destruir seu barco? Willy, a repórter da lancha "Pandora", declarou que filmara a cena da entrega da cesta de frutas a um nativo. Rob e Nils vão à terra orientados pelo filme descobrem o indígena portador do melão. Interrogam-no e êle declara que fôra um cidadão, residente no hotel, quem lho entregara.

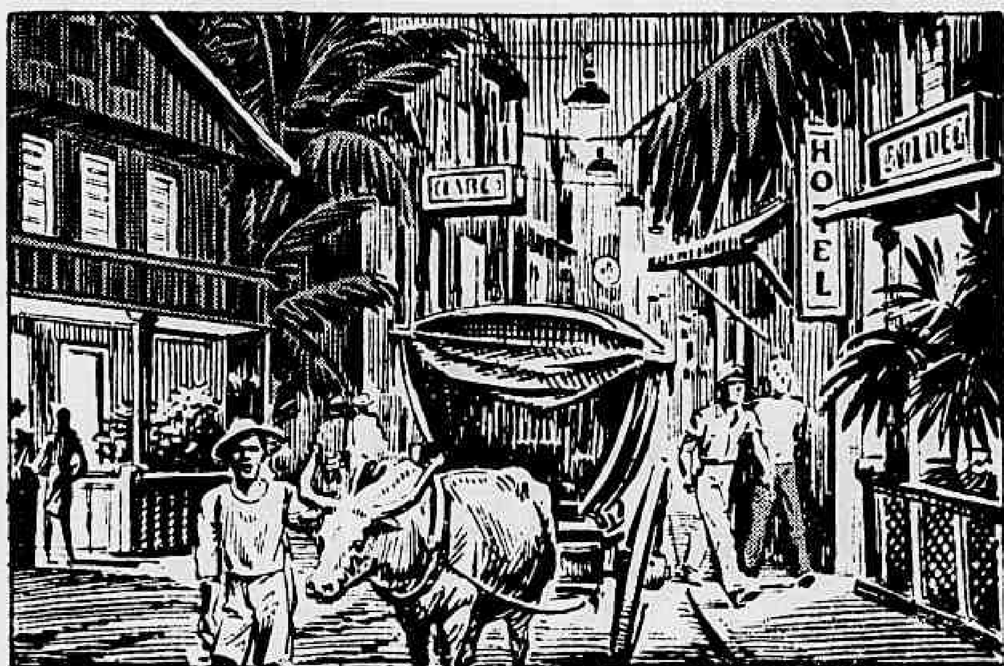






51 Marga, a companheira de Willy, ambas tripulantes da "Pandora", vai com Rob e Nils, pois está certa de reconhecer o mandante do presente. Enquanto isso, Willy vai para a lancha e examina o filme, estando convencida de que se trata de Tobias, o homem de confiança de Larry. Estava ela a examinar a película, quando alguém que a seguira, agarra-a pelas costas, subjuga-a, passa-lhe uma mordaça e a conduz num bote para lugar desconhecido. Era Larry quem a capturara. Êle estava disposto a ganhar os 500 mil dólares, mesmo que fôsse preciso matar todos aquêles que lhe criassem obstáculos.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — O Cap. Rob e vários outros navegadores estavam fazendo uma prova arriscadíssima, das costas da Califórnia até a um pôrto da Holanda, de onde era êle natural. O que vencesse a regata ganharia 500 mil dólares, oferecido pelo milionário e desportista John Brookfeller, que também tomava parte na regata. Mas, a partir de Honolulu, uma série de acidentes misteriosos começaram a surgir. Incêndio, corrente arrebentada, etc. O iate de Rob também sofreu avarias, o que lhe causou a perda do primeiro lugar que vinha mantendo em tôdas as etapas, embora continuasse com o maior número de pontos. Como concorrente vinha um marujo de maus precedentes, de nome Larry, pilotando o "Memphis". Larry era o mandante de todos os atentados, mas, até então não se havia conseguido provas contra êle. Por sua vez Bill, um seu ex-tripulante, era seu inimigo, e procurava vingar-se de Larry, que tentara matá-lo num dos portos anteriores. Larry estava agora interessado em destruir o "Viking".







52 Rob e Nils vão ao hotel indicado pelo nativo. Mas ali não encontram o suspeito Tobias. Passam a percorrer todos os cafés e botequins das imediações, sem resultado prático. Mas, ao empurrarem a porta de entrada e olharem para dentro, Rob exclamou à meia-voz: "Eis o nosso homem". Tobias, ao ver que os dois navegadores se dirigiam para seu lado, deixou o copo de uisque que estava bebendo e fêz menção de puxar uma arma oculta sob o paletó. Os dois investigadores perceberam o seu gesto, mas não se amedrontaram e avançaram para êle dispostos a pôr as coisas em pratos limpos, imediatamente.







53 Rob, de um salto, agarrou o tratante e vibrou-lhe um direto aos queixos, derrubando-o. Tobias, que chegara a puxar o revlver, nada mais pôde fazer. A arma saltou-lhe da mão e caiu ao solo, enquanto Rob o acusava como o autor do atentado ao "Viking". Tobias, acovardado, caído ao chão, implorou que não o matassem. E descobriu tudo: "Fui peitado por Larry para preparar um meio de destruir o "Viking". E explicou que recebera dêle um telegrama e tudo preparara a pedido seu. Rob e Nils deixaram o capanga ali. Era preciso agarrar Larry. Mas... já o bandido zarpara havia algumas horas!







54 A bordo da lancha "Pandora" a notícia estoura desesperadora: Willy desaparecera, levada para bordo do "Memphis". Marga encontra um recado para o milionário John Brookfeller. E' uma carta exigindo o resgate de 500 mil dólares em moeda legal, para que seja libertada a loura Willy, numa praia das ilhas Percy, entregando-se o dinheiro por meio de uma bóia. Enquanto isso, Willy despertava. Estava prisioneira. Ou o resgate, ou sua morte. Mas, ao voltar a si, com surprêsa, notou que alguma coisa mexia por perto. Que seria? Willy, embora tomada de espanto, aguardou os acontecimentos, com serenidade.

A SAÚDE DO BEBÊ

Períodos de desenvolvimentos da criança

DR. SABÓIA RIBEIRO

O ritmo do desenvolvimento em **pêso** e **estatura** da criança é, sobretudo, grande no primeiro ano, pois em relação a seu pêso e estatura ao nascimento verifica-se um elevado percentual de ambos, que não é ultrapassado nos anos ulteriores. E com efeito.

No fim do quinto mês, o pêso duplica (ao nascimento, 3.410 grs, e então, 6.970 grs.).

No fim do décimo segundo mês, isto é, ao completar um ano, o pêso triplica (10.320 grs.).

Quanto à estatura, 0,50 m ao nascer, sobe, ao quinto mês, a 0,63, e ao décimo segundo mês a 0,72 (centímetros).

Não guarda, entretanto, a mesma progressão o aumento do pêso e da estatura, pois aquêle, no fim do primeiro ano, é de 200%, e a estatura não atinge a 50%. Realmente, no seu primeiro ano, a criança aumenta 6.910 grs., mas cresce sòmente 22 centímetros.

E' isso que faz com que a criança, no primeiro ano de vida, conserve, sempre, formas rechonchudas, arredondadas, boleadas, tendendo a conservar o aspecto naturalmente gordo e rotundo, conforme, aliás, seus próprios caracteres anatômicos.

Êsse caráter, porém, entrado o segundo ano, vai tomando um aspecto sensìvelmente modificado, de tal modo que, períodos há em que a criança sobretudo **cresce em massa** (proporcionalmente ao período que segue), e períodos em que cresce sobretudo no particular da **altura** (em relação ao período anterior).

Comparem-se os seguintes dados:

IDADE	PÊSO (aumento)	ESTATURA (aumento)
Zero a doze meses	6.910 grs.	22 cents.
Segundo ao quarto ano	5.570 ''	27 ''
Quinto ao sétimo ano	6.680 ''	16 ''
Oitavo ao décimo ano	8.630 ''	15 ''

Em relação ao desenvolvimento estatural, pois, a criança sobretudo **cresce em massa**, do segundo ao quarto ano (1ª repleção) e do oitavo ao décimo ano (2ª repleção).

E em relação ao pêso, a criança sobretudo cresce do quinto ao sétimo (1º estirão).

O estado do desenvolvimento em massa do segundo ao quarto ano de existência da criança conserva ainda essa aparência, não obstante o crescimento intenso dela, então, devido ao fato mesmo de a criança trazer suas formas arredondadas do período anterior. Isso, com efeito, é que disfarça o aumento ponderal, pois enquanto a criança sòmente aumentou 5.570 grs., durante o período do segundo ao quarto ano, cresceu contudo 27 centímetros.

Já no período seguinte — do quinto ao sétimo ano — como o aspecto rechonchudo da criança se modificou naturalmente, o que então prevalece é o crescimento em estatura, embora o pêso aumente de 6.680 grs. e o crescimento da criança atinja sòmente 16 centímetros. Êste período constitui o primeiro estirão.

No período do oitavo ao décimo ano, o aumento do pêso é sensível (8.630) e o crescimento conserva um ritmo pausado. Daí a criança conservar um aspecto de recuperação de formas, como no período do segundo ao quarto ano.

Dos onze aos quinze anos, a criança experimenta um novo surto de crescimento que repete os fatos assinalados no período dos cinco aos sete anos. E' o segundo estirão.

Êsses fatos, perfeitamente fisiológicos, devem ser bem conhecidos de todos para que se possa interpretar com acêrto as mudanças de compleição da criança durante o seu desenvolvimento.

Não há, pois, porque inquietar-se quando a criança, entrados êsses períodos de crescimento estatural, parece estar emagrecida, pois apenas, de fato, modificou o ritmo de seu crescimento em massa, perfeitamente normal nos referidos períodos.

COINCIDÊNCIA

(Cont. da pág. 23)

guém que pronunciasse «San Ruan», verdadeiro disparate! Não seria o caso de riso e escárnio?

Uma coisa dizia dentro de mim, entretanto, que eu não abandonasse o caso. Era preciso desmascarar o meu amigo Carlos. Resolvi daí, em diante, silenciar. Arma que muita gente desconhece o seu calor, o seu efeito. Quantas coisas se exprimem sem uma palavra! Quantas ocorrências se dão porque alguém silenciou! Quanta fôrça existe nestas três simples palavras: «Quem cala, consente». Às vêzes o próprio olhar substitui a voz. Observem as pessoas que falam muito, sempre se põem em dificuldades. Os gênios, em geral, são homens que pouco falam. Vejam em que ridículo caí, por ter feito aquela pergunta! Existe um provérbio russo que diz: «A palavra falada é como o pássaro na gaiola; uma vez fora da bôca, vai-se para sempre».

Enfim, me calei; voltei à mesa, exausto, acanhado, revoltado. E aí permaneci durante algum tempo. Depois, sùbitamente, aquela voz me veio, a princípio, como coisa irreal, inexplicável. Supus que fôsse ilusão minha, efeito da bebida, do cansaço. Senti, confesso, certo tremor. Aquela voz vinha de detrás de mim, de alguém que estava em minha retaguarda. Não achava coragem para virar o rosto e ver quem pronunciava «San Ruan» num timbre todo diferente. Ela dissera: «Quando cheguei a «San Ruan»... Ao pronunciar pela segunda vez as palavras esperadas, virei-me repentinamente. Ó Deus! Antes não o tivesse feito e partisse sem virar-me, certo de que existia alguém que muito me queria efetivamente. Ao olhar dei com uma mulher idosa, feia e alquebrada. Como eu caíra todinho na cilada de Carlos!

Não tolerei mais o ambiente. Fugi para o Hotel e no outro dia, bem cedo, parti para a cidade. Procurei imediatamente Carlos, contudo êle se havia casado e partira em definitivo. Ia trabalhar com o sogro. Escrevi-lhe uma carta cheia de piada. Êle me respondeu que eu voltasse para São João e procurasse a tal moça. Agora seria fácil, uma vez já ter encontrado a sogra... Deixamos depois de nos corresponder. Dois anos se passaram. Continuei em minhas intermináveis viagens, porém sem oportunidade de voltar a São João.

Na cidade permaneci por longo tempo e o acaso, um dia, veio ao meu encontro. Eu ia no bonde quando alguém disse para a amiga muito explicamente: «Cheguei ontem de «San Ruan»... Mais uma vez «San Ruan» veio aos meus ouvidos como acontecimento histórico e remoto. Só depois de alguns segundos é que me lembrei de sua significação, pois o tempo já ia tão longe... Quando me lembrei, para trás, incontinenti, olhei, certo de ver u'a matrona. Desta vez tal não se deu; divisei uma moça linda, simpática, atraente, encantadora. Observei onde ela saltou e fiz o mesmo. Agora tudo seria esclarecido. Foi sob grande acanhamento que dela me aproximei:

— Senhorita... — disse — desejo falar-lhe.

Ela me olhou muito espantada e não disse nada. Apresentei-me e perguntei-lhe se ela era de São João:

— Sim. Por quê?

— A senhora, por acaso, se recorda de mim?

— Não.

— Nem se lembra de um caixeiro-viajante chamado Carlos Ciríaco, mais ou menos há dois anos atrás?

— Recordo-me ligeiramente.

— E a senhora foi, sem o saber, vítima de uma brincadeira dêle.

Ela ficou inquieta. E me perguntou, curiosa, o motivo. Dirigimo-nos então para local mais aprazível e narrei-lhe tudo, sem omitir uma vírgula. Ao terminar, ela riu-se, dizendo:

— Eu, como há de observar, jamais podia estar apaixonada, pois não tivemos oportunidade de nos conhecer. Quando houve o baile, estava em casa, doente, e as amigas me contaram o caso de um rapaz que perguntava a tôdas se gostava mais de San Ruan ou Entremorros. Jamais podia imaginar que eu era a causa. Bem singular. Eu vim pequena da Espanha, daí a minha pronúncia. Mamãe nunca achou jeito de pronunciar de outra maneira, San Ruan... Mas, como soube o seu amigo que eu pronunciava «San Ruan»?!

Daquele momento, em diante, nasceu grande amizade entre nós dois. Fui levá-la até a casa. E combinamos novo encontro para outro dia; veio o namôro, o noivado, o casamento.

Comuniquei o ocorrido a Carlos mais ou menos da seguinte maneira: «Por quê o silêncio? Comunico casei-me moça San Ruan».

Respondeu-me imediatamente: «Brincadeira não pega. Nunca conheci moça pronunciasse San Ruan. Inventei história porque São João possui muitos descendentes espanhóis. Abraços. Carlos».

O CONQUISTADOR

(Cont. da pág. 26)

Russ despediu-se e desligou o telefone, corando.

★

Almoçou sòzinho, em meditações mornas. O amor, considerou, era só para os muito jovens ou bastante idosos, ou para um homem assim como seu pai havia sido, suave e aparentemente sem muito feitio, inteiramente por conta de sua mãe.

À tarde teve uma reunião de trabalho. Depois foi para o clube, fazer um pouco de exercício e dar um mergulho na piscina.

No caminho para casa ia pensando em Melinda, na mocinha pobre e nem mesmo bonita que êle escolhera para casar. A sedução de Melinda consistia numa fôrça secreta, feita de muito caráter e doçura.

Quando chegou foi a própria mulher quem lhe abriu a porta. Depois de interrogada, disse que as visitas seriam Tommy Graham, recém chegado da Alemanha, e Polly Long, por quem êle, Russ sentia forte inclinação, mas a quem jamais fizera a côrte, respeitando o princípio de que as mulheres do círculo de relações da espôsa eram intocáveis.

— Tommy vai ficar só uma se-

mana. Depois vão mandá-lo para a América do Sul.

Gwenny estava acordada ainda, rabiscando um papel com um lápis grosso.

— E' um cavalo, disse entusiasmada para o pai, mostrando o desenho que fizera.

— Mas tem seis pernas! protestou Johnny.

Russ beijou os filhos, carregou a menina nos braços. Era gostosa aquela sensação de lar e família, o contacto das crianças.

Tommy e Polly chegaram juntos e foram saudados efusivamente pelo dono da casa. Polly fêz uma cara de quem sabia coisas e Russ foi logo dizendo a Tommy:

— Então, meu velho, não se vai demorar quase nada?

— Uma semana, respondeu Tomy, com um ar perdido.

Tommy, apesar de jornalista de sucesso, tinha sempre um ar de menino, para o que contribuia o cabelo despenteado e uma certa intensidade de expressão.

— Vai fazer uma série de artigos para o Teletype Magazine, informou Melinda.

— Ótimo! felicitou Russ.

Durante o jantar a conversa girou sôbre um casal que se estava separando. Russ manifestou surprêsa e Melinda expôs:

— Polly disse que já se andava falando de June. Mas antes falou-se muito do marido. Francamente, se ela é levada por um sentimento verdadeiro, eu não a condeno.

Russ sentiu um arrepio, pensando na própria situação e receiando o entendimento que estava esperando que a mulher teria com êle depois que as visitas saissem. E durante a partida de bridge que se seguiu ao jantar fêz as marcações um tanto aéreo.

Mas depois do jôgo Polly declarou que já estava muito tarde e pediu um táxi, saindo sòzinha. Tommy não parecia pensar em partir. E Melinda serviu um novo whisky para o rapaz.

Curiosamente, Tommy e Melinda encararam Russ e a mulher disse:

— Sente-se, Russ, quero lhe falar.

— Se você me desculpa, Tommy, gostaria de falar sòzinho com Melinda. Não repare, sim, meu velho?

— Mas é que o caso também me diz respeito, declarou Tommy, acendendo o cachimbo com a mão um pouco trêmula.

— Por favor, Tommy, deixe-nos sós. Acho que Melinda talvez tenha umas queixas e quero me explicar. Que noite, meu Deus! Saia, Tommy, saia, e não repare!

— Talvez fôsse melhor, opinou Melinda, prendendo os olhos rasos dágua nos de Tommy. Talvez fôsse melhor você sair, Tommy.

— Como quizer, meu bem, concordou Tommy. Mas tenha fôrça!

E curvando-se, fêz com a longa mão em cuia uma rápida e tímida carícia no queixo da moça.

— Esqueceu o cachimbo! Exclamou Russ, depois que êle saiu. E agora, que é que há?

— Tommy e eu nos amamos há muitos anos, confessou Melinda torcendo as mãos. Procuramos não pensar nisso, e Tommy tratou de sair do país, indo para a Alemanha. Passaram-se dois anos e agora sabemos que devemos ser um do outro. Você precisa me deixar ir com êle, Russ.

O choque não teve efeito imediato, pelo inesperado da comunicação. Todo o tempo Russ estivera aguardando repreensões e preparando desculpas, agora era apanhado desprevenido. Com uma frieza impessoal, considerou tolice, romantismo retardado de menina tudo quanto ela lhe dissera. Mas ficou sem saber que atitude tomar, não conhecendo bem no que se baseava exatamente aquêle sentimento que ela manifestava.

— Russ! exclamou Melinda. Você parece tão chocado. E eu não acreditava que fôsse sentir muito. Creia que tenho muita pena. Mas há muito que não nos amamos, ou talvez nunca nos tenhamos amado.

Êle explodiu:

— Que faz você pensar que a vou deixar me escapar? Que bobagem é essa?

E num pânico e já com um certo furor:

— Até onde chegaram vocês?

— Russ, que é isso! Antes de dispor de mim eu teria que pedir a você a minha liberdade.

— Mas eu não a darei.

— Nem eu a estou verdadeiramente pedindo. Na realidade, quero apenas informar você de que vou acompanhar Tommy à América do Sul.

— Vai abandonar as crianças?

— Abandoná-las? Claro que não.

— Pois nunca deixarei que as leve. E legalmente, minha cara, você não pode fazê-lo.

— Mas... Russ! Você não há de querer me obrigar!...

O susto dela era inexprimível.

— Você me faz parecer um carcereiro.

— Porque o que você disse não me deixa escolha. Jamais abandonarei meus filhos.

Êle compreendeu que tinha vencido. Deu as costas à mulher para se retirar, mas voltou-se antes de atravessar a porta:

— Por favor não me queira muito mal. Um dia você mesma há de compreender que eu também não tive escolha.

— Qualquer mulher lhe serviria tanto quanto eu.

— O nosso é um bom casamento, insistiu êle, gritando. E mais mansamente: — Melhor que a maioria.

— Mas falta-nos alguma coisa! Nunca soube bem o que. E agora, nunca saberei!

Russ sentia assegurada a vitória. Mas que significava ela com a falta de alguma coisa? Dera a ela o máximo que tinha para dar a uma mulher.

★

No dia seguinte, ao descer depois de tomar banho e se vestir para ir para o trabalho, ouviu vozes na sala. A de Melinda era suave e a de Tommy parecia encher a casa silenciosa:

— Melinda, você está jogando fora a nossa vida!

— Não, querido, não estou. Ainda temos muito que viver e nenhuma vida é posta fora. O que

(Cont. na pág. 52)

À LUZ DA PSICANÁLISE

Um grande amor e uma tragedia

DR. LUIZ FRAGA

Os artigos que publicamos nesta coluna são o resumo de casos reais, trocados os nomes verdadeiros. Temos autorização expressa dos clientes, protagonistas vivos das tragédias ou tragi-comédias, cujo epílogo poderá levar um pouco de luz aos que estejam em dificuldades semelhantes. Pedro Augusto, de 38 anos de idade, chegou ao Brasil quando contava 10 anos. Seus pais eram pobres e haviam, com o filho único, sofrido perseguições políticas. Pedro Augusto passou fome e andou descalço numa terra onde o inverno racha os pés dos que andam mal calçados.

Artista por índole, aperfeiçoou-se com professôres seus compatriotas que lhe ensinavam gratuitamente. Com a arte passou a ganhar a vida e vivia para a arte, até que surge u'a mulher a quem logo amou, pela primeira vez. Fê-la sua companheira, pelos laços sagrados do matrimônio, contrariando aos seus pais, que eram de religião diferente da noiva. Refugiou-se em Elvira, para esquecer os sofrimentos atrozes da infância que lhe martirizavam a alma de pintor. Teve três meses de inefável felicidade, ao preço de 20 anos de amargura, a mais atroz para um homem do seu feitio. Antes de completar quatro meses de casada Elvira tem o primeiro, duma série de amantes. Pedro Augusto abandona-a para recebê-la trinta dias após, quando lhe bateu à porta, chorando e "arrependida".

A infidelidade da espôsa repete-se, numa seqüência que apavora, apesar da existência dum filho do casal que servia de pretexto a um novo perdão de Pedro Augusto e em cuja cabecinha loira êle derramava as lágrimas de seu contínuo sofrimento. Elvira que não fôra bonita quando jovem, era-o menos 20 anos após. Entretanto, teve ainda mais um amante, pelo qual apaixonou-se doidamente, abandonando marido e filho. Meses depois, desprezada pelo último amante, regressa ainda uma vez ao lar, ajoelhando-se aos pés do marido, de quem, dizia, seria escrava para o resto da existência.

MÉDICO: — Que fêz você?

P. AUGUSTO: — Recebi-a com lágrimas e festejei a sua volta. Isto se deu às vésperas do carnaval dêste ano. Elvira parece me haver amado durante dois dias. Mas estava triste, muito triste.

MÉDICO: — Arrependida...

P. AUGUSTO: — Não, com saudades do amante. No sábado de carnaval combinamos ir os três, meu filho, ela e eu, a um baile. Preparamo-nos mas, à hora do baile, Elvira pretextou uma indisposição e obrigou-nos a ir sem ela.

Brincamos alegres, festejando nossa felicidade. Pela madrugada voltamos para casa... Elvira nos havia abandonado.

MÉDICO: — Novamente?

P. AUGUSTO: — Sim, doutor, para sempre. Suicidara-se, com saudades do amante. Dessa data para cá não tenho vivido. Não fugi à vida porque tenho um filho...

●

Após quatro meses de tratamento, P. Augusto melhora consideràvelmente, com o tratamento a que se submeteu e, a conselho nosso, ficou noivo. Para curar um mal de amor, só um outro amor.

Há, por vêzes, momentos de angústia. Num dêsses momentos escreveu o que se segue:

... "Um sentimento pessimista invade-me de tal maneira, que fico sem coragem de prosseguir. O fantasma do mêdo e da dúvida induzem-me a recuar e desistir de tudo. Foram vinte anos sem conhecer outra mulher! Procuro lutar e quebrar os elos que me ligam ao passado ainda tão próximo... O verdadeiro amor é tão diferente! Pela primeira vez vejo-me tratado com carinho. Minha noiva é um anjo. Satisfaz às minhas vontades e adivinha os meus desejos. Tenho a impressão de que só agora eu sou realmente um homem."

●

Existe Deus: é bastante para que exista o mundo. Verdade sublime! Luz da natureza e da inteligência! Deus existe; e os atributos são o poder, por isso que Êle cria; a providência existe, por isso que Êle conserva; a bondade existe, por isso que nós vivemos. Deus existe; a luz que O torna visível, não brilha senão na alma do homem.

COUPON

Nome. ....

Pseudônimo. ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....



UMA NOITE DE TRADIÇÕES BRASILEIRAS

NO AEROCLUBE DE NOVA IGUAÇU

ARTISTAS, ESCRITORES E JORNALISTAS NUMA FESTA JUNINA ★ CASAMENTO NO AVIÃO ★ A NOIVA DEU O "BÔLO" MAS O NOIVO "ARRUMOU-SE" COM OUTRA ★ O SR. ANTÔNIO DE FREITAS QUINTELA, UM ENTUSIASTA DA AVIAÇÃO ★ O AEROCLUBE DE NOVA IGUAÇU E SEUS EMPREENDIMENTOS

Texto de GIPSON DE FREITAS **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

NUM ambiente tipicamente brasileiro, o Aeroclube de Nova Iguaçu fêz reviver as mais belas tradições, numa festa gostosa, diferente, digna do povo iguaçuano. A 28 de junho, "Véspera de S. Pedro", realizou-se a magnífica festa junina, com danças, refeições típicas, atraindo não só o que de mais distinto possui a sociedade iguaçuana, como também jornalistas, escritores e folcloristas.

No ambiente, ornamentado com apurado gôsto, a REVISTA DA SEMANA pôde admirar ali sutilezas da arte de decorar, o efeito daquelas pencas de côco por entre as ramagens, as lanternas japonêsas, os balões multicores enfeitando as mesas. Em frente ao palanque dos músicos, num dos lados da quadra de jogos, a pequenina e imponente capela. Tôda branca, recortada pela imensidão negra do céu, dir-se-ia uma noiva coberta de estrêlas, tal a sereneidade do seu aspecto. Mas, de modo geral, o colorido, aquelas saias esvoaçantes, a doçura das sinhàzinhas, o quentão, os quitutes gostosos, tudo tinha de genuína tradição. Lembravam coisas do nordeste, do Recife de Gilberto Freire, dos canaviais, dos maracatus, dos xangôs ou de um Cícero Dias pintando desordenadamente.

Dentro do plano, a quadrilha obteve um





êxito inigualável. Damas e cavalheiros, seguindo a marcação, evoluíam em fila indiana, para um lado e para outro, mas sempre no mesmo ritmo gostoso. O coronel da festa, de braço com um "brotinho", comandava os dançarinos com uma eficiência de veterano conhecedor de ritmos.

Aspecto interessante da festa, foi o dos quitutes típicos, nos têrmos das tradições da cozinha brasileira. Ali, perante a sociedade iguaçuana, o norte e o sul se uniram para melhor valorizar os aspectos da nossa cultura.

Nota de sensação da festa foi o casamento na roça, que contou com a cooperação de elementos de destaque. Haviam ensaiado e a farsa teria juiz, coronel da festa e noivos, todos com indumentária adequada. À meianoite, depois de números dançantes, o coronel sobe ao adro da igrejinha e anuncia aos quatro ventos o enlace matrimonial. Um rebolíço no arraial. Todos queriam ver os noivos, sobretudo a noiva enfeitada de flores de laranjeira da cabeça aos pés. O noivo, empertigado, jocoso, de chapéu e uma curta jaqueta, entre o juiz e o coronel da festa; a noiva, que seria desposada perante Deus e os homens, não estava. Dera o "bôlo", certamente envergonhada de participar daquela união, mesmo de brincadeira.

O noivo, astuto, apelou para um dos "brotinhos" presentes. E a candidata foi a senhorita Rita de Cássia Pereira Quintela, que se transformou no altar improvisado numa bela noiva, desempenhando o papel magnìficamente. Ela porém foi um "achado" de última hora, pois a moça que deveria fazer a "noiva" não compareceu. Autêntico sucesso, que deu a impressão a todos de uma cena preparada com antecipação.

A seguir, os noivos, José Farias e Rita de Cássia, acompanhados pelo padre e o juiz (Agostinho Maravilha e Cláudio da Mota Cabral) foram levados ao avião, reservado para êsse fim, decolando em meio de foguetes e morteiros. O avião, com o padre Maravilha, de paraquedas, o casal de "matutos" mais feliz do mundo, o romântico juiz e o coronel, deram à festa um colorido novo, transformando-a num das melhores que já se viu.

O avião decolou, roncando, levando a bela mensagem de fraternidade e tradição, nessa noite maravilhosa de São Pedro. Espetáculo de arte e requinte, no qual estiveram presentes as mais destacadas figuras dos nossos meios sociais. Além do presidente do Aeroclube, sr. Antônio de Freitas Quintela, a reportagem ouviu alguns diretores, entre êstes, o diretor social, sr. Francisco Manoel Brandão e o tesoureiro, sr. Ivan Matos. Intelectuais, jornalistas, artistas, membros do Congresso Nacional de Folclore, convidados pelo diretor social, tais como os srs. Joaquim Ribeiro, Wilson Rodrigues e Marisa Lira. O prefeito Luís Guimarães, de Nova Iguaçu, figura que todos admiram, muito concorreu para o brilhantismo da festa. Político de projeção e que não poderia deixar de figurar entre os convidados, foi o deputado Sebastião de Arruda Negreiros. Mais tarde, tivemos ensejo de cumprimentar o coronel Humberto Peregrino e espôsa, que em rápidas palavras enalteceu os esforços da diretoria e promotores da festa.

O acontecimento, que tanto repercutiu na sociedade iguaçuana, é ponto de partida para novas iniciativas. Faz parte do programa de realizações, conforme salientou o presidente do Aeroclube: nova sede, confortável e ampla, moderna piscina, que será a atração máxima dos desportistas de Nova Iguaçu. A mensagem, simbolizada pelo tecoteco na noite mais romântica de junho, não será esquecida. De sua repercussão, dependerá o futuro dos nossos pilotos civis, de uma sede adequada, de um número suficiente de aviões, para que o Brasil possa se tornar forte e respeitável. Essa é a mensagem de "Véspera de São Pedro", o apêlo aos entusiastas da aviação do vizinho município fluminense.









CORREIO DA REVISTA

● **A ILUSTRADA "REVISTA DA SEMANA"**

Cordiais saudações. — Considero os Liaergramas otimo exercício intelectual. Sinto prazer em decifrá-los, sendo o último, n. 10: CASTILHO — LIVRARIA CLÁSSICA. — "Lendo-os com atenção, sente-se que Vieira, ainda falando do céu, tinha os olhos nos seus ouvintes. Bernardes, falando das criaturas, estava absorto no Criador". Com todo o aprêço e consideração, **Heráclito Carneiro Ribeiro**.

● **JAIME PEREIRA** — Rua da Bica, 29, apto. 302. — Conjunto residencial IAPI. Quintino Bocaiuva. — Apreciamos bem os seus trabalhos. Mas se trata de assunto muito especializado para o gênero da nossa Revista. Somos, porém, agradecidos à sua lembrança.

● **MARCILIO FAGUNDES SILVEIRA** — Florianopolis, Santa Catarina. A propósito de sua carta de 30 de junho próximo passado, informamos que não dispomos do endereço a que se refere. Por isso, não podemos atendê-lo. Devolvemos pelo correio a correspondência destinada à Sra. Warmeker.

● **DAVID AGUILAR** — Rua Mário Campos, 24. Teófilo Otôni — Minas Gerais. — Recebemos sua carta com o material que a acompanhou. Sua contribuição seria interessante se tivéssemos espaço para sua publicação permanente. De qualquer modo, muito agradecidos.

● **J. DE A.S.** — Rio — seu conto, «Definição do Amor» está muito infantil. Procure temas de maior interêsse público. Quanto ao que nos pede acêrca de seu portugus, há muitos erros de grafia e alguns de sintaxe. Será conveniente que o amigo se instrua na matéria.

● **ANA MARIA PIRES FERREIRA** — Niterói — J est com os ilustradores o seu conto. Continui.

● **P.V. de B.** — Seu estilo é muito confuso. Escreva com mais clareza. Não use abusivamente de imagens, quase sempre muito vulgares. A Literatura tem que ser discreta, para ser bela. Excesso de fantasia torna a composição uma espécie de carnaval literário, capaz de indigestar o leitor.

● **R.N.** — Pôrto Alegre — Pode mandar sem mêdo. Não expomos ninguém ao ridículo.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

WEEK-END NA COZINHA

BANANAS SOFISTICADAS

★ **BANANAS COM PASSAS**



4 bananas
½ limão (sumo e casca)
¼ de xícara de açúcar
Pitada de sal
1 colher-de-chá de canela
¼ de colherde-sal de noz-moscada
½ xícara de passas sem caroços
2 colheres-de-sopa de manteiga

Esquente moderadamente o forno. Depois, corte as bananas em quatro ou cinco pedaços e misture os pedaços com o sumo e a casca do limão. Misture açúcar, sal, canela e noz-moscada. Unte generosamente uma forma, ponha no fundo as rodelas de banana, salpique com uma parte da mistura de açúcar e cubra com metade da quantidade de passas. Repita a operação duas vêzes com o restante do açúcar misturado e das passas no decorrer de vinte minutos, sendo que aos quinze minutos a manteiga deve ser posta aos bocados por cima das bananas. Excelente acompanhamento para galinha, porco ou carneiro.

★ **MÔLHO COM BANANAS**

1 xícara de vinho tinto
1 xícara de açúcar prêto
1/2 xícara de caldo de abacaxi
2 pedaços regulares de casca de canela
14 cravos da India
1/8 de colher-de-chá de noz-moscada
4 bananas

Misture o vinho, o açúcar prêto, o caldo de abacaxi, a canela, os cravos e a noz-moscada e ponha para ferver; assim que levantar fervura abaixe o fogo e deixe ferver por mais 8 minutos ou até o môlho ficar um pouco espêsso.

Nesse interim, corte as bananas em rodelas grossas. Depois dos oito minutos de fervura ponha as rodelas de banana na fervura e deixe por cinco minutos, que é quando parecerão glaçadas. Ótimo para acompanhar bifes ou costeletas.

CANAPÉS ENFEITADOS COM TOMATES

★ *Dois camarões colocados em S sôbre um retângulo branco coberto de "mayonnaise". Enfeite: folinhas de salsa e pedacinhos de tomate.*

★ *Três pontas de espargos sôbre um retângulo de pão branco coberto de "mayonnaise". Enfeite: um X de duas tiras de tomates sôbre as bases dos espargos.*

★ *Cornucópia de uma fatia fina de presunto enrolado, com recheio, sôbre pão branco com manteiga, com guarnição de tomates e azeitona preta.*

★ *Massa de ovos duros com "mayonnaise" sôbre rodelas de pão prêto. Guarnição: uma rodela de ôvo cozido sôbre a qual se coloca uma azeitona, enfeitando com pedacinhos de tomates.*

★ *Sôbre uma rodela um pouco grande de pão com manteiga forme uma flor com três pétalas de tomate e centro de azeitona.*

★ *Um pedaço de lingua bem vermelha sôbre uma rodela de pão com manteiga, decoração de tomate, azeitona preta e manteiga.*

★ *Fina fatia de presunto sôbre um retângulo de pão branco com manteiga, decorada por uma flor composta com um pedaço de tomate e trufas.*

JÁ VIU? NÃO?

VÁ CORRENDO AO MAIS PRÓXIMO JORNALEIRO E

VEJA

QUANTOS ASSUNTOS INTERESSANTES

APRESENTA O

ANUÁRIO

ESPORTE ILUSTRADO

PARA 1952

Página 3 — Levy Kleiman fala aos desportistas de todo o Brasil.

Páginas 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 — Todos os times do futebol carioca, que disputaram o campeonato de 1951, em côres, com as respectivas campanhas e os jogadores que tomaram parte nos jogos.

Páginas 10 — Todos os escores dos clássicos: Flamengo x Botafogo e Vasco x América.

Da página 11 a 35 — Os gráficos de todos os "goals" do campeonato carioca de futebol de 1951, jôgo por jôgo, da primeira à última rodada. Uma documentação completa.

Página 36 — Todos os escores de todos os jogos do campeonato carioca de futebol de 1951, com os respectivos campos e rendas.

Página 37 — Sinopse do campeonato carioca de 51 e a Taça Eficiência.

Página 38 — Os artilheiros, os goleiros vazados e os juízes que apitaram.

Página 39 — Os "penalties", os expulsos de campo, os "placards" registrados e os artilheiros negativos.

Página 40 — Os amistosos dos clubes cariocas em 1951 (Estatística completa). O 1.º campeonato da juventude amadorista, com os resultados de todos os jogos, locais e rendas. Estatística completa do campeonato carioca de profissionais.

Página 41 — Campeonatos de juvenis e aspirantes de 1951.

Página 42 — Os internacionais dos clubes brasileiros em 1951. (Estatística completa).

Página 43 — O Rio — São Paulo de 1951 — Estatística completa

Páginas 45 e 46 — Torneio Municipal de 51 — Estatística completa.

Página 47 — Torneio Início de 51 — O histórico do Torneio Início, com os times campeões e respectivos jogadores.

Páginas 48, 49 e 50 — Copa Rio de 51 — Estatística completa.

Página 51 a 58 — Todos os "goals" da "Copa Rio" de 51, jôgo por jôgo, em gráficos cinematográficos.

Páginas 59, 60 e 61 — Atletismo.

Página 62 — Automobilismo.

Página 63 — Hipismo e Pólo.

Páginas 64 e 65 — Natação, Saltos e Water-polo.

Página 66 — Pugilismo (Box, jiu-jitsu e luta-livre).

Páginas 67 e 68 — Voleibol (Campeonatos carioca, brasileiro e sul-americano).

Página 69 — Remo e Tênis-de-mesa.

Páginas 70 e 71 — Basquetebol (Campeonatos carioca, brasileiro, pan-americano e jogos internacionais).

Página 72 — Iatismo, Tiro ao alvo, Esgrima e Ciclismo.

Página 73 — Tênis.

76 PÁGINAS — CR. 10 00

Uma cousa...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

O MAIOR BLEFE...

(Cont. da pág. 13)

A OPINIÃO É GERAL

Da foz do Jari, em Jarilândia, onde o repórter ouviu os garimpeiros João Braz Sobrinho, de 53 anos, casado, pai de sete crianças, que retornou doente e sem uma grama de ouro sequer, e Eliseu dos Santos Neves, de 40 anos, também chefe de família e que voltou com nove gramas de ouro, até Santo Antônio, local da primeira cachoeira de uma série de treze a ser transposta, a informação colhida, de negociantes e faiscadores, foi sempre a mesma: não se justifica a «corrida», motivada por notícias falsas, talvez originárias de prematuro quão injustificado otimismo.

Em Santo Antônio, por exemplo, falaram à reportagem Francisco Alves de Carvalho, negociante maranhense que sofreu, com o fracasso da garimpagem, cêrca de 24 mil cruzeiros de prejuízos, em mercadorias que adiantara. «Tudo é boato» — disse êle. Manuel Monteiro Sacramento, que adiantou ser o «debreio» um dos motivos de muita gente desistir; José Pedro de Maria, cujos esforços de um mês foram compensados com 115 gramas de ouro e «febre» (malária provàvelmente) que o deixou impossibilitado de continuar trabalhando: o riograndense do norte Josué Umbelino da Silva, de 40 anos, apesar dos preventivos vítima de «febre» e desinteria; o paraense Antônio da Silva Leitão, de 39 anos, que conseguiu ouro suficiente para se manter e voltar — sem uma grama de sobra: o cearense Manuel Rufino Silva, de 28 anos, desde 1946 garimpando no Pará, e que desistiu diante da pouca «pinta» do igarapé dos Patos; o paraense José de Jesus Silveira, que desistiu do garimpo pela canotagem — onde ganha uma grama por dia, livre de outras despesas, o que é muito mais do que lhe dava a procura do ouro; e José da Silva Jorge, de Mazagão, que explicou estar «o garimpo todo explorado, sem dar mais nada». A opinião era uma só: havia ouro, mas apenas para os primeiros descobridores. Excetuando-se os que trabalhavam para Eronias Fernandes e Raimundo de Oliveira Cosme, vulgo «Sapatinho», ganhando a diária de duas gramas de ouro para garimparem para os «donos» de S. Domingos (nome dado às «minas» por terem sido descobertas num domingo), para os demais não havia sequer a esperança de obterem resultados satisfatórios. A vida no local, literalmente a pêso de ouro — pois a moeda corrente é êsse metal, na base de trinta cruzeiros a grama, torna impossível garimparem com pequena produção, ou com rendimento que, em lugar mais acessível, poderia ser considerado satisfatório.

OS PARTICIPANTE DA «CORRIDA»

Um dos sócios da firma Jari Ltda., que mantém armazém em Santo Antônio da Cachoeira e possui estrada para transportar, com caminhão, até depois das quedas de água, para as ubás que demandam os garimpos, é o sr. Antônio Barbosa, baiano de nascimento, pai de nove filhos. Pode, com o transporte de garimpeiros, avaliar o número de interessados que por ali passou:

— «Não chega a seiscentas pessoas. Incluindo-se os balateiros, uns mil indivíduos talvez».

Mesmo concedendo-se apreciável margem de êrro ao informante, que melhor que ninguém pode falar do assunto, ainda fica-se muito longe das primeiras cifras.

OBSTÁCULOS NATURAIS

As primeiras notícias contribuiram, também, para que os interessados desprezassem os riscos da jornada. Aliás, os próprios obstáculos naturais tiveram seu número aumentado. As treze cachoeiras (Santo Antônio, Itaperora, Escalação, Assoipé, Cumaru, Itacê, Veriverina, Aurora, Messaranduba, Cuiri, Tupurema, Atacamparapapa e Guaribas), eram vinte e uma nas primeiras notícias, e os quatro morrotes, doze montanhas no trecho que deve ser feito a pé, entre o igarapé pròpriamente dito e São Domingos.

Há ouro, sim, naquelas paragens, como sempre houve. Ouro de aluvião nos rios e regatos. Mas, o que há em abundância é doença, privações, heroísmos e esperanças.

AS CONVENÇÕES...

(Cont. da pág. 6)

locais e, ainda em outros, escolhidos pelos diretórios estaduais dos partidos.

Cada partido fixa, a seu critério, o número de membros de convenções. Assim, enquanto o republicano se compõe de 1206, a democrática tem 1230 convencionais.

As convenções realizam-se, de cada vez, em cidades especialmente designadas, de preferência nas mais importantes. O maior número delas tem tido sede em Chicago, pela razão de ser uma grande metrópole central, que dispõe de acomodações e de tôdas as facilidades para conclaves dêsse gênero. Nunca se realizou convenção em Washington que, como se sabe, constitui um distrito federal, onde não se exerce direito de voto.

Funcionam as convenções sob a direção dos presidentes dos diretórios nacionais dos partidos. Como seria de prever, o trabalho começa sempre pelas orações. Para evitar suscetibilidades, em cada sessão a reza fica a cargo de um clérico de diferente religião.

Os trabalhos das convenções duram vários dias. Às vêzes são precisos vários escrutínios, para que se obtenha a indispensável maioria de votos para a indicação de um candidato. Agora isso não ocorreu, pois o general Eisenhower foi escolhido, por maioria absoluta, logo na primeira votação.

Os americanos fazem todo o empenho em dar às suas convenções o caráter de verdadeiros «big shows». Atualmente, além de irradiados, êsses imponentes espetáculos também estão sendo televisionados para todo o país. E isto custa dez milhões de dólares...

O CONQUISTADOR

(Cont. da pág. 47)

somos um para outro, também, nunca nos pode ser tirado. Não vê? E' parte de nós, há de ser sempre, ainda que separados.

— Meu anjo!

Russ invadiu a sala e encontrou os dois, não nos braços um do outro, como estava imaginando mas de mãos dadas. A expressão de ambos era de uma ternura extra-terrena.

Com um grito que poderia ter sido um soluço, Russ ergueu o braço. Mas antes que seu punho fechado batesse no queixo de Tommy, Russ já sabia que não estava surrando Tommy Graham porque o tivesse encontrado com Melinda nem porque Melinda o amasse — mas sim porque jamais ninguém tivera para êle a significação que compreendera que tinham um para o outro, e porque naquele agudo instante de lucidez tivera a revelação de que ninguém nunca teria.

Respostas ao teste

1—Sem herdeiros
2—Conquistador
3—Mesiva
4—Libél (do latim, libellum)
5—Oreognosia
6—Dente
7—Da flor
8—De ovelhas?
9—Dos cavaleiros de Carlos Magno
10—De pouco valor
11—Fazer ruido com um motor
12—Gabola
13—Perseguidor de escravo fugido
14—Pentassilaba
15—O ganso.



INVEJADA

AOS 50 ANOS!...

Bela, elegante, airosa, com sua personalidade marcante. Colo, mãos formosas, pele fresca e juvenil. Sem rugas, manchas, espinhas, sardas, ou outras quaisquer imperfeições da pele. Qual o segrêdo? O uso constante do bálsamo maravilhoso



Distr.: ARAUJO FREITAS - Rio

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) e recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

ESTE MUNDO E O OUTRO

CASA NOVA, HEIM?

Criação de DARCY













O ABRAÇO DA VITORIA — Luís Vinhais não pôde esconder o seu júbilo pela estréia vitoriosa do Brasil na olimpíada de futebol e abraça o capitão do time, Jansen. Em baixo, Larry, que marcou dois "goals" contra a Holanda.

NA OLIMPÍADA DO FUTEBOL

VITORIOSA ESTRÉIA DO BRASIL



Os holandeses ficaram espantados com a velocidade e o malabarismo de Humberto, o jovem meia-direita do Brasil, que em plena corrida num sem-pulo chutou.

DERROTADA A HOLANDA POR 5 x 1 ★ O COMITÉ OLÍMPICO CORTARA O FUTEBOL NA RELAÇÃO DOS ESPORTES QUE IRIAM A HELSINKI ★ A CÂMARA MUNICIPAL CUSTEOU A VIAGGEM ★ DOS 71 PAÍSES CONCORRENTES A EQUIPE DE FUTEBOL DO BRASIL A ÚNICA A CANTAR O SEU HINO NACIONAL ★ O GOAL DOS HOLANDESES ABRIU O CAMINHO DA VITÓRIA

PARECE inacreditável, mas o Comité Olímpico Brasileiro achou que o futebol amador nacional não tinha possibilidades nos Jogos Olímpicos de Helsinki, após um intenso preparo do selecionado. Os membros do Comité não se convenceram, nem mesmo diante da vitória do quadro amadorista ante o poderoso esquadrão de profissionais do Clube de Regatas Vasco da Gama, integrado pela maioria dos seus titulares. Achavam que os garotos não possuiam experiência para enfrentar os quadros europeus formados por profissionais com rótulos de amadores.

Depois de muita argumentação dos dirigentes do futebol os membros do Comité Olímpico cederam, mas não concederam verba para o esporte-rei do Brasil, e só permitiram a presença de futebolistas na Finlândia se também fôssem os rapazes do water-polo e do remo de contrapêso.

Criou-se o problema financeiro, o mesmo problema que teve a equipe norte-americana para levar os seus atletas à Helsinki. Lá os artistas do cinema e do rádio realizaram uma coleta popular e angariaram a quantia necessária, e aqui a Câmara Municipal, num golpe demagógico para responder à guerra que lhe fêz a imprensa e o rádio esportivo na questão da negativa de permitir os mesmos preços de 51 para os ingressos da Copa Rio de 52, concedeu um auxílio de um milhão de cruzeiros.

Depois de vencer inúmeras dificuldades foi para a Finlândia o selecionado brasileiro de futebol disposto a mostrar aos seus inimigos que nem só os profissionais fazem bonito, com a pelota, em campos estranhos. Capitaneando os amadores e veterano desportista Luís Vinhais, hábil condutor de atletas, a cujo ardor patriótico devemos a sensacional vitória na "Copa Rio Branco"



Mesmo debaixo dos chuveiros os amadores do futebol nacional, Vavá, Humberto, Larry, Waldir e Mauro não arrefeceram o seu entusiasmo pela estréia vitoriosa.

VITORIOSA ESTRÉIA DO BRASIL

de 1932, contra os uruguaios, em Montevidéu, que mereceu um romance de Mário Filho, e no campeonato da juventude amadorista, em Santiago do Chile em 1949, quando o Brasil conquistou o título de campeão.

Os frutos do trabalho de Vinhais não tardaram. Na Vila Olímpica de Helsinki a equipe de futebol chamou a atenção dos desportistas dos 71 países concorrentes, porque era a única turma que todos os dias hasteava o pavilhão brasileiro e cantava o hino nacional, numa vibrante demonstração de fé cívica.

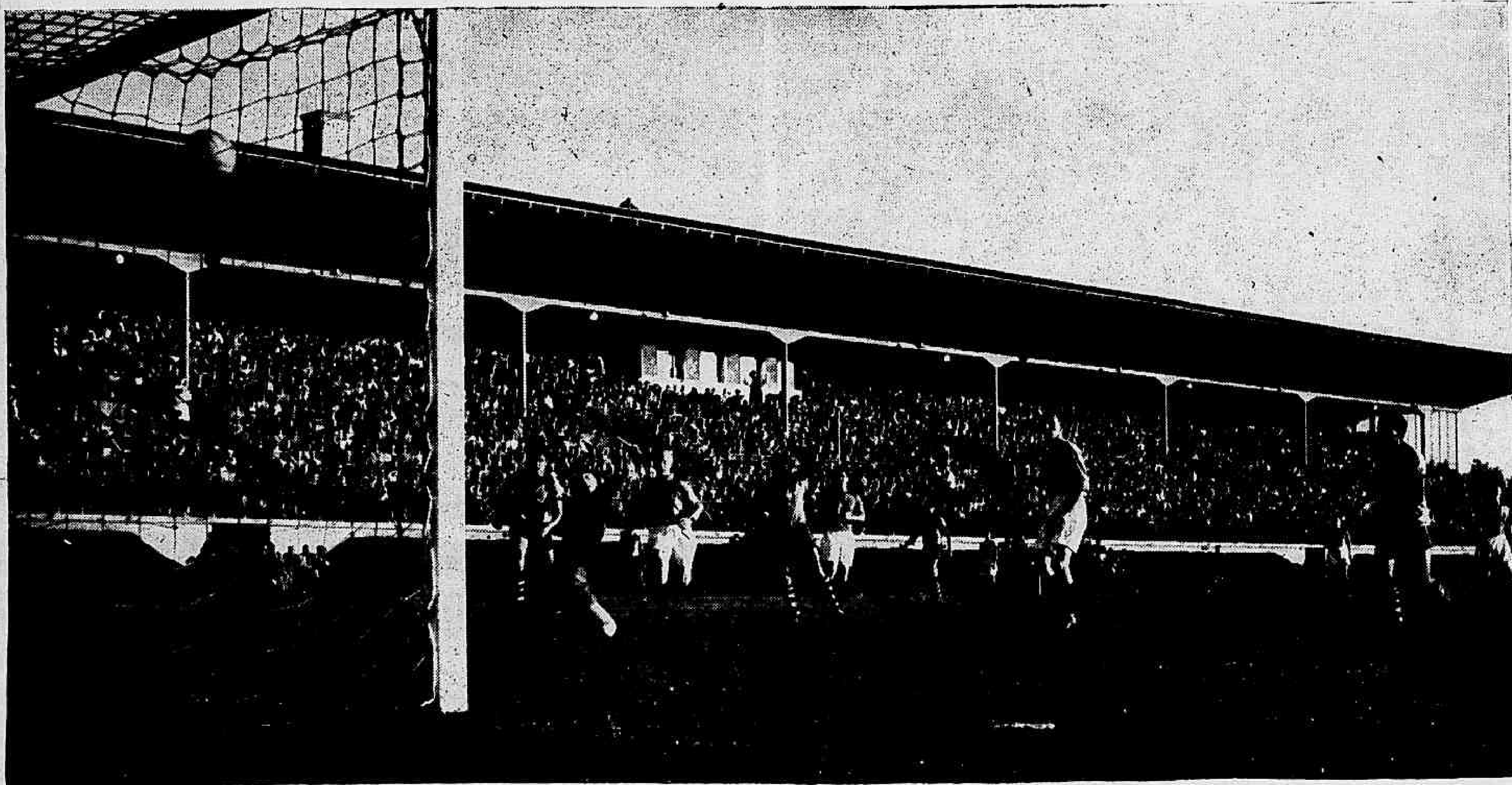
No sorteio das eliminatórias coube ao Brasil enfrentar na partida de estréia a forte equipe da Holanda na cidade de Turku, antigo Abo, ex-capital da Finlândia. Pela primeira vez na história do futebol brasileiro uma equipe participava de um torneio olímpico. Os holandeses se apresentavam com a sua fôrça máxima, o mesmo time dos seus jogos internacionais contra as mais fortes equipes da Europa. Todos receiavam a sorte dos nossos rapazes.

Começaram nervosos, indecisos. A defesa não se entendia, o ataque não conjugava. Faltava-lhes cancha internacional. Aproveitaram-se dêsse desentendimento os holandeses para abrir a contagem, por intermédio de Roessel cobrando úma penalidade de fora da área. Os nossos defensores fizeram mal a barreira, deixando um claro, por onde passou o tiro que venceu o goleiro Carlos Alberto. O "goal" dos holandeses foi o toque mágico, os brasileiros reagiram, passaram a comandar as ações e, aos 25 minutos, Humberto empatou. Sete minutos depois Larry marcou o segundo "goal", e a produção do time melhorava cada vez mais, e Larry tornou a marcar mais um "goal". Deliram os brasileiros presentes à partida. Depois do terceiro "goal" os nacionais começaram a dar um "baile" nos representantes do país das Tulipas. O técnico Newton Cardoso chamou a atenção dos seus pupilos para o abuso das filigranas. No segundo tempo os brasileiros marcaram mais dois "goals", por intermédio de Jansen e Vavá, finalizando a peleja com a espetacular vitória do Brasil por 5x1. O escore poderia ser mais dilatado, mas os garotos se desinteressaram do marcador.

O Major Sílvio de Magalhães Padilha, um dos membros do Comitê Olímpico que mais combateu a presença do futebol nas Olimpíadas, foi um dos primeiros a felicitar o supervisor Luís Vinhais e o técnico Newton Cardoso. O contra-almirante Paulo Meira, outro membro que se apôs ao futebol, deu a mão à palmatória após a brilhante exibição que empolgou aos finlandeses. Os holandeses, depois do jôgo, agradeceram aos brasileiros a lição de futebol.

Bastaria a vitória do Brasil sôbre a Holanda para justificar a viagem dos futebolistas amadores a Helsinki. Mas quatro dias depois os meninos, que na temporada passada ainda jogaram nos times de juvenis, prosseguiram em sua marcha vitoriosa vencendo a aguerrida equipe de Luxemburgo, que derrotara a Inglaterra por 2x1.

O médio Zózimo foi alvo da curiosidade dos filandeses. Ei-lo no vestiário sendo olhado como coisa rara no Ártico por um caçador de autógrafos da olimpíada.



Um dos dois "goals" que Humberto marcou contra a Holanda na peleja inaugural do Brasil na olimpíada de futebol, em Turku. O goleiro Krook nada fêz.



Antes da partida realizada entre o Brasil e a Holanda, quando ninguém acreditava nas possibilidades do futebol amador nacional: — Ao alto: troca de gentilezas entre os capitães, na presença do juiz italiano Bernardi, que arbitrou a peleja, e moças finlandesas com os seus trajes típicos. Em baixo, o time do Brasil: em pé, Mauro, Carlos Alberto, Waldir, Zozimo, Edézio e Edson; agachados: Milton, Humberto, Larry, Vavá e Jansen



ÚLTIMO FLASH



ADEMAR Ferreira da Silva, o atleta de São Paulo, acaba de conquistar para o Brasil, em memorável jornada olímpica, a medalha de ouro. O valoroso "sportsman" patrício pertence ao S. Paulo F. C., e já se consagrou campeão de salto, no Brasil, nas Américas, no mundo e agora bateu o super-recorde olímpico. Ademar é um jovem modesto que sempre viveu em sua terra natal, onde fêz os seus estudos e se preparou para a vida, ocupando hoje um pôsto no serviço municipal de São Paulo. Desde os primeiros anos de adolescente, revelou Ademar franca inclinação para a vida esportiva, à qual vem prestando sua participação decidida na difícil especialidade das provas de salto. Aquêle negro alto e de pernas longas realizou, em Helsinki, a maior proeza da atual Olimpíada batendo o recorde mundial do salto tríplice. A foto nos mostra o campeão brasileiro Ademar, no centro, que, com seu terrífico pulo de 16,22 m, alcançou um novo recorde olímpico para o salto tríplice. À esquerda, vemos o atleta russo Leonid Scherbakov que se colocou em segundo lugar, pulando 15,98 m. O terceiro lugar coube ao venezuelano Arnaldo Devonish, à direita, que pulou 15,52 m. Na foto, ainda aparece o Sr. J. Ferreira dos Santos, do Comitê Olímpico do Brasil, quando, após a entrega da medalha de ouro ao inigualável campeão patrício, estava sob as aclamações delirantes de 65 mil espectadores na maior assistência cosmopolita de Helsinki. Ademar atribui boa parte de suas vitórias, e principalmente essa sua extraordinária façanha, ao seu "coach", em São Paulo, Dietrich Gerdes, que foi quem lhe ensinou quase tudo o que sabe. O novo campeão olímpico foi promovido e teve um aumento de vencimentos dado pela Câmara Municipal de São Paulo, da qual é funcionário. Grandes manifestações estão sendo programadas para a recepção do campeão olímpico do salto tríplice, em São Paulo.



Projeto executado pela CASA NUNES

MÓVEIS E DECORAÇÕES

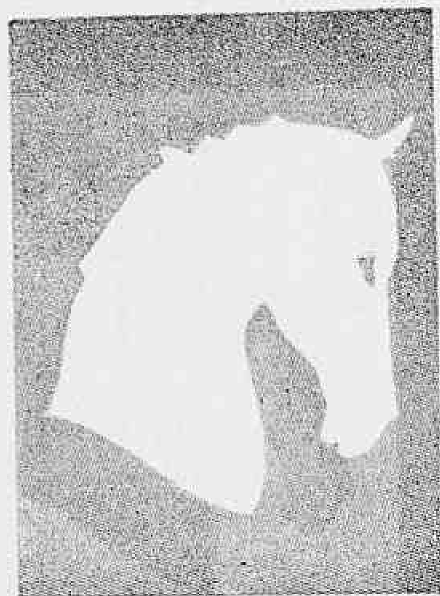
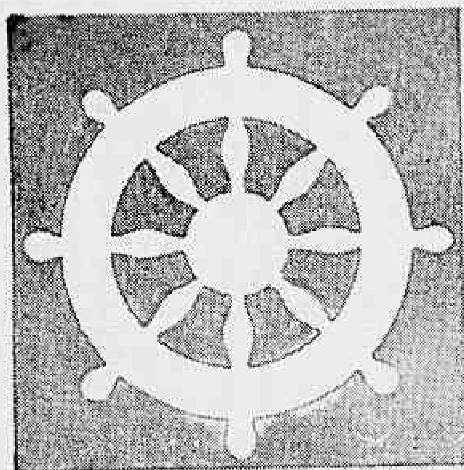
TAPÊTES e
PASSADEIRAS de FORRAÇÃO
durante as obras
a PREÇOS DE ARRAZAR!

GRUPOS ESTOFADOS

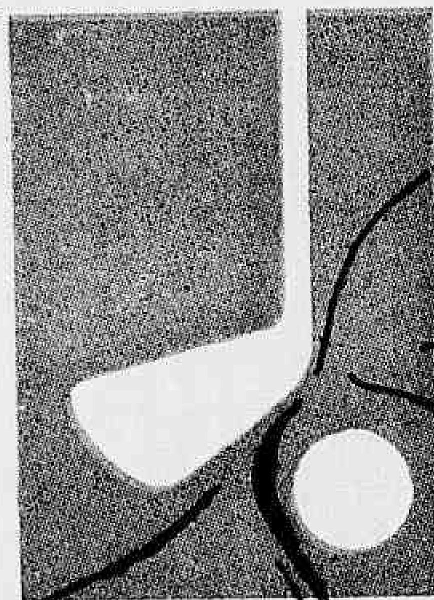
especialidade de nossas oficinas



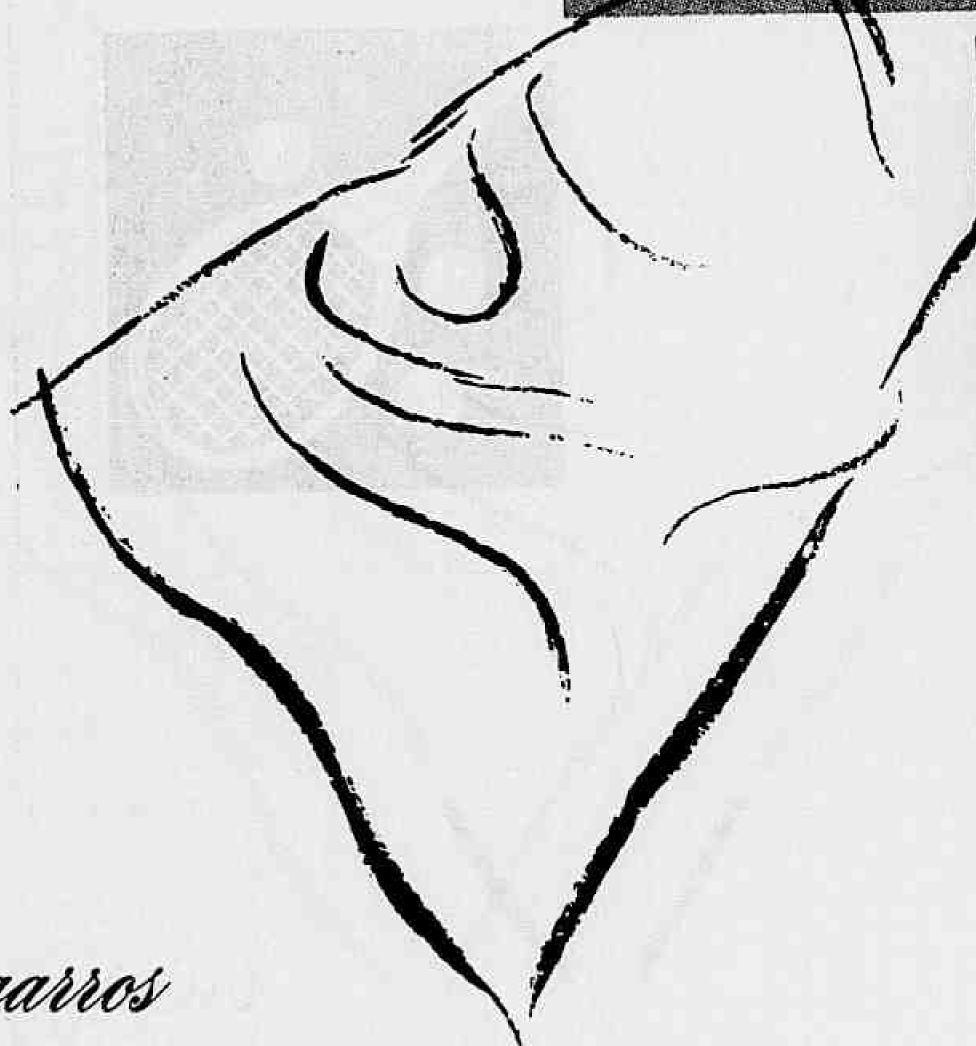
65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

o mais procurado em sua classe!




O prestígio ímpar
dos cigarros Hollywood
é o resultado
da consagração unânime
das pessoas
de bom gosto... amantes
da arte e dos
esportes aristocráticos.




cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

H-88.093

UM PRODUTO SOUZA CRUZ